

**MARILEIDE SANTANA LIMA**

**SÉRIE APONTAMENTOS – UM PERIÓDICO COMPROMETIDO COM  
A INTERAÇÃO ENTRE A LINGUAGEM FÍLMICA E OS SEUS  
ASPECTOS PEDAGÓGICOS**

Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Nove de Julho – Uninove  
São Paulo

2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**MARILEIDE SANTANA LIMA**

**SÉRIE APONTAMENTOS – UM PERIÓDICO COMPROMETIDO COM A  
INTERAÇÃO ENTRE A LINGUAGEM FÍLMICA E OS SEUS ASPECTOS  
PEDAGÓGICOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade Nove de Julho, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Bauer de Souza.

**São Paulo**

**2009**

Lima, Marileide Santana.

Série apontamentos: um periódico comprometido com a interação entre a linguagem fílmica e os seus aspectos pedagógicos. / Marileide Santana Lima. 2009.

116 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2009.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Bauer de Souza

CDU37

**MARILEIDE SANTANA LIMA**

**SÉRIE APONTAMENTOS – UM PERIÓDICO COMPROMETIDO COM  
A INTERAÇÃO ENTRE A LINGUAGEM FÍLMICA E OS SEUS  
ASPECTOS PEDAGÓGICOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes membros:

---

Prof. Dr. Carlos Bauer de Souza - Uninove  
Orientador.

---

Prof. Dr. José Rubens Lima Jardimino - Uninove  
Avaliador do Programa

---

Profa. Dra. Célia Maria Haas – Unicid  
Avaliador convidado

---

Profa. Dra. Ester Buffa – Uninove  
Avaliador suplente do programa

São Paulo, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

A Deolino e Alita, meus pais,  
e à Ana Clara, minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Carlos Bauer de Souza, que com sua competência, conhecimento, sensibilidade, bondade e paciência indicou-me as etapas a serem superadas na elaboração desse trabalho.

Aos professores do Mestrado, sempre prontos a oferecer-me ajuda.

Aos meus professores que desde meus primeiros anos escolares foram atenciosos e carinhosos.

À Madalena, diretora da EE Tenente Joaquim Marques da Silva Sobrinho, que me abriu as portas ao magistério.

Aos meus irmãos Solange, Edvaldo, Margarida, Verailza, Francisca, Marcos.

Às minhas amigas, Antonia, Dona Vitória, Ivoneide, Marie Rose, Denise, Débora, Fátima, Dirce Milani, Carmem Cecília, Rosalina, Daniela e Ana Paula e Ricardo.

Aos meus queridos companheiros de ideais da Comunidade Nossa Senhora do Carmo.

Aos meus colegas professores, que todos os dias encontram fôlego para fazer da escola, um espaço de boa convivência e criatividade.

À equipe do Centro de Referência Mário Covas, que com muita simpatia, estavam sempre prontos a fornecer os materiais necessários à minha pesquisa.

À Eunice pela revisão feita com amor e solidariedade.

A João Câncio, meu grande companheiro.

“Gosto de pensar na experimentação como na vela de um barco. Nunca se pode estar certo dos ventos, mas com mão segura pode-se manobrar as velas, pode-se ir aonde quiser; sem isso, não é possível nem mesmo deixar o porto”.

Inácio de Araújo, 1995

## SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....	VII
RESUMO.....	VIII
ABSTRACT.....	IX
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I – A METODOLOGIA.....	06
CAPÍTULO II - A CONTRIBUIÇÃO DA NOVA HISTÓRIA E A INSERÇÃO DO FILME NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA.....	11
2.1. Aspectos da Nova História contidos na Proposta Curricular de História para o 1º e 2º graus.....	11
2.2. Breve histórico da Videoteca Pedagógica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação.....	18
2.3 – Discussões acerca do filme e sua inserção no ensino de História - Aspectos pedagógicos.....	22
CAPÍTULO III - A SÉRIE APONTAMENTOS – UM APOIO PEDAGÓGICO AO TRABALHO DOCENTE.....	33
3.1. A Construção da Série Apontamentos.....	33
3.2. Desafios que permeiam a prática docente no uso do filme.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	63
MEMORIAL.....	68
ANEXOS.....	74
Anexo 1 - Catálogo da Primeira Versão da Série Apontamentos.....	74
Anexo 2 - Organização dos filmes da “Série Apontamentos”.....	79
Anexo 3 – Tabela - Coordenadores da CENP de 1983 a 1993.....	80
Anexo 4 - Coletânea “Lições com Cinema” - Edições de 1993 e 1994.....	81
Anexo 5 - Filmes da Videoteca Pedagógica da FDE e da “Série Apontamentos”...83	

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDUC – Centro de Documentação e Informação para a Educação  
CENP – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas  
CRE – Centro de Referência “Mário Covas”  
CUT – Central Única dos Trabalhadores  
DES – Delegacias de Ensino  
DPE - Diretoria de Projetos Especiais  
DVD – Drive Vídeo Disk  
ECA – Escola de Comunicação e Artes  
EE – Escola Estadual  
FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação  
LDB – Lei de Diretrizes e Bases  
LN – Luiz Nazário  
MDM – Maria Dora Mourão  
ONG – Organização Não-Governamental  
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais  
PNLD - Programa Nacional do Livro Didático  
SEE – Secretaria de Estado da Educação do Estado de São Paulo  
SP – São Paulo  
USP – Universidade de São Paulo  
UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
UNICAMP – Universidade de Campinas  
UNINOVE – Universidade Nove de Julho  
VHS – Vídeo Home System (Sistema de Vídeo Caseiro)

## RESUMO

LIMA, Marileide Santana. Série Apontamentos – um periódico comprometido com a interação entre a linguagem fílmica e os seus aspectos pedagógicos. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade Nove de Julho, 2009.

Esta pesquisa tem o intuito de apresentar a Série Apontamentos, um periódico que sugere, através de publicação textual, a interação entre a linguagem fílmica e os seus aspectos pedagógicos. Atenção especial é dada ao filme como instrumento de apoio à prática docente. Esse trabalho se insere na linha de pesquisa sobre a história e teoria da profissão docente. Para a realização dessa investigação, empregamos os seguintes procedimentos metodológicos: análise de documentos, periódicos, dissertações e bibliografia complementar à Série Apontamentos.

**Palavras-chave:** 1. Periódico 2. filme 3. História 4. Educação 5. Série Apontamentos

## ABSTRACT

LIMA, Marileide Santana. *Série Apontamentos* – a periodical engaged with the interaction between filmic language and its pedagogical aspects. Master's dissertation. São Paulo: Nove de Julho University, 2009.

This research has the intention to presents “*Série Apontamentos*”, a periodical that suggests, by publication text, the interaction between filmic language and its pedagogical aspects. Special attention is given to the film as a tool to support teaching practice. This work is inserted in the research of the history and theory of teaching profession. For the purposes of this inquiry, were used the following methodologies: analysis of documents, periodicals, dissertations, and complement literature of the “*Série Apontamentos*”.

**Keywords:** 1 – Periodical; 2 - Movie, 3 - History, 4 - Education, 5 – *Série Apontamentos*.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de estudar a Série Apontamentos, material produzido pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE, na década de 1990, para subsidiar as escolas de Ensino Fundamental e Médio na utilização do filme em sala de aula e que se constitui em uma fonte primária, utilizada por nós na construção da presente dissertação.

As novas vertentes de análise e produção histórico-educativa direcionam para uma renovação dos olhares sobre os documentos, sobretudo os arquivos que nos levam a uma abertura teórico-metodológica que incorpore as informações que eles dispõem.

A importância desses documentos vem sendo resgatada e ganhando visibilidade nos últimos anos, principalmente em Portugal, tendo como referência os trabalhos de Antonio Nóvoa e, no Brasil, os de Diana Vidal. O resgate dos documentos oficiais, de certo modo refletem a vida da instituição que a produziu, bem como as riquezas de informações do ideário pedagógico que os permeiam.

No caso da educação brasileira, o estudo de arquivos e periódicos ainda é incipiente, perceptível na historiografia nessa última década, o que se constitui em um desafio para os historiadores que desejam desenvolver seus trabalhos utilizando tais fontes para a elucidação da história da educação. Como nos afirma Mogarro (2005), em *Arquivos e Educação: a construção da memória educativa*:

Os documentos constituem produções múltiplas, que refletem a própria multidimensionalidade e complexidade das realidades escolares e formativas, assim como a diversidade e pluralidade dos meios de intervenção dos agentes educativos. (MOGARRO, 2005, p.83)

Ao iniciar a pesquisa que tem como fonte a “Série Apontamentos”, aqui concebido como um material primário, descobri apenas dois trabalhos que mencionavam diretamente a existência dessa publicação. Um desses trabalhos foi a Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Mackenzie, com o título “A série Apontamentos: uma proposta para utilização do cinema na sala de aula”

defendida em 2006 e outro, de Ana Cristina Venâncio da Silva sob o título “Uma videoteca para a educação: o projeto CEDUC – vídeo, a videoteca pedagógica e as publicações sobre cinema produzidas na FDE de 1988-1997”, dissertação defendida em 2009 na Universidade de São Paulo.

Outros trabalhos vinculam-se mais indiretamente à temática de recorrer ao filme como instrumento na prática pedagógica, porém não menos importante a Dissertação de Hélio Nogueira “Ler e ver: uma dialogia necessária” enriquece essa discussão numa perspectiva de mostrar como o filme está presente na prática pedagógica e a necessidade de uma alfabetização para a eficácia no uso de tal recurso. Nesse trabalho corrobora as afirmações de Hugo Assman (1996), o qual afirma:

São três os analfabetismos por derrotar hoje: o da lecto-escritura (saber ler e escrever), o sociocultural (saber em que tipo de sociedade se vive, por exemplo, saber o que são mecanismos de mercados) e tecnológico (saber interagir com máquinas complexas). Toda escola incompetente em algum desses aspectos é socialmente retrograda. Alfabetizar-se implica que a pessoa possa vivenciar aquelas experiências cognitivas que a habilitem para ser criativa, tomar iniciativas e desfrutar das oportunidades oferecidas por contextos cognitivos das sociedades de hoje. (ASSMANN, 1996, p.22)

A necessidade de ser alfabetizado para a leitura das imagens vai além da interação com a máquina que as reproduz. O fato de “não saber ler as imagens” (NOGUEIRA, 2003, p.20), pode levar o professor a considerar o uso de tal recurso como algo que está longe do seu alcance.

FRANCO (1988), em sua tese de doutorado “Escola Audiovisual” discute as possibilidades de trabalho com o filme e sobre as linguagens audiovisuais no ensino. Sua análise é sobre a trajetória do cinema e suas relações entre a sociedade e a educação. A contribuição desse trabalho se deu no sentido de ver as imagens fílmicas como mediadoras para o diálogo entre o professor e o aluno.

O resgate de um periódico como a Apontamentos relaciona-se a uma preocupação que tenho como historiadora em zelar pela preservação da “memória educativa”. Segundo Mogarro (2005) um dos elementos fundamentais para a compreensão da história da educação, é democratizar o acesso a essa fonte de informação bem como o potencial nela contido como documento revelador de uma proposta de prática pedagógica.

Embora essa discussão não constitua o cerne dessa pesquisa, saliento a importância de um estudo que considere as contribuições da nova história cultural pois permitem abordagens “adequadas às novas problemáticas, contribuindo para a compreensão dos discursos produzidos pelos actores educativos no interior do espaço social que ocupam” (Morgarro, 2005.p.89). Nesse sentido, a análise histórica procura a subjetividade inerente às relações sociais e os sentidos e estratégias que são desenvolvidos pelas comunidades, grupos e indivíduos (Chartier,1994).

Há nesse trabalho uma preocupação em apresentar o filme sob a ótica de FERRO (1992, p.13) como algo “capaz de intervir na História”, reconstruindo-a. Também é importante dizer que a sociedade poderá ser melhor compreendida na medida em que os estudos sobre os meios de comunicação de que dispõem forem adiante, pois ao longo da história, a comunicação tem cumprido um importante papel na aproximação dos povos, convergindo aspirações políticas, influenciando na produção material e nas condições da vida humana e, em nosso próprio tempo, o cinema transformou-se num poderoso instrumento de transmissão coletiva de informações e valores sociais.

Para apresentar o resultado dessa pesquisa o presente trabalho se organizou da seguinte maneira:

No Capítulo I - A metodologia utilizada na realização do trabalho; no Capítulo II - A contribuição da Nova História na construção da proposta de trabalho introduzindo o filme no ensino de história. Para isso, foi essencial conhecer a Proposta Curricular de História, para o 1º e 2º graus, que teve sua redação final em 1992. Tais propostas foram elaboradas pela Equipe técnica formada por professores universitários da Universidade Estadual Paulista – UNESP, da Universidade de São Paulo – USP e Universidade de Campinas – UNICAMP, a pedido da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP, órgão normatizador da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Nesse contexto, foi elaborada a Série Apontamentos; No capítulo III, intitulado A construção da Série Apontamentos, é exposta a estruturação da referida série e possibilidades de uso enquanto suporte de trabalho interdisciplinar. Seguem-se as considerações finais, referências bibliográficas memorial da pesquisadora e os anexos: Anexo 1 – Catálogo da Primeira versão da Série Apontamentos; Anexo 2 - Organização dos filmes da série

Apontamentos ; Anexo 3 – Tabela dos Coordenadores da CENP de 1983 a 1993; Anexo 4 – Coletânea “Lições com cinema” – Edições de 1993-1994 e Anexo 5 - Filmes da Videoteca Pedagógica da FDE e da “Série Apontamentos”.

“Se o professor pensa que a sua tarefa é ensinar o ABC e ignora a pessoa de seus estudantes e a condição em que vivem, obviamente não vai aprender a pensar politicamente ou talvez vá agir politicamente em termos conservadores, prendendo a sociedade a laços do passado, ao subterrâneo da cultura e da economia”.

Florestan Fernandes, 1986

## CAPÍTULO I

### METODOLOGIA

Para a concretização do projeto que objetivava inserir o filme no currículo escolar, a Secretaria Estadual da Educação (SEE) e a Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE)<sup>1</sup>, através da Proposta Curricular para o ensino de História, normatizaram os procedimentos pedagógicos em forma de manuais e roteiros destinados aos professores da rede pública do Estado de São Paulo.

Em virtude da necessidade de definição do objeto a ser pesquisado, condição *sine qua non*<sup>2</sup>, para os estudos acadêmicos no mestrado, meu Professor Orientador, Carlos Bauer de Souza, sugeriu que verificássemos a existência de fontes que nos aproximassem das produções oficiais relacionadas ao uso do filme, no Ensino de História. Foi assim que tomamos conhecimento do Centro de Documentação e Informação para a Educação - CEDUC e da Videoteca Pedagógica, lá existente. Observamos a existência de um catálogo denominado “Série Apontamentos” que nos chamou à atenção desde o princípio. Resolvemos então que este seria o objeto de estudo.

Para estudar a “Série Apontamentos”, realizamos uma pesquisa, para conhecer as discussões pedagógicas que estavam sendo feitas naquele período, priorizando as que tangiam ao ensino de História, bem como o que as Propostas Curriculares defendiam e propunham como inovação para a área em questão.

Após a leitura da Proposta Curricular de História do Primeiro e Segundo Grau, que traziam indicações do uso do filme como recurso pedagógico, buscamos informações junto ao Centro de Referência Mário Covas, sobre as orientações, projetos e publicações organizadas a partir da referida proposta, elaborados pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE.

---

<sup>1</sup> A Fundação para o Desenvolvimento da Educação, existe desde 2001, está voltada para o atendimento da escola pública paulista. Apóia os educadores e pesquisadores tanto de instituições públicas como privadas, abrindo-lhes as portas e disponibilizando seu acervo. Em seu interior pode-se consultar documentos ou emprestá-los, mediante cadastro.

<sup>2</sup> Expressão do Latim que significa: Indispensável.

Com o desenvolvimento da pesquisa, tomamos conhecimento da Videoteca Pedagógica, um dos projetos criados para atender as orientações da Secretaria de Estado da Educação/SP que visava instrumentalizar o professor da rede pública estadual, no uso do material fílmico em sala de aula.

Surgem publicações, como o periódico denominado “Série Apontamentos” e as “Lições com Cinema”, com o intuito de dar um tratamento mais elaborado ao conjunto de filmes da Videoteca Pedagógica da Fundação para o Desenvolvimento da educação – FDE, inserindo o uso de novas tecnologias nas escolas.

Os textos, que serão expostos nesse trabalho, entendem o filme como produto cinematográfico e como instrumento potencializador, no processo de ensino e aprendizagem.

Corroborando as afirmações de Ognier<sup>3</sup>, Catani e Bastos reforçam a importância da imprensa pedagógica e a vêem como produto de uma época em particular:

a imprensa pedagógica como reveladora de práticas e pensamentos institucionais como um *corpus* documental de vastas dimensões, constituindo um testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma época e da ideologia moral, política e social de um grupo profissional;(...) sendo, assim, um excelente “observatório”, uma “fotografia” da ideologia que preside. (CATANI e BASTOS, 1997,p. 49)

Segundo ainda o que argumentam e apontam Catani e Bastos,

O breve histórico da imprensa pedagógica no Brasil objetiva, sinalizar essa produção discursiva, com a intenção de constituir (...)um instrumento de trabalho para todos os historiadores que se interessam pelo estudo dos sistemas educativos e pela reconstituição de uma face do discurso pedagógico brasileiro. A criação de periódicos pedagógicos pode ser explicada tanto por fenômenos de ordem propriamente educativa, como por fatos de ordem social ou de ordem política. (CATANI e BASTOS,1997,p. 173-4).

O estudo sobre a “Série Apontamentos” está inserido em um contexto, no qual observamos uma forte tendência da Historiografia e da História da Educação

---

<sup>3</sup> Apud.OGNIER, P. L'ideologie des fondateurs et des administrateurs de l'école Republicaine à travers de la “Revue Pédagogique, de 1878 a 1900. Revue Francaise de Pedagogie. Paris, (66):7-14, jan/fev/mars 1984.

em revisitar as possibilidades de estudo e pesquisa, a partir de periódicos, acervos institucionais, manuais e documentos reproduzidos (digitados ou digitalizados), principalmente, pelo seu aspecto de documento oficial, renovando as práticas de pesquisa e suscitando o uso de um novo aporte teórico-metodológico:

Há pouco mais de duas décadas, as pesquisas no campo da história da educação têm sido revitalizadas em função da ascensão da história cultural, no panorama historiográfico mundial. Por essa ótica, sujeitos, saberes e práticas escolares têm adquirido centralidade como objetos de pesquisa, estabelecendo assim as necessárias conexões entre história e história da educação. Paralelamente a esse alargamento de objetos, assistiu-se também a uma diversificação no repertório do corpus documental, permanentemente problematizado e reinterpretado à luz de novos referenciais teóricos. (LOPES, 2005, p.44)

Como nos mostrou Catani e Bastos, a contribuição de Antonio Nóvoa, um dos pioneiros no estudo de periódicos, ajudou a desmistificar o uso dessa fonte por parte de outros pesquisadores. Em seu texto *“A Imprensa de Educação e Ensino: concepção e organização do repertório português”*, ele afirma que :

A imprensa é, provavelmente, o local que facilita um melhor conhecimento das realidades educativas, uma vez que aqui se manifestam, de um ou de outro modo, o conjunto dos problemas desta área. É difícil imaginar um meio mais útil para compreender as relações entre a teoria e a prática, entre os projectos e as realidades, entre a tradição e a inovação. São as características próprias da imprensa (a proximidade em relação ao conhecimento, o carácter fugaz e polêmico, a vontade de intervir na realidade) que lhe conferem este estatuto histórico e sociológico da educação e da pedagogia. (NÓVOA, Apud:Catani e Bastos, 1997,p.31)

Busquei autores que também tivessem manifestado em seus estudos uma preocupação em fornecer ao professor amparo pedagógico em sua ação cotidiana na utilização do filme em sala de aula. Destaco, entre outros, a existência de dois trabalhos acadêmicos, um de HÉlvio Nogueira e outro de Regina Santos de Oliveira Mello, esta última, inclusive, cita, brevemente, a “Série Apontamentos”.

Assim, a pesquisa foi se construindo, objetivando levar ao conhecimento do público e, em particular, dos professores de História, a existência da “Série Apontamentos” e sua utilização em sala de aula.

A hipótese central desse estudo baseou-se na idéia de que a “Série Apontamentos” pode enriquecer a prática escolar, uma vez que traz formas de utilização do filme, para além de material, meramente, ilustrativo e contribui, possivelmente, para uma ação educativa que prioriza a interação entre alunos e professores.

Vale ressaltar também a importância de lançarmos um novo olhar sobre a história cultural da sociedade, tendência que, nas três últimas décadas, vem permeando a historiografia brasileira. Notamos que da história social da cultura passou-se para uma história cultural da sociedade. A sociedade, em si mesma, passou a ser vista também como uma representação coletiva, e o repertório temático ampliou-se na direção que poderia ser designado como a representação do imaginário. Assim, os símbolos, as imagens, as mentalidades, as práticas culturais são lugares de exercício de poder, considerando que as representações do mundo social são sempre determinadas por um grupo social que a forja. Nesse sentido, Chartier (1993), afirma:

A história cultural tal como a entendemos tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1993, p.17).

No capítulo a seguir serão apresentadas as contribuições da nova história numa perspectiva de compreender como se originou o projeto de construção da “Série Apontamentos” e como se organizou a proposta desse periódico<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Periódico: Adjetivo. 1. Que acontece em intervalos regulares; que volta ou se renova de tempos a tempos. – 2. Que é publicado com regularidade. (Dicionário Aurélio)

“A história, como as outras formas de conhecimento da realidade, está sempre se constituindo: o conhecimento que ela produz nunca é perfeito ou acabado”.

Vavy Pacheco Borges, 2006.

## **CAPÍTULO II**

### **A CONTRIBUIÇÃO DA NOVA HISTÓRIA E A INSERÇÃO DO FILME NA DISCIPLINA DE HISTÓRIA.**

## **2.1. Aspectos da Nova História contidos na Proposta Curricular de História para o 1º e 2º graus.**

A fase de contestação e de pura crítica da educação já foi superada, menos porque os intelectuais vêm argumentando sobre a insuficiência das teorias críticas, do que pela força do envolvimento e do engajamento prático dos educadores. A superação de uma fase histórica da educação não se dá por força da idéias, mas estas é que se modificam, em função das práticas sociais dos educadores e do movimento social e político. Esse parece ser o caso da experiência que pretendemos estudar e analisar ao longo da presente dissertação.

No início da década de 1990, tivemos através de iniciativas e estratégias desenvolvidas pela Secretaria Estadual da Educação de São Paulo a proposta de se introduzir novos recursos pedagógicos para serem utilizados pelos professores nas escolas públicas paulistas. Desse modo, a imprensa pedagógica, se constituiu em um dos meios mais eficazes de divulgação, dos projetos educacionais, tornando-se indispensável para se conhecer o sistema de ensino, bem como as propostas curriculares que estavam sendo finalizadas.

Ao longo da década mencionada, observamos iniciativas governamentais de aproximar a escola e o cinema, numa perspectiva de apresentar tal instrumento como auxiliar no trabalho pedagógico<sup>5</sup>.

Para tal foram criados programas relacionados à Educação Básica que se concretizaram na forma de novas Propostas Curriculares. No campo da História, veremos a busca por novos temas e novos documentos.

A história social passa a ser “redimensionada e os estudos sobre as classes trabalhadoras são ampliados e enriquecidos” (FONSECA, 1985, p.85). Tais

---

<sup>5</sup> Vemos hoje no Estado de São Paulo, que essa idéia foi incorporada em sua totalidade no Currículo Oficial do Ensino Fundamental e Médio, concretizado com o Programa “Cultura é Currículo”.

propostas expressavam sua crítica sobre o período autoritário e centralizador que vigorava até aquele momento<sup>6</sup>.

Essa afirmação nos leva a concordar com PopKewitz (1997) que afirma:

A reforma do sistema educacional obedece, em cada momento, às necessidades impostas pelas condições econômicas e sociais mais gerais da sociedade e sua formulação e implementação estão sujeitas à correlação de forças existentes entre o poder político vigente e o conjunto das forças sociais, sobretudo as diretamente envolvidas na questão educacional. (Popkewitz, *apud* GENTILI, 1997, p.3)

Havia uma preocupação para não considerar as Propostas Curriculares como uma panacéia que resolveria todos os problemas ou mesmo como sendo a causa de todos os males e fracassos do ensino. Para Carbonell, é preciso analisar criticamente, “os diferentes ingredientes, processos, apoios e resistências, relações de poder e interesses manifestos ou ocultos que confluem em toda reforma”. (CARBONELL, 2002, p. 22).

No período em questão, os adeptos da Nova História começaram a ganhar espaço nas discussões acadêmicas. Às fontes históricas foram dadas novas interpretações que contribuíram para reformular o significado de documento.

Segundo LE GOFF (2001), um dos representantes desse novo modo de compreender o sentido do documento:

A história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e Seignobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escrito de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc. Uma estatística, uma curva de preços, uma fotografia, um filme, ou, para um passado mais distante, um pólen fóssil, uma ferramenta,

---

<sup>6</sup> Segundo participantes do processo, a Coordenadoria dos Estudos e Normas Pedagógicas – CENP reuniu, em outubro de 1984, professores representantes de História das diversas Delegacias de Ensino (DES) do Estado de São Paulo, para reflexões acerca de uma reformulação curricular em conjunto com a equipe técnica de História. Com a continuidade de encontros realizados na CENP, ao longo de 1985 e 1986, reunindo estes professores (que repassavam as discussões em suas respectivas regiões), iniciou-se o processo de elaboração de uma nova proposta curricular para o ensino de História no 1º e 2º graus, contando em 1986 com a assessoria dos professores Déa R. Fenelon (PUC-SP) e Marcos A. Silva (USP). Fonte: São Paulo (SEE/CENP), Proposta Curricular de História – 1º grau, 1986, p.3)

um ex-voto são, para a história nova, documentos de primeira ordem (LE GOFF, 2001, p, 28-9).

A contribuição da Nova História, tanto francesa quanto inglesa, incorporada na Proposta Curricular de História, procurava romper com a “concepção evolucionista, etapista, determinista que caracterizava certas correntes historiográficas, algumas vertentes do marxismo, positivismo, historicismo e estruturalismo” (Proposta Curricular de História de 1º Grau - CENP, 1992, p.11), e ampliar a visão de documento, propondo uma história para além das fontes escritas e lançando mão de elementos como os sentimentos, instintos, cheiro, medo, amor, lágrimas, clima, culinária, vestuário, dentre outros aspectos nunca trazidos com tanta centralidade para as discussões na história.

Diante das mudanças e das exigências impostas pela Nova Historiografia, Bittencourt, (1998), afirma que:

Nessa conjuntura surgiram novas exigências para a disciplina e, diante de tais perspectivas, uma questão que então se colocava ou ainda se coloca, para referenciar o ensino e a aprendizagem de História, é a de identificar as relações entre as atuais necessidades da sociedade contemporânea e o conhecimento histórico a ser veiculado pelas propostas curriculares. (BITTENCOURT, 1998, p.14).

As reformulações educacionais ocorridas atendiam a uma demanda, principalmente, por parte dos educadores, para que fossem revistos os currículos que vigoravam desde os anos de 1970. Havia constatações feitas pela Secretaria Estadual da Educação, que nos apontavam para a falência das propostas de ensino anteriores<sup>7</sup>. Estas não conseguiram equacionar o desinteresse dos alunos pelos conteúdos escolares; dessa forma, urgia priorizar o fracasso escolar, a repetência e a evasão como questões a serem vencidas com uma nova Proposta Curricular para o ensino da disciplina de História. (MELLO, 1994).

---

<sup>7</sup> Esses dados foram sintetizados pela Secretaria Estadual da Educação, a qual afirmava que de 1981 a 1995, apenas 55% das crianças eram promovidas e 44% acabavam desistindo da escola no meio do processo. No final da 5ª série, ainda ocorria a reprovação de 34% dos alunos. (Fonte: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais).

Outro fator importante a ser considerado, foram as transformações observadas no campo das novas tecnologias e sua inserção na educação, principalmente no final do século XX.<sup>8</sup>

Veremos que o recurso fílmico passou a ser fortemente discutido e retomado nos projetos educacionais como instrumento capaz de desenvolver nos alunos “sua capacidade de análise”. (Proposta Curricular de História para o Segundo Grau, 1992, p.23)<sup>9</sup>.

A Proposta Curricular de História que teve sua última versão publicada em 1992, sugeria aos professores ações pedagógicas para melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Tal Proposta deveria levar a uma reformulação geral da escola e seus objetivos e sua relação com a sociedade.

A escola pública deve se afastar do modelo atual, em que figura como célula de um imenso organismo uniforme da organização burocrática do sistema de ensino. Ela deve se transformar, ao contrário, em organismo vivo e atuante na vida da sociedade. Deverá ser uma escola capaz de reformular-se e adaptar-se, com vistas à concretização de seus objetivos e para atendê-los, o Estado deve redefinir sua relação com a escola e rever a qualidade de seus vínculos com a sociedade. (*Proposta Curricular de História*, 1992, p.05).

Assim vistos, os filmes, sob a perspectiva da Nova História, deixariam de ser simples objeto de diversão e passariam a ser instrumentos de apoio no trabalho do professor de um modo geral. Aos poucos as propostas de trabalho dessa natureza criadas pela Secretaria de Estado da Educação (SEE) passaram a ser divulgadas pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE) através de material elaborado por uma equipe de pesquisadores e especialistas nos estudos da arte fílmica.<sup>10</sup>

Desse modo, não bastava apenas ver o filme como uma obra de arte, mas como um produto com significações que iam além da linguagem do cinema, como a

---

<sup>8</sup> O uso de novas tecnologias foi incentivado principalmente pelo envio de materiais audiovisuais e livros paradidáticos às escolas da rede pública estadual, inscritas no Projeto Educacional Escola Padrão, que compunha o Programa de Reforma do ensino Público do Estado de São Paulo do governo de Luiz Antonio Fleury Filho.

<sup>9</sup> Em 1937, através da Lei 378, de 13 de janeiro de 1937, no Artigo 40, lê-se: “Fica creado (*sic*) o Instituto Nacional de Cinema Educativo, destinado a promover e orientar a utilização da cinematographia, especialmente como processo auxiliar de ensino, e ainda como meio de educação popular em geral”.

<sup>10</sup> Cristina Bruzzo e Antonio Rebouças Falcão coordenadores da equipe que concluirá o Projeto da Videoteca Pedagógica da FDE e da coleção “Lições com cinema”.

própria História. Ferro (1992) afirma que o filme ‘imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História’. Sendo assim,

É preciso analisar no filme tanto a narrativa quanto o cenário, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é filme: o autor, a produção, o público, a crítica, o regime de governo. Só assim se pode chegar à compreensão não apenas da obra, mas também da realidade que representa”. (FERRO, 1992, p. 87)

A crítica sobre o filme, realizada pelo professor e pelo aluno em sala de aula, deveria integrar-se ao mundo que os rodeia. Sob essa ótica, os pesquisadores elaboraram um material de apoio que possibilitasse a interação entre os fatos históricos e a vivência dos alunos, rompendo com a dicotomia entre o fato estudado e o sujeito que o produziu<sup>11</sup>.

A Proposta Curricular de História veiculada naquele momento acreditava na divisão dos fatos históricos em períodos, para possibilitar aos alunos um conhecimento geral dos conteúdos. Assim, seriando os acontecimentos em um eixo espaço-temporal: Antigüidade, Idade Média, Moderna e Contemporânea, e no caso da História do Brasil: Colônia, Império e República, seria facilitada a aproximação dos alunos da história em sua totalidade.

Havia, claramente, um processo para redimensionar as relações com o passado e buscar novos caminhos para o ensino da disciplina de História.

Bittencourt (1998), então, falando sobre a introdução dos eixos temáticos afirmava:

[...] embora pequem pela imprecisão em discernir eixos temáticos escolares de história temática tal qual tem sido realizada pela pesquisa historiográfica, justificam a opção pela constatação da impossibilidade de se ‘estudar toda a história da humanidade’ e como meio de superar a noção de tempo evolutivo [...] (BITTENCOURT, 1998, p.16).

Outro conceito explícito na proposta anterior à de 1992, conhecida como “verdão”<sup>12</sup>, era a idéia de que bastaria estudar os aspectos sociais, econômicos, culturais, políticos e administrativos que se obteria uma história conceitualmente pronta e acabada, discussão amplamente refutada pela Nova História mencionada anteriormente.

<sup>11</sup> Esse material de apoio é parte integrante dos projetos a serem desenvolvidos nas décadas de 1980 e 1990, sendo a Série Apontamentos um desses projetos.

<sup>12</sup> A Proposta anterior à de 1992, trazia uma capa verde, daí a utilização corrente dessa alusão.

As reformulações pelas quais passou a Proposta Curricular de História desde a sua primeira versão<sup>13</sup>, resultaram numa história que, tendo seu conteúdo unido em blocos de estudo, permitiria ao aluno obter uma compreensão mais abrangente do fato histórico uma vez que:

Se a História por períodos caminha do todo para as partes, do geral para o particular, do abstrato para o concreto, do passado para o presente, a História ensinada a partir dos eixos temáticos pode indicar um caminho diverso. Transitando das partes para o todo e deste para as partes, realiza um constante vai e vem que torna possível o desvendamento das múltiplas contradições do social. Esse movimento do tempo, (entendido como contradição e não como evolução progressiva), permite a reconstituição crítica da história (Proposta Curricular para o ensino de História, 1992, p. 12).

Nela também havia um convite do aluno à reflexão sobre os fatos, tirando do professor o papel de detentor do conhecimento:

Nesta opção, não há conteúdos ou seqüências obrigatórias; os professores têm a liberdade de, juntamente com os alunos, escolher temas, assuntos, épocas que se deseja estudar. A mudança supõe uma visão de história que não exige o conhecimento de toda a História da humanidade em todos os tempos, mas a capacidade de reflexão sobre qualquer momento da História (Proposta Curricular para o ensino de História, 1992, pág.12).

A tarefa do professor seria, assim, a de:

[...] prepará-los para conhecerem pessoas e realidades distantes no tempo e no espaço e serem capazes de lhes atribuir significados pessoais. Por essa razão o afastamento da realidade que os cerca será gradual. A identificação das noções *eu*,  *você*,  *nós* e  *eles*, é necessária ao processo de descentralização deles e à construção do conhecimento histórico. (Proposta Curricular de História, 1992, p.15)

---

<sup>13</sup> Vale dizer que a Proposta teve cinco versões. De 1986 a 1988, foram editadas três versões preliminares de uma Proposta Curricular para o ensino de História, destinada ao primeiro grau, elaboradas pelas professoras Annelise M. Muller de Carvalho, Cecília Hanna Mate, Maria Antonieta Martinez Antonacci, Maria Aparecida de Aquino, Maria Cândida Delgado Reis e Salma Nicolau – que naquele momento compunham a equipe técnica de História da CENP. Essa equipe foi assessorada por Déa Fenelon e Marcos A. Silva. As duas últimas versões são de 1991 e 1992. Enquanto as três primeiras foram elaboradas no interior da CENP com a participação dos professores da rede pública de 1º e 2º graus, as duas últimas foram produzidas por professores universitários Ernesta Zamboni (UNICAMP), Kátia Maria Abud e Luis Koshiba (UNESP) e Maria Helena Capelato (USP), contratadas para esse fim. Coube a Ernesta Zamboni (UNICAMP) e Kátia Abud (UNESP) a versão final válida até a proposição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1996.

Os professores responsáveis pela proposta, por acreditarem que a história não se fazia desconsiderando aspectos do real vivido pelos sujeitos que a construía, retomaram a discussão sobre as possibilidades de exploração da História do Cotidiano e que estas deveriam ser incorporadas na prática pedagógica do professor:

[...] o professor não deve subestimar a força dos valores dominantes veiculados por todos os meios aos quais as crianças estão expostas desde a mais tenra idade. [...] Os valores se impõem através de práticas rotineiras, repetitivas, ditadas pela lógica do sistema e cumprem o papel de reafirmação do existente [...]. Tais práticas produzem experiências que levam ao desenvolvimento do espírito crítico; é a reflexão sobre elas que altera o ponto de vista do senso comum e estabelece novos ângulos para a percepção e compreensão do mundo em que se vive (Proposta Curricular História, 1992, p. 13).

A Proposta Curricular de História assumia um caráter inovador ao propor uma flexibilidade curricular na montagem e organização dos conteúdos dessa disciplina. Tal proposta fundamenta-se, segundo seus autores,

numa concepção de História que, ao estabelecer uma relação crítica com a segmentação passado/presente/futuro e com uma visão processual progressiva concebida em princípio/meio/fim teoricamente traçados convive com o indeterminado, o diferenciado, dentro de uma perspectiva de que a História é uma prática social e o vir a ser é construído pelo ser social em suas várias dimensões do presente. (FONSECA. Apud: Proposta Curricular para o ensino de História, 1986, p. 4).

No bojo dessas novas concepções a respeito do ensino e na esteira de oferecer material diversificado aos professores da rede pública estadual, surge o projeto da Videoteca Pedagógica organizado pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE).

Foi inserido à Videoteca Pedagógica, o Projeto “Série Apontamentos”, que possui oficialmente 467 títulos digitalizados com os respectivos apontamentos impressos.<sup>14</sup> Esse material visa subsidiar e enriquecer a prática pedagógica, acrescentando mais conteúdo aos filmes existentes, ao disponibilizar um estudo

---

<sup>14</sup> A “Série Apontamentos” possui 467 títulos digitalizados. Em 1997, o projeto foi interrompido e 21 títulos não tiveram sua impressão concluída. Logo, no catálogo impresso só existem 446 apontamentos.

mais detalhado sobre os elementos que possibilitam ao aluno e ao professor compreender aspectos da linguagem cinematográfica e do contexto histórico. Cada apontamento sugere outros filmes correlatos.

A equipe de professores que organizou a “Série Apontamentos” era proveniente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), da Universidade de São Paulo (USP), Historiadores e Críticos de Cinema.<sup>15</sup>

Em nossa opinião, o conhecimento e a leitura crítica e sistematizada do passado educacional é uma tarefa imprescindível da história da educação, mas existem outras como teorizar sobre a prática docente nesses dias de desalento que atravessa a escola pública em nosso país e, neste instante, refletir sobre os muitos erros e acertos que aparecem nesse percurso, não os tomando como exemplos a serem simplesmente evitados ou reproduzidos mecanicamente, porém como exemplos que precisam ser constante e criticamente revisitados.

Abria-se, na educação paulista, naquele momento, uma discussão em torno dos recursos que deveriam ser disponibilizados aos professores, para que suas ações pedagógicas fossem se aproximando cada vez mais da Proposta Curricular que passava a valer a partir de então.

## **2.2 – Breve Histórico sobre a Videoteca Pedagógica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação.**

Em 1988, antes da constituição do acervo, da implantação dos primeiros serviços e da edição dos produtos impressos, a equipe técnica da Fundação para o Desenvolvimento da Educação - FDE<sup>16</sup> viu a necessidade de realizar um levantamento efetivo do suporte videográfico, já existente nas escolas da rede pública paulista, bem como a de examinar o que o mercado oferecia aos professores e o modo como era feito.

---

<sup>15</sup> Equipes Técnicas- FD- 1988-1997: 1988/1997 – Antonio Rebouças Falcão; 1988/1996 – Cristina Bruzzo; 1988/1992 – Joely A. Matheus; 1990/1996 – Alessandra Matheus Cruz; 1991/1995 – Jurema R. Corrêa Panza(\*); 1992/1996 – Sílvia Maria Tomassini.

(\*). Ainda faz parte da Equipe da Fundação para o Desenvolvimento da Educação.

<sup>16</sup> A equipe técnica era formada por: Maria Salles (Coordenação), Amélia Yaeko Tanaka, Ana Maria Gil, Antonio Rebouças Falcão, Helvécio Eduardo Lima, Isabel A. Carmezini Seco, Luiz Horácio Basualdo, Maria Mieko Hiratami Kano e o consultor Antonio Augusto Ferreira.

Ao final da década de 80, as facilidades e potencialidades do meio davam um caráter inovador ao recurso, para finalidades educacionais, embora os aparelhos videográficos fossem ainda caros.

Muitos professores logo se renderam a essa inovação em suas aulas. Inicialmente, de forma isolada, o fizeram sem noção das implicações quanto à metodologia usada. Digamos que foi uma ação pioneira e de forma intuitiva.

Muitas escolas para tomarem parte das mudanças tecnológicas efervescentes do período, realizaram festas, campanhas para arrecadar fundos que permitissem a aquisição dos aparelhos. A demanda escolar pela novidade era evidente.

A equipe técnica começou então a realizar a pesquisa dos títulos disponibilizados no mercado e os caminhos de acesso existentes. Os títulos didáticos propriamente ditos, aqueles de demanda previsível, existiam em pequeno número e eram muito caros, dificultando ainda mais o acesso do professor a esse material.

Assim, a constituição do acervo das escolas se deu, informalmente, com a gravação de programas veiculados pelos canais de televisão comercial.

Surge então a idéia de se montar um acervo que, ao mesmo tempo, atendesse às áreas curriculares sem dependência do que o mercado oferecia, e que favorecesse a familiarização crítica dos professores e alunos com a linguagem cinematográfica, em suas múltiplas formas e técnicas, preparando-os por extensão, para o uso adequado do meio audiovisual como recurso didático-pedagógico.

A escola vinha tentando dar o devido peso à Arte e à Cultura em suas atividades cotidianas, porém dispunha de poucos meios.

Considerando-se que o Cinema é uma arte narrativa por excelência e, no âmbito das relações escolares, as disciplinas, em especial a de História, estavam prisioneiras de um ensino desprovido de sentido e quando muito, priorizava a preparação para o vestibular, por que, não, se postular uma aproximação entre o cinema e o ensino escolar? Afinal de contas, também, na escola, urgia novas opções e iniciativas.

Assim, surgiu a idéia de constituir um acervo que valorizasse a Arte Cinematográfica, preenchesse a lacuna da metodologia e atendesse às áreas curriculares, fugindo dos procedimentos habituais e repetitivos do ensino tradicional.

Tinha-se em mente o princípio de que a utilidade pedagógica de um filme estava mais no tratamento dado pelo educador e menos em seu conteúdo expresso ou suposto. Um tratamento que contemplasse as intenções significativas manifestas na obra por seu realizador e os propósitos educacionais de quem dela se servisse.

Se a Historiografia já buscava fontes alternativas, por que não montar um acervo significativo de filmes? Esta questão motivou ainda mais os coordenadores Cristina Bruzzo e Antonio Rebouças Falcão<sup>17</sup>a intensificarem as suas pesquisas. Se fora da escola o consumo de filmes em vídeo cada vez mais tomava tantas horas e despertava tanto o interesse nos professores e alunos, por que não convidar a escola a refletir sobre o meio, sobre as diferentes formas de representação do mundo e de construção do conhecimento, algo que as universidades já estavam fazendo há bom tempo?

No que se referia a desmistificar o recurso que, naquele momento, tendia a tornar-se panacéia para alguns e temeridade para outros, a equipe optou por preparar publicações específicas com subsídio pedagógico e informativo impresso, para cada título disponível, dando origem à “Série Apontamentos”. O professor, através dela, tem acesso às informações básicas sobre a dimensão cinematográfica, com aspectos determinantes da produção, direção, roteirização, montagem, fotografia, música e interpretação e às diferentes formas de tratar o conteúdo de cada assunto em sala de aula. Como veremos no cerne dessa pesquisa, todos os textos foram produzidos por profissionais contratados para esse fim. Essa série contém informações que o professor não teria como obter, por não serem peculiares ao seu campo de atividade.

Os coordenadores indicam o recurso fílmico “quando nenhum outro de conhecimento do professor fosse melhor” (FDE, 1997, p.10).

A videoteca não seria uma locadora pública com oferta gratuita de títulos para alunos. A utilização desse acervo está vinculada ao processo pedagógico, desenvolvido pelo professor, visando uma atividade diferenciada.

---

<sup>17</sup> Coordenadores da Equipe Técnica.

A videoteca possui três acervos distintos: o **Geral**, o da **Produção FDE** e o do **Projeto Videoteca**.

O **Geral** reúne a maior variedade de títulos, entre didáticos, ficcionais e documentais. Alguns exemplares estão disponíveis apenas para consulta interna, logo não podem circular, pois o acervo só dispõe de um único exemplar. A origem desse acervo está em aquisições de títulos por outras agências da FDE, em doações feitas por outras instituições públicas e privadas e em trocas de produções por intercâmbio entre as instituições afins.

O segundo acervo, o da **Produção FDE**, agrupa os vídeos produzidos pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação ou mediante contratação de produtoras terceirizadas, atendendo a seus projetos específicos.

O terceiro, **Projeto Videoteca**, é constituído de títulos acompanhados de publicações especialmente produzidos para dar suporte ao professor na utilização dos vídeos em sala de aula, levando em conta que a produção original destinava-se às salas de cinema. É o maior número; entretanto, há também as produções videográficas propriamente ditas.

A primeira impressão do Catálogo da Videoteca Pedagógica deu-se em 1990 e contava com 130 títulos. Foram publicadas cinco edições.

O conjunto das publicações é formado por duas séries: *Apontamentos e Coletânea Lições com Cinema*.

Todas as disciplinas curriculares foram contempladas com estudos específicos sobre os filmes existentes no acervo. Estão presentes títulos ligados às Artes Plásticas, Cinema, Fotografia, Música e Teatro; Pedagogia, Psicologia, Química, Sociologia, Alfabetização, Antropologia, Biologia, Educação Física, Filosofia, Física, Geografia, História, Informática, Língua Portuguesa, Literatura, Literatura Brasileira, Matemática, Meio ambiente e Recreação<sup>18</sup>.

O projeto de criação da videoteca teve início em 1988 e foi finalizado em 1994. Hoje, possui, aproximadamente, 1318 filmes catalogados, totalizando 6000 fitas em VHS. Desse total, 30% estão dirigidos à área de História e 70% às demais áreas numa perspectiva interdisciplinar. O acervo é composto por diferentes

---

<sup>18</sup> Aqui foram mantidas as antigas nomenclaturas das disciplinas, desconsiderando as mudanças a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96.

gêneros: Ficção, Documentários, Cinema de animação, Programas de televisão e Vídeos, Dramas, Comédia, Comédia Musical.

Devido às dificuldades apresentadas para o armazenamento, distribuição e obsolescência automática das edições, o suporte impresso da Videoteca foi substituído pelo Guia da Versão Eletrônica e encontra-se totalmente digitalizado no site do CRE - Centro de Referência Mário Covas<sup>19</sup>, porém mantém sua forma original no que tange à apresentação dos filmes em VHS.

### **2.3 – Discussões sobre o filme e sua inserção no ensino de História - Aspectos Pedagógicos.**

Serguei M. Eisenstein, no prefácio de uma de suas obras, nos aponta a grandiosa capacidade de abrangência e poder criador que o cinema concentra.

O cinema, fora de dúvida, é a mais internacional de todas as artes. Não apenas pelo fato de que os filmes, provenientes dos mais diversos países, fazem a volta ao mundo através dos povos mais diversos, mas, antes de mais nada, porque as possibilidades permanentemente enriquecidas de sua técnica e o seu poder criador sempre em progresso permitem ao cinema instituir, em escala internacional, um contato de pensamento eminentemente vivo. (Eisenstein, 1969, p.7)

Desde sua origem<sup>20</sup> até nossos dias, o cinema é capaz de fascinar. A sociedade busca no cinema algo que desperte sua atenção, que a faça sair da sua realidade, mas também quer ver sua história representada.

A dialética presente na relação cinema e educação nos possibilita buscar a especificidade da linguagem cinematográfica e do significado de educação no contexto escolar.

Libâneo (1998) esclarece que o ato de educar envolve alterações nas condições pessoais dos indivíduos e que esta ocorre no meio social, de forma intencional ou não. Para o referido autor, a educação ocorre de três formas: processos informais, formais e não-formais. Os processos informais, ou não-intencionais são aprendizagens que derivam da experiência de vida do sujeito; os processos formais são decorrentes de ações pedagógicas deliberadas e

<sup>19</sup> O site do Centro de Referência Mário Covas é: [www.cremariocovas.com.br](http://www.cremariocovas.com.br).

<sup>20</sup> A data precisa considerada como marco do surgimento do cinema é 28 de dezembro de 1895, no “Grand Café”, em Paris. (Bernardet, 1981)

organizadas; e não-formais, são processos educacionais intencionais com baixo grau de estruturação.

O cinema, por sua vez, pode ser gerador de conhecimentos, porém, é necessário que haja um diálogo crítico sobre suas potencialidades educativas. Duarte traz uma discussão a esse respeito e afirma:

Por incrível que pareça, os meios educacionais ainda vêm o audiovisual como mero complemento das atividades verdadeiramente educativas, como a leitura de textos, por exemplo, ou seja, como um recurso adicional e secundário em relação ao processo educacional propriamente dito.(...) Até que ponto ignoraremos o fato de que o cinema é conhecimento.(Duarte, 2002, p.20)

O cinema ocupa um lugar de intersecção com os aspectos ligados à educação. A sua influência sobre o espectador permite que este reconstrua sua história, reconsiderando suas práticas sociais, seus costumes, seus gostos e desejos, buscando soluções e reflexões sobre questões ligadas ao seu cotidiano, a partir de uma nova interpretação do conteúdo visto.

A esse respeito Duarte afirma:

Parece ser desse modo que determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais. Esse é o maior interesse que o cinema tem para o campo educacional – sua natureza eminentemente pedagógica. (Duarte, 2002, p.19)

Considerando que o ato pedagógico é intencional, há no cinema elementos particulares que o compõem, enquanto meio de comunicação e por isso precisam ser compreendidos e interpretados, conforme suas especificidades, principalmente, em se tratando da linguagem.

Quando se usa a expressão "linguagem do cinema", Almeida (1993) afirma que está se procurando aproximar o entendimento do cinema ao que já se presume entender de algo conhecido: a língua. No entanto, ele amplia as possibilidades de ver a linguagem do cinema para além dos aspectos ligados à produção/reprodução de significação acerca do mundo.

O filme, como texto falado/escrito, é visto/lido. Como num texto/fala que a primeira letra/som sucedem-se outros, formando palavras que se sucedem em frases, parágrafos, período até lermos/ouvirmos a última letra/som e termos o texto/fala completo o primeiro quadro, os seguintes, as cenas, as seqüências, o filme completo. O significado de um texto/filme é o todo, amálgama desse conjunto de pequenas partes, em que cada uma não é suficiente para explicá-lo, porém todas são necessárias e cada uma tem significação plena em relação a todas as outras. No entanto, essas relações são hierarquizadas; algumas mais significativas que outras, dependentes que são da escritura/Montagem. (ALMEIDA, 1993, p.16)

Bloch (1965) afirma que as fontes são como as testemunhas: só “falam” utilmente se soubermos fazer-lhes as perguntas adequadas.

À medida que o cinema tem sido cada vez mais incorporado como recurso didático nas disciplinas de Ciências Humanas, Linguagens e Códigos e Suas Tecnologias, principalmente nessa última década, o grande desafio dos os professores é incorporar e decifrar a linguagem cinematográfica, uma vez que há poucos subsídios para a efetivação dessa proposta. Segundo Napolitano (2009),

“linguagem cinematográfica” é o resultado de escolhas estéticas dos realizadores (sobretudo o diretor que, além de coordenar todos os técnicos e artistas envolvidos, é o responsável final pelo filme), mas é também o resultado das influências de outros realizadores do passado e do desenvolvimento tecnológico no registro e criação de imagens e sons. ( NAPOLITANO, 2009, p. 15)

Napolitano, em seu trabalho *Cinema: experiência cultural e escolar*, orienta o uso de filmes em sala de aula, a partir de duas premissas básicas: transformar a experiência sociocultural do cinema em uma experiência aliada ao conhecimento e entendê-lo como uma linguagem artística. Segundo Napolitano (2009,p. 11), “o cinema é antes de tudo, uma das experiências sociais mais fortes da sociedade de massas, desde as primeiras décadas do século XX”.

O trabalho com o cinema, na escola, muitas vezes exigirá do professor um ajuste ao contexto específico de cada turma/série/disciplina/área, e levar em consideração os objetivos a serem alcançados, em consonância com a temática de trabalho definida, os conceitos e as habilidades que estão em jogo, entre outros fatores. Portanto, seja qual for a demanda de trabalho, as atividades de cinema precisam ser dinâmicas, desafiadoras, interessantes para o público jovem e jovem adulto e, sobretudo, que

contribuam para a formação geral e ampliação do seu repertório cultural. (NAPOLITANO, 2009, p.30)

Na arte de ver o filme, seja de ficção ou que apresente algum compromisso com uma “realidade objetiva” (Napolitano, p.11), há um afloramento das emoções e sensações suscitadas pelo “efeito de realidade” (Napolitano, idem) que o cinema possibilita.

Essa capacidade de nos projetar nas telas, seus dramas, cenários, dentre outros aspectos, foi potencializada pelo cinema americano. Nesse aspecto referindo-se ao cinema clássico, Napolitano chama à atenção para a ambigüidade que este pode carregar consigo.

Assim, a experiência do cinema pode ser ambígua. Por um lado é subjetiva, emocional, fantasiosa. Por outro, é objetiva (pois nossos olhos vêem as imagens), racional (pois os filmes, geralmente, contam uma história a ser compreendida pelo espectador) e realista (pois a encenação nos transporta para outras realidades). (NAPOLITANO, 2009, p.12)

O filme permite-nos ver o mundo em suas diferentes formas, cores e sentidos; pelo seu caráter subjetivo pode emocionar e fazer chorar. Portanto, é preciso observar, segundo Ramos (2002), os vários fatores que interferem na maneira como temas semelhantes são abordados em filmes: a época em que foi produzido, os valores ideológicos e políticos do roteirista e do diretor, os interesses comerciais que cercam o filme, o gênero narrativo escolhido pelos realizadores, entre outros.

Nessa perspectiva, a relação entre o professor e o aluno passa a ser a de promover discussões, conviver e compartilhar outras formas de pensamento, o que não quer dizer, que o professor possa fechar questão e valorizar apenas seu ponto de vista.

Os programas oficiais criados pelos órgãos ligados à normatização dos saberes, em seu maior projeto para oferecer cultura aos alunos, talvez nunca consigam mensurar a abrangência real e o impacto desse instrumento no cotidiano dos alunos.

Recriar o fato histórico, dando-lhe novas interpretações, refletir, a partir das imagens contidas no filme, reconhecendo e questionando os próprios valores: eis o caminho a ser percorrido pelos professores e alunos.

O ato assistir a um filme envolve várias dimensões que podem servir de objeto de análise, aos mais diversos interesses manifestados pelas áreas do conhecimento. Os olhares têm se voltado na tentativa de compreender essa forma de comunicação, seja como produto da indústria cultural (COELHO, 2006), seja como documento histórico ou ainda, como portadora de aspectos artísticos.

ALMEIDA (1993), em seu artigo intitulado "*Cinema e Televisão: Histórias em Imagens e Som na Moderna Sociedade Oral*", discute a natureza do cinema e faz considerações acerca de suas contribuições para a educação:

[...] o cinema não é só matéria para a fruição e a inteligência das emoções, ele é também matéria para a inteligência do conhecimento e para a educação, não como recurso para a explicitação, demonstração e afirmação de idéias ou negação destas, mas como produto de cultura que pode ser visto, interpretado em seus múltiplos significados, criticado, diferente de muitos outros objetos culturais, igual a qualquer produto no mercado da cultura massiva. Poucos de boa qualidade estética e técnica para poucos consumidores especiais, e muitos de baixa qualidade para muitos consumidores desarmados culturalmente. Como distinguir uns dos outros?(ALMEIDA, 1992, p.19)

O cinema é uma arte complexa, capaz de penetrar na vida humana e representá-la em todos os seus aspectos, inserindo-se na vida social, cultural, individual e coletiva de uma sociedade.

Essa inserção foi apreendida pelas classes sociais, à medida que o surgimento do cinema mudou seus hábitos no ato de aquisição de cultura. As pessoas passaram a freqüentar salas de cinema.

O cinema assim trabalhado não é apenas um instrumento capaz de despertar sensações, mas mostra-se também capaz de articular-se com uma linguagem cultural, argumentando e vivenciando o diferente.

Utilizar o recurso filmico na escola exige uma aproximação entre as pessoas, a criação de um ambiente democrático, onde mesmo na diversidade dos olhares, das leituras e das práticas o conhecimento seja construído e reconstruído.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 e a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs possibilitaram a flexibilidade do currículo, no tocante às condições que a escola e o professor devem ter, propondo uma educação construtiva, para que o aluno aprenda, sendo valorizado como alguém que tem algo a oferecer na construção do real.

É imprescindível considerar o mundo vivencial do aluno, sua realidade próxima ou distante, os objetos e fenômenos com que efetivamente lidam ou os problemas e indagações que movem sua curiosidade. Esse deve ser o ponto de partida e, de certa forma, também ponto de chegada [...]. Não se trata, portanto, de elaborar novas listas de tópicos e conteúdos, [...] mas sobretudo, promover um conhecimento contextualizado e integrado à vida de cada jovem. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1996, p. 4)

As questões culturais sempre estiveram presentes nos debates acerca da escola e suas múltiplas funções. Nessa perspectiva de “reinventar” a escola, se faz necessário concebê-la como um “espaço de busca, construção, diálogo e confronto, prazer, desafio, conquista de espaço, descoberta de diferentes possibilidades de expressão e linguagens, aventura, organização cidadã, afirmação da dimensão ética e política de todo processo educativo”. Como afirma Candau (2000):

A educação não pode ser enquadrada numa lógica unidimensional, aprisionada numa institucionalização específica. É energia de vida, de crescimento humano e de construção social. O importante é seu horizonte de sentido: formar pessoas capazes de ser sujeitos de suas vidas, conscientes de suas opções, valores e projetos de referência e atores sociais comprometidos com um projeto de sociedade e humanidade. (CANDAUI, 2000, p.13)

Diante disso, o resgate dos arquivos escolares nos coloca frente ao desafio de recuperar, preservar, estudar e divulgar o patrimônio educativo, uma vez que neles estão definidas orientações sobre a escola e sua história, tanto no campo social como no científico. Esses documentos funcionam, segundo Nora (1993), como “suporte da memória”. Bastos (1997), em seu texto “*A Imprensa Periódica Educacional no Brasil: 1808 a 1944*”, aponta as dificuldades em utilizar fontes documentais na pesquisa histórica:

A pesquisa histórica em fontes documentais torna-se muitas vezes precária, tanto pelo desconhecimento do que há de fonte de pesquisa, como pela inadequada catalogação e conservação. Este

problema agrava-se quando pesquisa-se a história da educação brasileira, principalmente no tocante à história de sua imprensa periódica educacional. (BASTOS, 1997,p. 173)

O cinema é um produto cultural de um grupo social, logo precisa da intermediação de profissionais que ajudem a decifrar uma linguagem tão peculiar. Bauer e Dabul nos alertam sobre o cuidado que o professor ou o pesquisador precisam ter para trabalhar com imagens:

Assim a questão central que se propõe ao professor ou mesmo ao pesquisador que quer trabalhar com imagens cinematográficas é saber o que a imagem reflete e o que dela se pretende abstrair, além de apontar se é uma expressão da realidade, ou uma representação , o grau possível de manipulação e a forma como as imagens são transportadas para o cotidiano, articulando o abstrato com o real vivido. (BAUER e DABUL, 2008, p.96)

A arte fílmica, embora esteja sendo inserida, timidamente, na escola, ainda não foi totalmente incorporada à prática docente. A educação estética do olhar pode motivar professores e alunos a se interessarem por esse tipo de conhecimento. O filme constitui-se como uma importante fonte documental para se aproximar do conhecimento da realidade e ao mesmo tempo de reconstrução da mesma, porém isso não basta, é preciso,

Ao utilizar o filme como recurso documental, devem ser consideradas as questões referentes às dimensões históricas e as fontes de coletas de informações, uma vez que toda produção cinematográfica está relacionada aos condicionamentos sociais, culturais, políticos e econômicos, tanto da época em que foi produzida, quanto da que representa. Dessa forma todo filme deve ser utilizado como documento, com elementos dialéticos relacionados com a história e a realidade vivenciada, ao retratar determinado período com seus fatos, atitudes e representações, imbuídos de valores ideológicos, em um determinado contexto social. (BAUER e DABUL, 2008, p. 97)

Na Proposta Curricular para o Ensino de História, esta disciplina é concebida como conhecimento e prática social, ou seja, o modo como os homens e mulheres, em suas relações “criam meios e formas de existências sociais, reproduzem ou transformam estas existências que são econômicas, políticas e culturais.” (CHAUI, 1985, p.20). Conhecer esses meios e formas de manifestação das práticas

cotidianas dos professores representa resgatar as condições de trabalho e como ele vem se desenvolvendo ao longo dos anos.

Para atingir o objetivo de tornar o uso do filme uma realidade em suas aulas, Rocha (1992) ressalta que é importante ao professor de história delimitar o território dentro do qual serão apresentadas as relações entre cinema e história.

Delimitar o território significa identificar o que é um filme de ficção, documentários e filmes científicos. O filme de ficção é o “gênero mais comum do cinema; produzido para ser um espetáculo, não é por outro motivo que ele atrai espectadores à busca de entretenimento” (ROCHA, 1992, p.12). Para exemplificar melhor, podemos utilizar filmes contidos no acervo da Videoteca Pedagógica e da Série Apontamentos como *Blade Runner*, *O Caçador de Andróides* (1982), de Ridley Scott; *A Noviça Rebelde* (1965), de Robert Wise; *Juventude Transviada* (1955); de Nicholas Ray; *Amor, Sublime Amor* (1961), Robert Wise e Jerome Robbins.

Os professores da disciplina de História buscam por filmes históricos para serem reproduzidos para os alunos. Segundo Rocha (1992), há diferenças entre os filmes históricos: alguns usam o filme para a encenação de um espetáculo como em *Ben-hur* (1959) e *O Vento Levou* (1939), ao passo que outros procuram de fato fazer uma reconstituição histórica, como é o caso do filme *A Batalha de Argel* (1965) e o *Encouraçado Potenquim* (1925).

Os documentários têm a pretensão de aliar o entretenimento à informação. Dentro do gênero documentário há também uma grande quantidade de filmes históricos, como por exemplo, *Corações e Mentes* (1974), de Peter Davis; *Revolução de 30* (1980), de Sylvio Back; *Getúlio Vargas* (1974), de Ana Carolina, dentre outros.

Os filmes científicos são utilizados na pesquisa científica, como por exemplo, na Microbiologia, na Física, na Medicina, na Psicologia, etc. Procuram registrar acontecimentos que são imperceptíveis ao olho humano. Segundo Rocha (1992) “sua missão, portanto, é unicamente oferecer informações sobre determinados eventos, cujo registro pela câmera de filmagem é indiscutivelmente superior ao realizado pelos nossos sentidos” (p.14).

A História do Cinema é uma disciplina autônoma e a análise da especificidade do cinema não é tarefa do professor de História. Em seu trabalho “Ler e Ver: uma Dialogia Necessária”, Hélio Nogueira, traz o conceito de “alfabetização” para a leitura de imagens de um filme. Rocha (1992), corrobora a idéia de uma alfabetização, principalmente, se o professor for fazer uso contínuo do filme em sua prática docente.

(...) se assim o fosse, ele (o professor) teria de ser, por assim dizer, alfabetizado numa nova linguagem, constituída pelas formas e técnicas do cinema. Por um lado, como a História do Cinema não é uma disciplina escolar, tal “alfabetização” teria muito pouca eficácia pedagógica, o que vale dizer que ela não tem utilidade imediata para o professor; por outro lado, o domínio desta disciplina torna-se necessário caso o professor use sistematicamente o filme na sala de aula. (ROCHA, 1992, p. 15)

Se buscarmos no termo alfabetização *strito sensu*, veremos que o dicionário nos remete ao domínio de ler e escrever. No caso da linguagem fílmica, não podemos generalizar sobre o analfabetismo docente. Hoje, é bem maior a oferta de cursos superiores na área de cinema que dez anos atrás, porém é notório que boa parte dos professores desconhece as técnicas de trabalho com filmes, principalmente se tomarmos como base o material produzido na Apontamentos.

Tendo essa realidade em sua práxis pedagógica, fez-se necessário oferecer aos professores as ferramentas, para que diminuísse o distanciamento entre os que sabiam e os que utilizavam os recursos fílmicos para “uma aula de história ilustrada com slides” (ROCHA, 1992, p.27).

O uso do filme, no ensino da História, exige que o professor localize, principalmente, nos filmes históricos sua dupla face: uma está ligada aos seus vínculos com o contexto histórico dentro do qual foram realizados; outra, no modo pelo qual foi efetuada a reconstituição histórica do tema tratado, principalmente, os referenciais teóricos que lhe serviram de base.

Rocha (1992) afirma:

Se o professor, contando com a participação dos alunos, localizar essas duas faces e conseguir articulá-las com o contexto social que circunscreveu a sua realização, estará trazendo à luz uma outra dimensão do filme, de indiscutível interesse historiográfico. (ROCHA, 1992, p.27).

No caso específico da História, o professor deveria ver o filme histórico (RAMOS, 2002; NAPOLITANO, 2005) como uma “representação do passado, produzida em épocas e por sociedades que nem sempre tiveram ligação imediata com o acontecimento histórico representado”, ou, tampouco são herdeiras diretas daquela história encenada.

Por isso, é importante ver o filme como documento histórico da sociedade e da época que o produziu, que projeta seus valores e suas questões sobre o passado representado.

Diante disso, o professor é “simples mediador”, como afirma Chauí.

O professor de natação não pode ensinar o aluno a nadar na areia fazendo-o imitar seus gestos, mas leva-o a lançar-se na água em sua companhia para que aprenda a nadar lutando contra as ondas, fazendo seu copo coexistir com o corpo ondulante que o acolhe e repele, revelando que o diálogo do aluno não se trava com seu professor de natação, mas com a água. O diálogo do aluno é com o pensamento, com a cultura corporificada nas obras e nas práticas sociais transmitidas pela linguagem e pelos gestos do professor, simples mediador.(CHAUI, 1980, p. 39)

Daí, o papel importante que o professor assume como provocador de novas ideologias e valores. Junto com seus alunos descobre o que se pretende com esse ou aquele filme e, sobretudo, os limites e as possibilidades de trabalho que essa atividade permite.

Todavia, em nossa opinião, é importante reconhecer que vivemos num período caracterizado pelas mudanças rápidas e vertiginosas, portanto, um período de transição onde coexistem comportamentos conservadores, impulsos de mudanças e tentativas de reajustamento. Na esfera educacional, entretanto, como em outras também, a rotina se arrasta e mesmo com a multiplicação dos recursos, o velho sobrevive ante as novas e sugestivas linguagens, como é o caso da cinematográfica, ou ainda o seu uso meramente funcional no cotidiano das atividades de ensino e aprendizagem.

Retomando o objetivo desse trabalho de apresentar as discussões do filme como recurso cinematográfico, sob o ponto de vista pedagógico, é importante

resgatar o que nos aponta o *Dicionário Teórico e Crítico de Cinema*, de Jacques Aumont e Michel Marie,<sup>21</sup>

Ver um filme é, antes de tudo, compreendê-lo independente do seu grau de narratividade. É, portanto, que, em certo sentido, ele “diz” alguma coisa, e foi a partir dessa constatação que nasceu, na década de 20, a idéia de que, se um filme comunica um sentido, o cinema é um meio de comunicação, uma linguagem. (RAMOS, 2009, P.73)

Isso significa que um filme tem sempre algo a nos dizer. Conhecer um pouco dos conceitos que existem na organização de uma cena, pode ajudar construir um processo de aprendizagem democrático, onde a diversidade de pensamentos seja respeitada.

Ney Lopes (2003), em seu livro *“Sambeabá”*, afirma que “samba não se aprende na escola”. Essa analogia pode ser atribuída também ao cinema, porém a escola pode ser um dos lugares em que é permitido ver um filme, analisá-lo, comentá-lo, trocar idéias em torno das questões suscitadas, e trazer para o ambiente escolar uma das mais fascinantes experiências culturais da contemporaneidade.

### **CAPÍTULO III**

---

<sup>21</sup> Apud: AUMONT, Jacques e MARIE, Michel. *Dicionário Teórico e crítico de cinema*. Campinas: Papyrus, 2003.

## A SÉRIE APONTAMENTOS - UM APOIO PEDAGÓGICO AO TRABALHO DOCENTE

### 3.1. A Construção da Série Apontamentos

Em muitos dos seus escritos, Karl Marx sinalizava que é impossível entender a produção intelectual de uma sociedade sem que tenhamos disposição de compreender, historicamente, o modo como os homens produzem e reproduzem a sua existência e o processo de hominização, como um esforço solidário dos homens entre si e como resultado da sua ação coletiva. Segundo as suas palavras, somente o homem pode provocar mudanças, produzindo as condições materiais e intelectuais de sua existência (MARX, 1977).

O aparecimento da “Série Apontamentos”, portanto, não é uma obra do caso, mas um produto histórico dessa fase do capitalismo em que determinados valores culturais, filosóficos, educacionais e a própria ciência precisam encontrar formas de serem disseminados e, assim ao seu modo, colaborem com os mecanismos de reprodução social.

O que conhecemos a respeito da “Série Apontamentos” nos foi apresentado principalmente a partir dos textos publicados sob o título “Lições com Cinema”. Segundo os coordenadores responsáveis pela elaboração desse material<sup>22</sup>:

*A série Lições com Cinema, originou-se da necessidade de se dar um tratamento mais elaborado ao conjunto de filmes da videoteca FDE, complementando assim a série Apontamentos já existente, na qual cada exemplar aborda – respeitando as limitações que um trabalho desta natureza impõe – um filme de modo detalhado, tanto no que diz respeito a seus aspectos formais, quanto no que concerne ao tema predominante (BRUZZO e FALCÃO, 1992, p.05).*

E ainda, refletindo sobre as possibilidades de utilização dessa linguagem não escrita-discursiva - que é o cinema, na construção da práxis educativo-pedagógica, os seus coordenadores apresentavam os seus propósitos da seguinte forma:

---

<sup>22</sup> Antonio Rebouças Falcão e Cristina Bruzzo.

Pretende-se com lições com cinema fornecer elementos para enriquecer a prática pedagógica pela possibilidade de aproveitamento diversificado de filmes de ficção, documentários, cinema de animação programas de televisão e vídeos. (BRUZZO e FALCÃO, 1992, p.05).

Partindo-se desse ideário, reconhecendo que o universo educacional encontrava-se profundamente marcado pelo uso da escrita e do cultivo da palavra falada ou linguagem verbal, e sob a perspectiva de instrumentalizar o professor no uso do filme em sala de aula, em outubro de 1991, a Fundação para o Desenvolvimento da Educação - FDE realizou o *Seminário Cinema em Vídeo: os usos e suas implicações na vivência escolar*. Desse encontro resultou “*Lições com Cinema*”, série que paralela à *Apontamentos*, vem complementá-la, acrescentando reflexão teórica sobre o tema proposto. A “*Série Apontamentos*” foi concebida como material complementar às fitas de vídeo, visando oferecer informações adicionais sobre o filme, tanto em seu aspecto artístico e cinematográfico, quanto no referente ao assunto predominante e de interesses da escola.

As *Lições com Cinema*, trazem discussões de assuntos que subsidiam a atualização dos docentes. Trata-se de uma série que oferece ao professor discussões teóricas acerca de temas relacionados ao filme como recurso didático, como instrumento de socialização na escola, suas relações com a televisão, bem como outros que por tratarem de questões que fazem parte de problemas mundiais, nunca perderam seu caráter atual<sup>23</sup>.

Os textos sobre os filmes relacionados na “*Série Apontamentos*” tecem uma relação entre o acontecimento histórico e a linguagem do cinema.

Vários pesquisadores, responsáveis pela elaboração dos manuais e roteiros de utilização dos filmes da FDE, alertam para as infinitas possibilidades de visão que a linguagem cinematográfica é capaz de despertar nos que assistem a um filme. Buscando as relações entre cinema e história, Bruzzo (1993), nos diz que:

O cinema ultrapassa qualquer meio de transporte, porque, desafiando o tempo pode-nos levar em visita ao passado e ao futuro. O conhecimento que temos dos povos antigos é definido pelas aulas e pelos livros de História; entretanto, quando fechamos os olhos, são as imagens dos filmes épicos que desenham os faraós, os céсарes e mesmo os índios das missões jesuíticas (BRUZZO, 1993, p. 52).

---

<sup>23</sup> A elaboração desse material deu-se durante o Governo de Luiz Antonio Fleury Filho (1990-1994).

Se assim compreendido, a sala da aula agora transformada em sala de projeção passa à qualidade de espaço de construção. O trabalho de produção historiográfica e a narrativa fílmica passam a ter algo em comum uma vez que ambos podem ser produtos de uma construção. O filme é apresentado como um instrumento que poderia levar o aluno à compreensão dos fatos estudados. Segundo Saliba (1993), a história, “se origina menos da necessidade de demonstrar que certos acontecimentos se realizaram e, muito mais, da necessidade de se verificar o que certos acontecimentos podem significar” (1993, p. 94).

Guardadas as diferenças de linguagens, o cinema, é produto de uma construção de significados pelo sujeito. Segundo Almeida, o filme “é uma obra de arte e como tal não pode ser interpretado como imagens da vida ou da história tal como ela é ou aconteceu”. (ALMEIDA, 1993, p.142).

A “Série Apontamentos” tinha a perspectiva de atualizar o olhar do professor, que, ao entrar em contato com o material escrito e digitalizado, encontra nele elementos técnicos, estéticos, artísticos referentes ao filme que deseja projetar e discutir com seus alunos. O material não chega a se constituir em uma metodologia de trabalho, porém abre discussões a respeito dos temas apresentados nos filmes.

Aliás, sobre essa possibilidade, Franco (1993), em tom provocativo, nos diz:

[...] Não tenha a expectativa de que é possível ler ou aprender uma metodologia pronta e acabada sobre o uso dos recursos audiovisuais na sala de aula. É preciso compreender os princípios da interação entre o espectador e espetáculo e usá-los pedagogicamente. É preciso perder o medo, pois a metodologia será construída através da experimentação (FRANCO, 1993, p.25).

Também é interessante observar que, para esse autor, “não há limites na escolha dos filmes. Os mais adequados serão os que poderão proporcionar maior riqueza de discussão. O tema e a abordagem devem ser avaliados de acordo com a maturidade da classe e a natureza da matéria” (FRANCO, 1993, p.25).

Assim sendo, entre os pesquisadores que organizaram os subsídios sobre a “Série Apontamentos” fazia-se necessário criticar a forma como as coisas são construídas e desconstruídas. Sob esse aspecto a própria FRANCO (1993) afirma:

O exercício escolar de ver imagens audiovisuais e ‘discutir’ com elas sobre conteúdo e expressão, a oportunidade de discordar do autor da mensagem com a orientação do professor vão formar e consolidar a

leitura crítica dos meios de comunicação e possibilitar uma relação responsável com a informação e o lazer. (FRANCO, 1993, p. 28)

Ao aprofundar as questões relativas ao uso pedagógico do filme, Picchiarini (1993) afirma o seguinte em “*A constante abstração na produção cinematográfica*”:

O objetivo era dar uma idéia sobre esta ‘arma magnífica e perigosa’ que é o cinema, despertando a atenção do espectador para outros pontos que normalmente não percebemos, sem com isso perder o componente lúdico do ato de assistir a um filme: a técnica serve para valorizar a obra artística, não para afastar o prazer do seu público. (PICCHIARINI, 1993.p.62-63)

Do ponto de vista metodológico, a “Série Apontamentos” configura-se como uma produção textual composta por aspectos inter-relacionados que dizem respeito às escolhas das temáticas regionais, nacionais ou internacionais trabalhadas nos filmes e de acordo com o currículo seguido pelo professor.

Os pesquisadores responsáveis pela elaboração da “Série Apontamentos”, estavam ligados à área de cinema ou desenvolviam estudos na referida área.

A primeira composição da “Série Apontamentos”<sup>24</sup>, apresentava apenas três aspectos que serviriam para orientar o professor no uso do filme: a Ficha Técnica, o Resumo, a Indexação que correspondia às palavras-chave do filme e, finalmente, os autores do texto. A preocupação era mostrar o filme como produto cinematográfico, destacando aspectos da narrativa convencional da linguagem do cinema, os procedimentos artísticos, informações históricas sobre a criação, a produção na busca de oferecer um pouco mais de formação. Vejamos um título da série como exemplo dessa primeira versão:

#### **FICHA TÉCNICA**

***Lampião e Maria Bonita (185)***

*Brasil, 1981*

*Direção: Paulo Afonso Grisolli*

*Roteiro: Aguinaldo Silva e Doc Comparato.*

*Direção de TV: Luiz Alberto da Silva*

*Edição e Compactação: Ignácio Coqueiro*

*Música: Roberto Nascimento*

<sup>24</sup> A primeira versão da Série Apontamentos foi elaborada em 1990 sendo que a última revisão dos filmes se deu em 1994.

*Produção: Central Globo de Produções*

*Duração: 101 min.*

*Falado em português*

*Produção original para televisão, em cores.*

*Elenco: Nelson Xavier, Tânia Alves, José Dumont, Roberto Bonfim, Cláudio Correa e Castro, Jofre Soares e outros.*

### **RESUMO**

*Aventura baseada nos últimos seis meses de vida do casal cangaceiro, morto em 1938.*

*Texto de Ricardo Picchiarini e Antonio Penalves Rocha.*

### **INDEXAÇÃO**

*Cangaço/Marginalidade.*

A segunda versão digitalizada e disponível no site do CRE - Centro de Referência Mário Covas, ampliou as possibilidades de abordagem do filme realizando um estudo mais abrangente no que tangia aos aspectos a serem observados e trabalhados com os alunos em sala de aula. Além dos itens anteriores, acrescentou os Aspectos Cinematográficos, Aproximação, Disciplinas Indicadas, Afinidades, outros Filmes, Livros correlatos ao tema e Notas. Eis um exemplo dessa versão:

### **FILME: BARRAGEM: A OCUPAÇÃO**

TV VIVA

#### **Ricardo Picchiarini (RP)**

*Graduado em Cinema pela USP; roteirista, diretor de fotografia, produtor de som em vários curtas-metragens.*

#### **Maria Nazareth Ferreira (MNF)**

*Bacharela em História, Biblioteconomia e Documentação pela USP; doutora em Ciências da Comunicação pela USP; autora de A Imprensa Operária no Brasil: 1800 a 1920, pela Vozes.*

### **FICHA TÉCNICA**

*Barragem: A Ocupação*

*Brasil*

*1986*

*Direção: TV Viva.*

*Produção: TV Viva/Fetape (Federação de Trabalhadores*

*Agrícolas do Estado de Pernambuco).*

*Duração: 36min.*

*Falado em português.*

*Produção original para vídeo, em cores.*

*Distribuição em vídeo: Cine e Vídeo Distribuidora.*

*Premiações: Primeiro Prêmio do Júri Oficial*

*e do Júri Popular no Festival da Terra –*

*UNICAMP, MIRAD (Ministério da Reforma e*

*do Desenvolvimento Agrário).*

### **RESUMO**

*Documentário sobre a construção e paralisação das obras da barragem de Itaparica por cerca de mil trabalhadores rurais da região do submédio São Francisco. Estes trabalhadores reivindicam o início do seu reassentamento em terras que ficaram à margem do lago formado.*

*Textos de Ricardo Picchiarini e Maria Nazareth Ferreira.*

### **INDEXAÇÃO**

*Desenvolvimento/Posse da Terra/Resistência Popular/Sindicalismo.*

### **ASPECTOS CINEMATOGRAFICOS**

*A grande dificuldade em realizar um documentário, quando não se sabe ao certo o que vai ser documentado, está em não se poder fazer um roteiro previamente. A inexistência desse roteiro entrega à capacidade de improvisação da equipe boa parte da responsabilidade da criação do ritmo e da estética que o resultado final conterà. A síntese do clima dos acontecimentos numa seqüência de imagens é regida pela sensibilidade e o registro de todos os fatos importantes na composição da obra, pela atenção contínua. A mistura bem-dosada destes dois fatores principais responde por boa parte do grau de apreensão, pelo espectador, da intenção, enquanto obra; do momento, enquanto reportagem. Do bom aproveitamento do trabalho em campo vai depender a facilidade de se dar uma coerência de conteúdo ao documentário na hora da edição.*

*Todos esses pontos estão presentes em Barragem..., ou seja, a captação precisa das imagens reforçada pela edição e pelo texto narrador. Já no início temos um bom exemplo deste "casamento". A câmera tira fotos em movimento dos participantes do comício, a edição as compõe numa ordem progressiva que nos mostra uma aproximação cada vez maior dos fotografados. Neste momento, o texto menciona "(...) limite máximo". O texto pára. Com um corte seco, ouvimos e vemos agora, num close bem fechado, o discursador, de quem, até então, conhecíamos apenas a voz.*

*Logo adiante, a narradora, ao dizer que os trabalhadores não sabem a forma de atuar na paralisação da obra, afirma, também, o aspecto do improvisado na reportagem.*

*A alternância da câmera na mão, instabilizando a imagem, com a câmera apoiada no tripé faz o contraponto entre os momentos mais tensos (a ocupação, a obstrução das obras etc.) e os de relativa calma. A música trabalha*

*junto: os temas dissonantes acompanham e anunciam a tensão; quando a calma retoma à imagem, a música tem uma harmonia mais regular. São elementos que auxiliam a narração do fato, construindo, paralelamente, seu clima emotivo. -*

*Desta construção participa também o câmara quando, inclinando o equipamento na diagonal, enquadra seu tema principal na parte mais baixa do vídeo (entrevista de um trabalhador que cozinhava, sindicalista na mesa de negociação). Este recurso reforça a sensação de peso das forças contrárias que pressionam a pessoa focalizada. Por várias vezes, também, a câmara assume o papel de trabalhador e mistura-se, como ouvinte, nas rodas de conversa deles, na tentativa de tornar o espectador mais participante.*  
(RP)

### **APROXIMAÇÃO**

*Este documentário trata da ocupação da barragem de Itaparica pelos trabalhadores agrícolas, no rio São Francisco. Com efeito, a construção da barragem desalojou sete mil famílias, num total de quarenta mil pessoas. O processo de construção havia começado dez anos antes e, até o momento da decisão de ocupar a barragem, os trabalhadores agrícolas, cujas terras seriam inundadas dentro de onze meses, não tinham sido reassentados pela direção da empresa responsável pela obra, a CHESF (Companhia Hidroelétrica do São Francisco). O movimento, muito bem-articulado pelas federações e sindicatos rurais da região, tinha por objetivo dialogar com a direção da empresa. Como esta se recusou a ouvir os trabalhadores, eles, organizadamente e sem usar de violência, não só ocuparam a barragem como também conseguiram a adesão dos operários da construção, que, solidários com os trabalhadores agrícolas, paralisaram a construção, como forma de pressionar a direção da CHESF a reunir-se com os manifestantes. É possível notar neste documentário o grau de organização, mobilização e conscientização destes trabalhadores agrícolas. Pela organização, verifica-se a participação de um grande número de sindicatos e federações na direção desta mobilização, que, do ponto de vista político, foi perfeita.*

*Nos vários momentos de diálogo com os policiais, observa-se o alto nível de conscientização política, a clareza de objetivos e a firmeza de propósitos dos trabalhadores. São uma amostra de suas intenções frases como: "Viemos para entrar e vamos entrar pacificamente" e "A PM, que é paga com o dinheiro do povo, deve ir para cima da empresa, não de nós, trabalhadores".*

*Durante todo o diálogo com os policiais militares e a movimentação dos trabalhadores, um fundo musical (elaboração do realizador do vídeo) dá o toque politizante para além das reivindicações dos camponeses:  
"Se o Nordeste ficasse independente,*

*Se o Nordeste tivesse outras fronteiras,  
Talvez fosse tratado com capricho,  
Sem servir de depósito de lixo  
Duas usinas atômicas brasileiras.  
A enchente das músicas estrangeiras  
Talvez fosse para outro continente.".*

*O diretor da CHESF não acolhe a proposta dos trabalhadores.  
Um policial militar alega que é difícil para o diretor dialogar  
com uma multidão. Um dirigente propõe: "Nós vamos entrando  
enquanto a comissão conversa com a direção da CHESF".  
Alguns dirigentes dos trabalhadores vestem a camiseta  
vermelha da CUT (Central única dos Trabalhadores). Diante  
da pouca vontade do policial, outro dirigente comenta: "Os  
diretores vão partir para conversar com os banqueiros  
internacionais e não vão negociar com os trabalhadores. Aí,  
botam a policial". Este argumento demonstra o grau de  
conscientização destes trabalhadores rurais.  
A barragem é tomada pelos trabalhadores, que levam  
todo o material para acampar e vão acompanhados de  
mulheres e filhos. A polícia determina o lugar para o  
acampamento, que logo é montado. A alegria é geral:  
logo organizam uma cozinha coletiva; estão cheios de  
esperança: "Agora nós estamos acampados. Agora a  
gente só sai daqui com o nosso documento assinado". O  
objetivo é parar a obra como forma de pressão para  
resolver os problemas. Uma trabalhadora afirma:  
"Eu sou mãe de quinze filhos. Deixei um monte de  
criança menor em casa e só saio daqui com o  
reassentamento garantido". Estes depoimentos são  
importantes, porque são autênticos e informam sobre  
as condições de vida dos trabalhadores, bem como  
sobre o seu grau de politização.  
Os operários da obra assistem, curiosos, à movimentação  
dos camponeses. Trocam informações. Os policiais movimentam-  
se inquietos. Alguém diz: "Polícia não resolve o  
nosso caso".  
No diálogo com o tenente da Polícia Militar, o dirigente  
camponês afirma: "O senhor não devia culpar esses homens  
que o senhor anotou os nomes no papel; o senhor  
deveria escrever os nomes dos Ministros e do Governo e  
do pessoal da CHESF que têm a intenção de massacrar  
mais de quarenta mil pessoas".  
Os operários param a obra e os camponeses fazem uma  
alegre e organizada passeata dentro da barragem. Todos  
cantam canções de protesto.  
Observar a polícia perfilada de um lado e os trabalhadores,  
de outro. Algumas mulheres estão armadas com  
pedras.  
Outra vez o diálogo entre policiais e trabalhadores. O  
policial militar propõe a retirada do pessoal para começar  
o diálogo. Os trabalhadores não aceitam; resistem pacificamente  
até que, finalmente, conseguem o tão esperado  
encontro com a direção da CHESF.  
Só então a imprensa regional inicia o noticiário sobre o  
acontecimento, mas é bom lembrar que, em nível nacional,*

*pouco ou quase nada foi noticiado sobre o assunto.*

*A reunião dura mais de dez horas, mas os trabalhadores conseguem o seu intento: vinte e cinco hectares de terra para cada família e a certeza de que serão reassentados em agosto de 1987.*

*Nas cenas finais, é interessante observar a . fala do homem da CHESF que vai receber a "obra intacta", depois da ocupação pelos camponeses: "Espero que não aconteça outra obra com tal prejuízo para a agricultura. Nós não temos outra terra tão boa para dar a eles e coitado do país que não se preocupa com a agricultura."*

*Recentemente (maio de 1989), um noticiário de televisão informava que algumas das famílias que participaram da ocupação da barragem em 1986 já estavam reassentadas em agrovilas, obtendo bom resultado em suas atividades econômicas. Algumas agrovilas produziam peixes em viveiros, chegando a alcançar um rendimento de sete salários mínimos mensais por trabalhador; outras criavam suínos e produziam cebola, tomate, melão e melancia, tudo isso com um satisfatório rendimento econômico, em pouco mais de dois anos de sua implantação.*

*(MNF)*

### **DISCIPLINAS INDICADAS**

**História** – *As políticas do Estado para o sistema fundiário brasileiro.*

**Sociologia e Geografia Humana** – *A questão agrária no Brasil; a organização dos trabalhadores rurais; política energética brasileira.*

*Para os professores destas disciplinas é indispensável a leitura de Lições com Cinema 2 e 3, série editada pela Videoteca/FDE.*

### **AFINIDADES**

#### **Filmes**

• *Sobre a construção da barragem de Itaparica Barragem (1985), da TV Viva.*

*Barragem II (1986), da TV Viva.*

• *Sobre a questão da terra e a organização dos trabalhadores rurais*

*Como Começou\* (1982), da FASE.*

*A Guerra dos Pelados" (1970), de Sylvio Back.*

*João Sem Terra\* (1987), de Tatiana Barboza.*

• *Sobre a ocupação de terras no meio urbano*

*Há Lugar\* (1987), de Júlio Wainer e Juraci de Souza.*

#### **Livros**

*GUIMARÃES, A. P. Quatro séculos de latifúndio. Rio de Janeiro: Paz e Terra.*

*SALES, Tereza. Agreste, agreste: transformações recentes na agricultura nordestina. Rio de Janeiro: Paz e Terra.*

As fichas desenvolvidas para cada uma das películas, possibilitam ao professor e ao aluno se aproximarem do cinema como uma linguagem artística, com características próprias; favorecendo o debate sobre a relação entre o cinema e o conhecimento que está sendo construído, enfim, como uma contribuição para o enriquecimento do seu trabalho educativo ou pedagógico.

A "Série Apontamentos" apresenta um ecletismo no seu gênero que permite ao professor de qualquer disciplina, levar o conhecimento aos seus alunos através do documentário, da ficção ou da animação, sem a preocupação de ser documentos fiéis da época em que foram produzidos, ou mesmo considerados como filmes históricos ou didáticos.

Os elementos constituintes da Série são reproduzidos aqui em oito itens: Ficha Técnica, Resumo, Indexação, Aspectos Cinematográficos, Aproximação, Disciplinas Indicadas, Afinidades e Notas. Vejamos qual a contribuição de cada uma desses itens no trabalho do professor.

Para conhecer melhor a proposta da "Série Apontamentos" foram selecionados quatro filmes através dos quais serão apresentados cada um dos aspectos utilizados pelos pesquisadores para instrumentalizar o professor no trabalho com o filme. São eles: *O Nome da Rosa* (1), *A Rosa Púrpura do Cairo* (26), *O Pagador de Promessas* (57) e *Cantando na Chuva* (377) e *A hora da Estrela* (11)<sup>25</sup>.

No filme *A Rosa Púrpura do Cairo*, do Diretor Woody Allen, o material foi escrito por Luiz Nazário (LN) e Maria Dora Mourão (MDM). O primeiro, Luiz Nazário (LN) é historiador e crítico de Cinema. Na época, integrava a equipe de críticos da revista *Atlanta* e fez doutorado em Cinema na Alemanha. É autor de *O Cinema Industrial Americano* e *À Margem do Cinema*, ambos pela Nova Stella (SP); e de *Pasolini, Orfeu na sociedade Industrial*, pela Brasiliense (SP). A segunda, Maria Dora Mourão (MDM) é Bacharel em Cinema pela ECA/USP<sup>26</sup>; Professora-Assistente doutora do curso de Cinema da Escola de Comunicação e Artes - ECA/USP; autora do livro "O filme como prática de ensino", publicado pela editora Vozes.

O material da "Série Apontamentos" encontra-se, hoje, totalmente digitalizado e compõe-se de vários textos, onde cada filme é descrito respeitando uma seqüência de itens elaborados pelos seus autores, explicando em detalhes todas as

---

<sup>25</sup> O Número entre parênteses representa o número do Título contido na Série Apontamentos.

<sup>26</sup> Escola de Comunicação e Artes de Universidade de São Paulo.

etapas a serem observadas, para a realização de um trabalho de compreensão do filme que compõe a série. É importante notar que nem todos os filmes da Videoteca Pedagógica fazem parte da “Série Apontamentos”. Do total de aproximadamente 1318 títulos existentes no acervo da FDE, apenas cerca de 467 filmes possuem esse estudo detalhado e disponibilizado para o professor.

O primeiro item do material impresso, é a **Ficha Técnica**, nela, são oferecidas ao leitor informações gerais referentes ao filme: título em português e em inglês; país em que foi produzido; quem o dirigiu; roteirista; a fotografia; direção de arte; figurinos; música; efeitos especiais; montagem; produção; duração; se o filme é dublado ou legendado; se está disponível em preto e branco ou em cores; o elenco; a empresa responsável pela sua distribuição e premiações recebidas, oferecidas pelo cinema nacional ou internacional. Vejamos um exemplo:

<p><i>A Rosa Púrpura do Cairo.</i>  <i>The Purple Rose of Cairo.</i>            Estados Unidos.            1985.            Direção: Woody Allen.            Roteiro: Woody Allen.            Fotografia: Gordon Willis.            Música: Dick Hyman.            Produção: Robert Breenhut.            Duração: 81 min.            Legendado.            Produção Original para cinema em cores.            Elenco: Mai Farrow, Jeff Daniels, Dany Aiello e outros.            Distribuição em vídeo: Globo Vídeo</p>
---

(NAZÁRIO, MOURÃO, *A Rosa Púrpura do Cairo*, Apontamento 26)

As informações contidas nesse primeiro tópico permitem ao professor uma identificação rápida da obra e os aspectos gerais contidos no filme. Isso deve facilitar sua escolha, pois ele deveria saber melhor que ninguém, que na projeção de um filme estão implícitos vários fatores como a quantidade de aulas necessárias, para que os alunos assistam a um filme de 81 minutos; as dificuldades emergidas durante a aula se este não for legendado, dentre outros. Estes elementos, porém não devem limitar o trabalho do professor, levando-o a fazer o que é mais fácil, reduzindo as possibilidades de crescimento que ele proporcionaria aos seus alunos.

No segundo item é apresentado o **Resumo**. Este é semelhante às sinopses presentes também nos livros didáticos, raramente ultrapassa três linhas e permite que o professor conheça a temática central tratada no filme, bem como o(s) nome(s) dos autores do resumo. Vejamos logo abaixo reproduzido, um exemplo do falamos:

A protagonista (Cecília), para fugir de um cotidiano insuportável, vai várias vezes ao cinema assistir a um mesmo filme, até que se apaixona pelo ator e o imagina saindo da tela para conhecê-la. (NAZÁRIO, MOURÃO, *A Rosa Púrpura do Cairo*, Apontamento 26)

No terceiro item da Série, denominado **Indexação** são apresentados os elementos que constituem as palavras-chave para compreensão e classificação temática do filme: conceitos objetivos e subjetivos como *espectador/ idolatria/ imaginário*; comumente tratados nas aulas de história, sociologia, dentre outras.

No quarto item, **Aspectos Cinematográficos** os pesquisadores buscam inserir o leitor na temática na qual se orientou o diretor para dar sentido ao filme; o caminho percorrido por ele na interpretação da personagem retratada, bem como os filmes anteriores em que a problemática fora abordada, levando o telespectador a traçar uma linha de personagens para a compreensão da proposta atual. Vejamos, agora, como são apresentados, nesse excerto, os aspectos cinematográficos do filme *A rosa púrpura do Cairo*:

Parábola moral inspirada em tipos fellinianos, *Broadway Danny Rose* (*Broadway Danny Rose*, 1984) é outro filme original, que fala sobre a dificuldade e a necessidade de ser feliz sem prejudicar ninguém: os seus fracassados (um equilibrista) de um só braço, um casal que torce balões em forma de animais, um ventríloquo gago, um sapateador perneta e outros pequenos artistas humilhados pela vida) não deram certo por bondade, num mundo que cobra pelo sucesso o preço do sofrimento alheio. (NAZÁRIO, MOURÃO, *A Rosa Púrpura do Cairo*, Apontamento 26)

Por outro lado, alguns dos autores desses textos introdutórios elaboram uma crítica ao filme expondo os elementos que o poderiam (*sic*) tornar melhor que o livro, como por exemplo, no caso da personagem *Macabéa* de Clarice Lispector, vertida para o cinema no filme *A hora da estrela* de Suzana Amaral:

Felizmente, o filme não se reduz à narrativa. Suzana, que obteve um rendimento ótimo de todos os atores, teve a sorte de encontrar Marcélia Cartaxo para interpretar Macabéa, uma jovem atriz paraibana que emprestou seu corpo e sua alma à personagem “virgem e inócua” do livro. E a aparição de Macabéa, tal como pudera imaginar e fazer imaginar Clarice, tornou dispensável, no filme, a presença *Macabéa* de Clarice Lispector do narrador e redimiu o livro e o filme da amargura que seus epílogos lhe prometem: a hora da estrela é, na verdade, a hora da morte, único instante de glória que o destino reservou à patética criatura que escapou do laboratório da natureza e vaga pelo mundo com a mesma inocência da criatura de Frankenstein (NAZÁRIO, *A hora da Estrela, Apontamento 11*)

Os aspectos cinematográficos são retomados a cada elemento presente no filme que traduz a problemática do objeto a ser filmado. Um exemplo disso é “o som dos atabaques” no filme “*O pagador de Promessas*”, pois na linguagem cinematográfica o *fundo musical* é uma importante contribuição, dando apoio à cena, suavizando-a ou, no caso do filme citado, dramatizando-a, proporcionando, enfim, ao espectador efeitos estéticos não semânticos na compreensão ou significação da imagem.

Há também uma preocupação em trazer ao leitor as falas originais dos diretores. No Caso do filme Lamarca, Sergio Rezende, diretor, afirma: “Eu me interessei pelas figuras humanas, tanto no caso de Tenório como no de Lamarca”. Aos poucos, o filme é apresentado em detalhes e os aspectos particulares passam a ter grande significado para a sua compreensão geral. Desse modo, o professor passa a obter informações sobre o filme, ampliando assim suas fontes para discussão do mesmo.

Para entender o filme, é necessário que se realize uma contextualização do mesmo. Isso está presente no quinto item denominado **Aproximação**. Momento em que o filme é analisado à luz do que está acontecendo mundialmente, tanto aspectos políticos quanto sociais.

Vejamos como se dá análise dos autores ao apresentar o item **Aproximação** tendo como base o filme *A Rosa Púrpura do Cairo*.

Um dos exemplos mais brilhantes da proposta do cinema como real do reflexo pode ser encontrado no filme de Woody Allen a rosa púrpura do Cairo. Neste filme, a protagonista (Cecília), para fugir do cotidiano insuportável, vai várias vezes ao cinema assistir a um mesmo filme, até que se apaixona pelo ator e o imagina saindo da tela para conhecê-la. Ou seja, para ela, o filme a que um processo de identificação com a ação, motivado por uma grande carência afetiva.

As teorias antropológicas reconhecem a necessidade que o ser humano tem de buscar os traços de sua identidade nos mitos.

O cinema é o meio de expressão que melhor se adapta ao desenvolvimento dos mitos, em função de sua capacidade de criar mistérios através de impressão de realidade que surge na relação instaurada entre o espectador e o filme.

O espectador projeta na tela os sonhos de sua identidade, transpondo-se, assim, para uma realidade imaginária que se confunde com seu cotidiano[...]. (NAZÁRIO, MOURÃO, *A Rosa Púrpura do Cairo*, Apontamento 26)

No que tange ao item seis, **Disciplinas Indicadas**, os autores do texto ressaltam as disciplinas que podem ser diretamente relacionadas às informações e às discussões do Apontamento em questão.

Ao longo de todo o Projeto de elaboração da “Série Apontamentos”, foi mantida a proposta de se construir um material interdisciplinar, que atendesse a todas as disciplinas do currículo e ao mesmo tempo dialogasse com as diferentes áreas do conhecimento, apresentando os textos e articulando-os.

Tomando ainda como exemplo *A Rosa Púrpura do Cairo*, a película é indicada para as áreas de Literatura e Artes. Seus autores assim iniciam sua proposta:

Na introdução ao estudo da ficção, o professor tem, neste filme, um bom exemplo da relação entre o mundo ficcional criado e o receptor – a importância da ficção no cotidiano das pessoas. A noção de catarse, como pensou Aristóteles, também pode ser introduzida a partir da exibição deste filme, Por não se tratar de um fenômeno de *leitor, stricto sensu*, a discussão pode ser ampliada para as artes em geral. Nesse caso, o professor de *Educação Artística* tem aí uma boa oportunidade. Temas como *arte/alienação* e *recepção das obras de arte* são também pertinentes. Além, é claro, do mito no *cinema*. Para os professores destas disciplinas é indispensável a leitura de *Lições com Cinema 5*, série editada pela Videoteca/FDE. (NAZÁRIO e MOURÃO, *A Rosa Púrpura do Cairo* (Apontamento 26)

Finalmente, segue o item **Afinidades** onde apontam os filmes e os livros que são correlatos ao filme apresentado. Vejamos o exemplo nos apontamentos do filme *Lamarca*, escrito por Ricardo Picchiarini e Fernando Passos):

**Filmes:**

Pra Frente Brasil(1983), de Roberto Farias.

Nunca Fomos tão Felizes (1983), de Murilo Salles.

O país dos Tenentes (1987), de João Batista de Andrade.

Jânio a 24 Quadros (1981), de Luiz Alberto Pereira

Cabra Marcado para morrer, de Eduardo Coutinho

Os inconfidentes (1972), de Joaquim Pedro de Andrade

Jango(1984), de Silvio Tendler.

**Livros:**

BARCELLOS, Jalusa. CPC da UNE. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

D'ARAUJO, Maria Celina et al.(Orgs.). Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

GABEIRA, Fernando. O que é isso, companheiro? Rio de Janeiro: Coderi, 1979.

VENTURA, Zuenir. 1968: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: nova Fronteira, 1988.

(PICCHIARINI e PASSOS, *Lamarca*, Apontamentos 442)

O material da “Série Apontamentos” conta ainda com **Notas**, às quais indicam termos técnicos da linguagem cinematográfica. Exemplo em *Lamarca* escrito por Ricardo Picchiarini e Fernando Passos:

1. *Plano* – Enquadramento de imagens nos limites do espaço visual no momento de filmar. Um plano é geralmente, separado de outro por um corte.

2. *Off* – Recurso muito comum, consiste em apresentar a voz ou sons sem que seu emissor apareça no quadro.

(PICCHIARINI e PASSOS, *Lamarca*, Apontamentos 442)

Nessas **notas** é comum o autor traçar também um breve histórico e biografias dos diretores, atores e atrizes que aparecem na exposição do texto.

A “Série Apontamentos” introduz, através da riqueza conceitual, informativa, teórica, de seus materiais, uma possibilidade de gerar debates articulados com os temas previamente selecionados pelo professor e ao mesmo tempo como

documento em si, um produto cultural e estético que veicula valores, conceitos, atitudes e representações sobre a sociedade, a ciência, a política e a história.

O processo de digitalização da “Série Apontamentos” foi totalmente concluído em 1994 e, hoje, se encontra disponível para consulta e empréstimo no Centro de Referência Mário Covas.<sup>27</sup>

Não é necessário fazer nenhum mergulho profundo na história da educação para verificar que a grande maioria dos educadores projetou suas ações como parte de um processo que tinha e tem como principal objetivo o pleno desenvolvimento das faculdades dos seres humanos, respeitando suas personalidades e características pessoais, enfim, contribuir com o desenvolvimento de sua autonomia e capacidade de compreender criticamente e transformar a sua realidade. Assim, o tempo todo temos que nos perguntar: como utilizamos os recursos que estão disponíveis em nossas mãos, quer seja um giz, um livro ou um filme que possa contribuir com tão auspiciosos objetivos?

Sabemos que apenas tomar conhecimento da existência de um periódico como a “Série Apontamentos”, não resultará na efetividade de seu uso pelo professor. É preciso provocá-lo, para que sua prática seja reveladora de ruptura de antigos paradigmas. Milton José de Almeida (1994) afirma:

Os filmes (como também outras obras artísticas) são produções da cultura: obedecem a condições de produção, contingências de mercado, mas não a objetivos pedagógicos, didáticos ou a seriações artificiais. Sua utilização na Educação é importante porque eles trazem para a escola aquilo que ela se nega a ser e que poderia transformá-la em algo vivo e fundamental: participante ativa criativa dos movimentos da cultura, e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes já deteriorados, defasados e inadequados para a educação de uma pessoa que já está imersa e viverá na cultura aparentemente caótica da sociedade moderna. (ALMEIDA, 1994, p.123)

Sem esquecer que, a escola é, por excelência, parte dessa cultura, seus agentes diretos, no caso os professores, podem tornar o ato de ver um filme uma ação emancipadora ou simplesmente, mais uma tarefa que reproduza conteúdos desprovidos de significados.

---

<sup>27</sup> O Centro de Referência Mário Covas situa-se à Avenida Rio Branco, 1260 – Campos Elíseos, São Paulo. CEP 01206-001 – SP. Os telefones são: (11) 3334-0311, 3334 0065, 3334 0666 e 3334 0100.

O historiador Antonio Penalves Rocha (1992), levando em conta a enorme influência do cinema, com seus reflexos sobre a sensibilidade, valores e comportamentos, chama atenção para seu uso na educação formal como recurso didático. Em seu trabalho, *O filme: um recurso didático no ensino da história?* Rocha (1992) apresenta de forma didática a natureza dos serviços que a representação cinematográfica pode prestar à História e adverte, em especial o professor de história, sobre o que seu mau uso pode representar.

A atribuição de subsídio à prática pedagógica que é dada à Série, de fato não deve engessar a reflexão dos aspectos retratados nos filmes, pois “cada filme comporta uma visão histórica particular, que deve ser apontada e discutida em sala de aula”. A Série apresenta aspectos objetivos da boa utilização do filme, porém a construção final será do aluno e do professor. A esse respeito, no texto “*História e cinema: a narrativa utópica no mundo contemporâneo*”, Saliba (1994) nos diz que:

O professor não deve se limitar a utilizar as imagens do filme exclusivamente para fazer com que a classe identifique os personagens históricos apresentados, caso contrário, “reduzirá à miséria um material didático de grande valor para a história. (SALIBA, 1994,p.84)

Cada filme, seja de ficção ou documentário, traz consigo um grande volume de informações, questionamentos, descobertas e deveria plantar alguma semente no interior do aluno seja de esperança, medo, incerteza ou alegria. Essas informações devem ser discutidas e as imagens vistas e inseridas no processo histórico, logo como produto cultural que o gerou.

Saliba (1994), diz ainda que,

Sendo um dos elementos da cultura letrada, apresentado por meios de comunicação de massa, o filme possui a capacidade de promover mudanças sociais, seja pela criação de novos valores e comportamentos, seja como veículo de propaganda ou de crítica política, mostrando, neste último caso, uma história política da Nação diferente daquela oficial retratada. (SALIBA, 1994, p. 85)

É importante ressaltar que alguns aspectos relacionados a pouca formação do professor com a linguagem cinematográfica, devem ser considerados na escolha

material fílmico a ser apresentado na aula, inclusive para que seja eficaz sua utilização. Pois, segundo esse historiador:

Cada filme, não importa se de ficção ou documentário, é único, tem sua particularidade dada pelo assunto que narra, o que faz dele o depositário de um volume considerável de informações sobre o mundo que o circundava quando foi feito. Em outras palavras, qualquer filme reproduz ou dialoga com aspectos das condições materiais de existência, da ideologia, da política e também da história do cinema do período em que ele foi realizado (SALIBA, 1994, p.85-86)

Os colaboradores da Série manifestam, em todo o material pesquisado uma preocupação em não fazer uso do filme apenas como um objeto de diversão, mas como instrumento que viabiliza a construção do fato pelo sujeito, ajudando-o na compreensão do filme enquanto documento histórico. Nesse sentido, Saliba (1994) pondera:

De fato, ele pode ser material auxiliar da aula de História de dois modos: primeiro, se o professor puder demonstrar que as questões da época em que um determinado filme foi feito se manifestam de alguma forma na narrativa, isto é, ele for reduzido à condição de documento histórico; segundo, se ele for submetido ao que pode ser denominado 'redução historiográfica'<sup>28</sup>. De qualquer modo, só mesmo por meio de uma dessas reduções o filme poderá ser transformado em material didático, posto que só assim será possível retirá-lo do mundo do espetáculo e acomodá-lo à aula de História (SALIBA, 1994, p. 86,)

O filme pode ser considerado um material didático para o ensino de História. Isso dar-se-á, à medida que houver um constante diálogo entre o que se estuda (algum conteúdo do currículo escolar, supostamente algo do passado), com as condições materiais de existência em que o filme foi feito.

---

<sup>28</sup> Cumpre explicar o que quer dizer com "redução historiográfica. Os filmes históricos, sejam eles ficcionais ou documentais, não têm nenhuma obrigação de manter compromissos com a produção historiográfica, acadêmica, que, no processo de difusão do conhecimento, chega aos bancos escolares de 1º e 2º graus. Além disso, por ser produzido, pela indústria cultural, absorvendo, portanto, investimentos inimagináveis para a Educação, deve atender ao gosto dos seus consumidores, ou, pelo menos, tentar mudar o padrões de gosto, seja como for, os filmes em geral são realizados para dar lucros. Os filmes históricos não escapam a essa regra. De qualquer modo, ao lidar com o passado, cada filme histórico é orientado para uma determinada concepção histórica, manifestada ou nos pressupostos teóricos que orientam a sua abordagem, ou na reconstituição da época histórica que lhe serve de tema ou de cenário." (ROCHA, 1994, p. 87)

Esse papel de trazer a história para dentro do filme, cabe ao professor principalmente se ele puder demonstrar que as questões da época em que um determinado filme foi feito se manifestam de alguma forma na narrativa.

Corroborando com esses postulados, Marília Silva Franco (1992) afirma:

O exercício escolar de ver imagens audiovisuais e “discutir” com elas sobre conteúdo e expressão, a oportunidade de discordar do autor da mensagem com a orientação do professor vão formar e consolidar a leitura crítica dos meios de comunicação e possibilitar uma relação responsável com a informação e o lazer. (FRANCO, 1992, p.28)

Antonio Penhalves Rocha (1994), alerta sobre a atenção que o professor em sua prática deve ter ao ver um filme com seus alunos. Para ele, “cada filme comporta uma visão histórica particular, que deve ser apontada e discutida em sala de aula” (p.84). O professor não deve se limitar a utilizar as imagens para identificar os personagens históricos apresentados, caso contrário, reduzirá à miséria um material didático de “grande valor para a História”. Enriquecendo esse diálogo, Bauer e Dabul (2008), avaliam as diversas possibilidades das narrativas fílmicas,

O cinema pode ser pensado como uma fonte que auxilia a entender as ideologias e mentalidades dos sujeitos históricos. As narrativas fílmicas, assim como também a caracterização de determinados personagens contribuem para compreender determinados eventos e períodos da história, suas idéias, práticas ou ideologias. (BAUER e DABUL, 2008, p, 99-100)

Retomando as orientações observadas no interior da “Série Apontamentos”, veremos que a intenção não era criar um método para a utilização do cinema em sala, mas orientar o trabalho do professor, as possibilidades de usos e implicações.

Há uma tendência unânime entre os estudiosos da arte fílmica de considerar que o filme possui uma capacidade de promover mudanças sociais, seja pela criação de novos valores e comportamentos, seja como veículo de propaganda ou de crítica política.

Nesse sentido, a “Série Apontamentos” mostra-se um material diversificado, pois apresenta uma ampla possibilidade de leituras e interpretações dos momentos históricos, trazidos para o presente, através dos filmes, documentários, ou qualquer gênero que se pretenda analisar. Vejamos um exemplo no filme *Cantando na*

*Chuva*, de Gene Kelly e Stanley Donen. O jornalista e crítico de cinema Antonio Quirino Neto, registrou os aspectos cinematográficos do filme na “Série Apontamentos”, e assim opinou:

Diante do pessimismo desse filme genial, o igualmente genial *Cantando na Chuva* aparece como a promessa de felicidade de um tempo que passou, mas não pode ser olvidado. Assim, a contradição proposital no interior da obra de Kubrick (arte sublime com selvageria, instinto básico com civilização, liberdade com administração policial e fascista, etc.) inspira uma contradição externa entre um filme representante dos violentos anos 70 e outro que traz a recordação de um mundo paradisíaco e alegre (*Cantando na Chuva* Apontamentos 377).

Exatamente por ser a opinião pessoal do autor, esse excerto nos dá uma clara idéia do que podemos encontrar na “Série Apontamentos” no que tange à crítica dos diferentes títulos, bem como a presença de uma tentativa por parte do autor de aproximar os fatos retratados no filme com o momento histórico.

Dessa forma, a “Série Apontamentos” deveria possibilitar ao professor um trabalho que não se limitasse apenas à projeção de um vídeo de sua preferência, mas sistematizasse como extrair dos alunos, telespectadores, uma compreensão ampla do sentido e do significado de um filme na e para a história.

Se assim visto, o filme deixaria de ser algo que mostrasse um único aspecto da realidade social e ofereceria um leque de possibilidades para interpretação e análise do mesmo.

Enfim, este trabalho nos indica a necessidade de proceder a uma análise dialética dos elementos que estão presentes no mundo, caso contrário, desperdiçaremos “instrumentos de revelação do mundo para o homem.” (COELHO, 2006, p.88).

As seleções para formar a Série resgatam temas relacionados às questões agrárias, sanitária, indígena, da criança abandonada, da violência urbana, prostituição, trabalho industrial, rural, meio ambiente, imigração, urbanização, fome, etc., não importando a forma documental ou ficcional.

Um exemplo disto foi amplamente apresentado por Vesentini (1990), em seu texto *Amazônia* o qual resgata um conjunto de filmes que pode auxiliar na compreensão dos diversos aspectos da Amazônia e que constituem um instrumento

didático para o professor História, Ciências, Biologia, Geografia, Sociologia, dentre outras disciplinas curriculares do 1º e do 2º graus<sup>29</sup>.

Os filmes trazem reportagens sobre mineração, problemas indígenas, queimadas na floresta, chuvas na Amazônia, entrevistas com camponeses ou com seringalistas (ganhando destaque aqui as entrevistas com Chico Mendes, registradas em alguns filmes).

Foi produzida uma série denominada *A Década da Destruição\** (1987)<sup>30</sup>, resultado de um convênio entre a Universidade Católica de Goiás e a Central Independent Television, de Londres. Com a participação de técnicos ou cientistas significativos, como o engenheiro-agrônomo José Lutzemberger, principalmente, e também o climatologista Enéas Salati e outros. Essa série é constituída por sete títulos, cada qual com cerca de cinquenta minutos de duração. São eles: “*As Tempestades na Amazônia*”; “*O Caminho do fogo*”; “*Na trilha dos Uru-Eu Wau Wau*”; “*Nas cinzas da Floresta*”; “*Montanhas de Ouro*”; “*Financiando o Desastre*” e “*Eu Quero Viver*”.

Há, ainda, inúmeros outros títulos todos disponíveis na videoteca FDE, que tratam do tema Amazônia. É o caso, por exemplo, de: *Aguirre, a cólera dos Deuses* \*(1973), de Werner Herzog, recomendável por ser elucidativo sobre a ocupação da Amazônia no século XVI e sobre as imagens que essa região possuiu, desde local onde existiria o rico “Eldorado” até o seu oposto nas idéias de “inferno verde” ou “floresta impenetrável”; *Bye Bye Brasil* \*(1979), de Carlos Diegues, com cenas representativas ao redor da rodovia Transamazônica, buscando retratar a mudança do Brasil, e em especial da Amazônia, de tradicional e rural para moderno e urbano, com as contradições desse processo; *Iracema, Uma Transa Amazônica\** (1980), de Jorge Bodanzky, outra aventura rodada nessa região, gira em torno de uma adolescente cabocla que se prostitui; *Terceiro Milênio\** (1983), também dirigido por Bodanzky, com a colaboração de Wolf Gauer, filme-reportagem que retrata uma viagem fluvial pelo interior do Estado do Amazonas, no barco do então senador Evandro Carneira, onde surgem vários personagens e situações exóticas; *Ernesto Varela em Serra Pelada\**(1984), de Marcelo Tas e Fernando Meirelles, documentário que mostra com muito humor o garimpo de ouro nesse local, com os

<sup>29</sup> Essa denominação vigorou até a LDB – Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 promulgada em 20/12/1996.

<sup>30</sup> A série aqui referida contém sete títulos, que, mais tarde, receberam nova edição que os reuniu em quatro fitas. Existem as duas edições no acervo da Videoteca pedagógica. (\*) O asterisco indica que existem Apontamentos correspondentes sobre os referidos filmes.

sonhos e dilemas dos garimpeiros; e, por fim, temos um conjunto de filmes ou de reportagens já disponíveis em vídeo e que giram em torno de problemas amazônicos ou indígenas: *Avaeté, Semente da Vingança\** (1984), de Zelito Viana; *Terra dos Índios\** também de Zelito Viana; *Xingu\** (1985), de Washington Novaes; e outros. (VESENTINI, 1993, p.14)

Dessa forma, os conteúdos curriculares são tratados pela “Série Apontamentos” e as discussões, nela contida, servem para orientar o professor, uma vez que, conhecendo os variados títulos relacionados ao conteúdo curricular a ser discutido, enriquece também o universo cultural dos seus alunos.

É importante notar que na “Série Apontamentos” há, em cada fita, apenas um filme, o que facilita o uso do material.

Mesmo digitalizada a coleção permite ser impressa. Os professores são as únicas pessoas físicas que podem ter acesso aos filmes, porém já existe, atualmente, uma abertura para que as Secretarias Municipais de Educação, as Organizações Não-Governamentais - ONGs e a Fundação Casa<sup>31</sup>, emprestem títulos do acervo mediante ofício da instituição requerente.

Do acervo do CEDUC – Centro de Documentação e Informação para a Educação, estão à disposição para empréstimo 467 títulos, para os quais foram produzidos os Apontamentos correspondentes.

Sobre a “Série Apontamentos” algumas informações básicas podem contribuir para uma maior divulgação do seu acervo.

Cada exemplar corresponde a um título presente no acervo, de acordo com os aspectos cinematográficos como montagem, planos, cortes, cor, música, dentre outros. Ao longo do desenvolvimento do filme em questão, há um convite constante à interpretação do mesmo ou do desenvolvimento do assunto predominante com o objetivo de facilitar ao professor o acesso às informações e reflexões, que extrapolam o conhecimento, habitualmente, fornecido nos cursos de formação oferecidos pelo próprio Estado.

Recentemente, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, por meio da Diretoria de Projetos Especiais – DPE, da Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE, enviou às escolas um material semelhante à “Série Apontamentos”, dando continuidade à política de dotar a rede pública paulista de

---

<sup>31</sup> O Termo Fundação Casa é dado atualmente à antiga FEBEM – Fundação para o Bem-Estar do Menor.

ensino com materiais, equipamentos e recursos didáticos. Trata-se de uma caixa composta de vinte filmes acompanhada de dois cadernos, os quais traçam um breve roteiro para discussão das películas. Embora, como foi dito acima, haja uma pequena semelhança no material, este não apresenta a riqueza de possibilidades que a “Série Apontamentos” contempla.

### **3.2. Desafios que permeiam a prática cotidiana dos professores no uso do filme.**

A escola mudou, o ensino de História mudou. Não há possibilidade de se reconstruir o passado sem interferências do presente. Assim, o próprio texto criado pelos historiadores torna-se objeto de estudo, pois passa a representar a visão de um indivíduo sobre o passado. A história é viva, logo o “fazer histórico” também o é. Digamos que o ensino de História é movido pelas mudanças nas instituições sociais.

Julgar que a introdução de novos maquinários vai inserir à escola na modernização é reduzir a visão de que máquinas é sinônimo de moderno. Podemos utilizar em nossa prática novos meios, sabendo que o “recorte que o professor faz é uma opção política” (KARNAL, 2003, p.9).

Adequar nosso olhar para as exigências do aluno que precisa ser “situado com relação ao seu passado”. (HOBSBAWN, 1998).

É preciso resgatar o ensino de História como algo prazeroso. Pinsky (2003), nos afirma que,

As grandes mudanças as mudanças políticas e econômicas no final do século XX causaram muita perplexidade entre professores e estudantes de História em geral, criando em certos círculos, atitudes de ceticismo com relação ao próprio conhecimento histórico, o valor do ensino de História nas escolas e seu potencial transformador. (PINSKY, 2003, p.17)

Esse ceticismo e essa descrença ainda são sentidos, na atualidade, principalmente, entre os professores. Questionam-se a validade dos livros, a utilidade dos professores como agentes de ensino, constantes mudanças nas propostas curriculares que nunca são discutidas pelos professores.

Daí, a importância de pensarmos a prática do professor, que tem em suas mãos um grande instrumento: a capacidade de fazer o aluno perceber-se como sujeito histórico, capaz de melhorar o mundo em que vive.

A questão da formação docente para o exercício de sua função, como educador, já tem sido amplamente discutida na atualidade e vem tentando distanciar-se do estigma de trabalhadores improdutivos (SAVIANI, 1984; PARO, 1986; FERNANDEZ ENGUITA, 1989), cujo produto final deverá ser um aluno portador de inúmeros conhecimentos. A problemática da desvalorização do profissional da educação é um aspecto a ser considerado. O movimento das reformas educacionais privilegia os currículos e não foca o educador e sua complexidade.

Diante desse cenário, é importante resgatar, brevemente, as realidades na qual os professores têm realizado o seu trabalho, tendo o filme como uma das possibilidades, sobretudo como a questão da prática, segundo Freire (1978), precisa ser constantemente discutida.

“a prática de pensar a prática é a melhor maneira de aprender a pensar certo. O pensamento que ilumina a prática é por ela iluminado tal como a prática que ilumina o pensamento é por ele iluminado.(FREIRE, 1978 p.65)

O mundo cada vez mais organizado pela tecnologia implica uma relação diferenciada com o saber. O ensino e a aprendizagem devem ter natureza investigativa, na busca de novas soluções para problemas, cujas soluções conhecidas são insuficientes ou obsoletas. Será que o professor está preparado para a prática de uma pedagogia diferenciada?

Lino de Macedo, em *Ensaio pedagógico: como construir uma escola para todos*, chama à atenção para a necessidade do professor desejar aprender para ensinar em um processo de formação continuada. Para isso é fundamental

“transformar a sala de aula em um laboratório ou contexto em que o professor é desafiado para desenvolver novas formas de ensino e aprendizagem. (MACEDO, 2005, p.37).

No bojo dessas discussões, surgem as seguintes questões: como introduzir o uso de novos recursos nas aulas (independentemente da disciplina curricular), e principalmente o filmico, sem uma preparação prévia? Onde buscar os filmes para serem utilizados nas aulas? Qual a colaboração da escola a qual o professor está vinculado, para facilitar a obtenção de novos títulos, para diversificar o pequeno acervo existente? E, finalmente, onde posso encontrar material de apoio?

No caso específico dos professores que atuam no ensino de História, nem todos têm, necessariamente, a formação adequada para atuar na disciplina à qual lecionam. Formados, a maioria em História, outros em Geografia, Sociologia e Filosofia, têm em comum o fato de conhecerem apenas o uso do filme de ficção na aula. Os filmes não podem servir apenas para fixar os conteúdos curriculares.

Dentre os dilemas encontrados pelos professores da escola pública, na atualidade, está o fato de não dispor de fontes que o permitam transitar livremente nessa literatura específica, que pode levar à compreensão da linguagem cinematográfica, apesar da facilidade de acesso aos meios de comunicação, disponibilizados em massa aos professores, principalmente com a popularização dos videocassetes, do Drive Vídeo Disk - DVD, do aparelho de televisão,

Apesar do Estado de São Paulo, ser um dos Estados mais ricos da Federação, tal riqueza não é percebida o bastante na educação, uma vez que os recursos destinados às escolas pela Secretaria de Estado da Educação – SEE, não contemplam a compra de materiais permanentes como os já citados acima, tornando o professor refém de um único aparelho que é utilizado por toda escola.

Uma das principais características da educação formal está na criação de locais e hora definidas para acontecer o ato de aprender. Se assim é, qual seria seu compromisso com os professores, agentes dessa tarefa?

Há autores como Ferres (1996, p.11), que afirmam que a escola tem “medo de mudança”, por isso não ousa transgredir a ordem normal das coisas.

Regina Leite Garcia, retoma a tarefa da escola, que precisa ir além do ensinar a ler escrever e, assinala que:

...o papel da escola é, também, ensinar a degustar as formas e os conteúdos que hoje podem parecer superados, mas que fazem parte das nossas raízes, ou pertencem ao patrimônio cultural da humanidade. A poesia chinesa clássica, as pinturas rupestres de Altamira e de Lascaux, a concepção arquitetônica das malocas dos índios brasileiros, as esculturas africanas contemporâneas são tão

importantes quanto um concerto de Xanakis, uma pintura de Picasso, um poema de Drumond de Andrade, um filme de Ingmar Bergman, um vídeo de Bill Viola, um balé de Martha Graham ou uma fotografia de Sabastião Salgado. (GARCIA, 1995, p. 46)

Assim se faz necessária aparelhá-la com recursos que facilitem também ao aluno compreender-se como sujeito que possui uma identidade cultural.

Um dos elementos igualmente importante que se soma a essa a reflexão, é o significado que o livro didático tem no cotidiano do professor de história na utilização do filme.

Os livros didáticos constituem um dos materiais pedagógicos disponibilizados em maior escala aos professores das escolas públicas. Para muitos docentes, é o único material que a escola lhe oferece para realizar seu trabalho docente. Ainda é uma peça-chave da prática educativa dos professores de história, desempenhando também um papel de fundamental na preparação das aulas, e como um instrumento de divulgação do saber histórico escolar. (CANDAUI, 2000, p.241)

Todos os anos são enviados dezenas de livros às escolas públicas, pelas editoras conveniadas, para fins propagandísticos, pelo Programa Nacional do Livro Didático - PNLD. Estes livros são enviados “gratuitamente” para as escolas por iniciativa da Secretaria de Estado da Educação – SEE. O livro didático é um material utilizado em larga escala pelo professor, no entanto poucos trazem referências sobre a proposta do uso do filme como recurso para o processo de ensino-aprendizagem.

E, finalmente, criado para minimizar as dificuldades de acesso aos filmes e facilitar a relação entre escola, professor e órgãos prestadores de serviço do governo estadual, foi criado o setor de Gerência de Documentação. Esse não se vincula apenas à videoteca pedagógica, mas, a todos os materiais de pesquisa disponíveis no acervo da Fundação para o Desenvolvimento da Educação. O objetivo desse setor é tornar acessível para empréstimo um acervo selecionado de títulos, acompanhados de publicação informativa e complementar, dentre elas está a “Série Apontamentos”, que, complementando o próprio filme, não só oferece suporte no que se refere ao conjunto de informações, como também pela relação que mantém com a atividade docente.

A “Série Apontamentos” em nenhum momento questiona a validade do filme nas aulas. A autonomia de escolha e emprego do filme é do professor.

Tanto a “Série Apontamentos” como *Lições com cinema*, consideram que a produção cinematográfica, televisiva e videográfica podem contribuir grandemente para a discussão de diversos temas na escola, porque tende a apresentá-los de formas variadas.

Como já mencionado anteriormente, o conjunto de filmes inclui produções de diferentes épocas e escolas cinematográficas; produções de diferentes gêneros (documentário, ficção, cinebiografia, comédia, drama, suspense, etc.); produções de diferentes países.

Assim a diversidade em relação às potencialidades para o trabalho pedagógico está também relacionada a uma necessidade de familiarização do professor e dos alunos com a linguagem a ser veiculada e depois discutida em sala. Familiaridade que não deve ser confundida com a oferta dos mesmos e velhos filmes repetidos inúmeras vezes na televisão, mas abrir-lhes aos novos bens culturais variados e oferecer acesso às novas produções.

A organização dos filmes e dos textos do acervo responde a uma demanda não atendida de professores que não tem acesso a todos os gêneros de filmes, decorrente das condições materiais concretas a que é submetida. Os professores sofrem pela formação universitária precária e o pouco acesso às informações quanto ao uso das novas tecnologias (se é que todos devem tê-la?). Precisam vencer o medo de manipular os equipamentos existentes na escola não se intimidando perante os colegas que já dominam o manuseio dos equipamentos. Superar às críticas de que sua ação é mais um pretexto para “passar o tempo” e “matar aula”, enfim, saber lidar com a falta de dinheiro para atualizar-se cotidianamente.

Há evidências que os filmes da “Série Apontamentos” são pouco procurados pelos professores da rede pública estadual de São Paulo.

As sugestões de filmes existentes na videoteca não resolvem totalmente o problema enfrentado pelo professor e a fonte a ser utilizada. Há ainda um longo trajeto a ser percorrido: o das dificuldades materiais concretas vividos pelas escolas públicas paulistas em pleno século XXI: ora não tem Televisão, ora não tem Drive Vídeo DisK - DVD, ora a chave do móvel que guarda os equipamentos está em poder de alguém que naquele dia não veio, dentre outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi resgatar a “Série Apontamentos” - um projeto da Secretaria Estadual da Educação - produzido no início dos anos de 1990, com o objetivo de criar subsídios para os professores da rede pública estadual utilizarem de forma consciente o filme em sala de aula.

Na perspectiva de entender o contexto em que a Série foi organizada, buscamos, na proposta Curricular para o Ensino de História e nos documentos, produzidos pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação, a fundamentação e as relações feitas pela equipe técnica responsável pelo projeto, acerca do filme e o ensino de História, uma vez que 30% dos títulos existentes referem-se a essa disciplina.

Paralelamente, procuramos um diálogo entre o filme e suas contribuições para a compreensão crítica dos fatos e o contexto social em que eles são produzidos, bem como as intervenções feitas pelos sujeitos envolvidos.

Buscamos suporte teórico nos autores que, preocupados na instrumentalização do professor para a utilização do filme, pesquisaram sua relação entre os aspectos cinematográficos e históricos, apontando a relação dialética e dialógica entre eles.

Nessa pesquisa mostrou-se que professor e aluno são parceiros na (re) construção dos fatos, amparados por materiais escritos e organizados por pesquisadores de cinema que perceberam a quase inexistência de materiais para o uso do professor em sua prática cotidiana.

Não são poucos os problemas que permeiam o trabalho docente no chão da escola pública paulista. São dificuldades que, muitas vezes, passam a fazer parte do cotidiano pois, como sabemos, passamos a não nos incomodar com o que nos acostumamos.

Muito embora o acesso aos filmes tenha sido “democratizado” pela televisão e locadoras, frequentemente os títulos são reprisados inúmeras vezes, o que acaba por empobrecer o repertório do adolescente ou jovem, no uso do recurso fílmico.

Os filmes acessíveis e disponíveis na escola, em sua maioria, não são renovados, resultando num material monótono, cujas imagens não envolvem e se assemelham às aulas expositivas as quais os alunos estão cansados de ter.

Como docente da rede pública estadual, tenho constatado que o filme tem sido utilizado como um escape para os dias de chuva ou até mesmo para suprir a ausência de um professor, fato este que não é garantia de bom resultado.

É sabido que podemos utilizar o filme para introduzir ou ilustrar um conteúdo, no entanto, o projeto da criação da “Série Apontamentos” em sua gênese, se propunha a despertar o interesse dos alunos por questões sociais, políticas e históricas, desenvolver a criatividade e a criticidade, através do cinema, e assim contribuir para que aluno se tornasse capaz de criar novos contextos.

Como tornar isso uma realidade, se o recurso que o professor possui só permite trabalhar o filme como “ilustração”, incremento e reforço de um conteúdo curricular, estabelecendo com o aluno um diálogo sem resposta?

Ao longo dessa pesquisa, observei que não há indícios de divulgação e distribuição da “Série Apontamentos” às escolas públicas estaduais de São Paulo.

Essa pesquisa se justifica, na medida que resgata um periódico que muito pode contribuir, para facilitar o acesso dos professores da rede pública estadual, secretarias municipais, entidades sem fins lucrativos, aos materiais escritos e aos filmes e ampliar as possibilidades de uso desses recursos junto aos profissionais da educação que desejarem realizar um trabalho qualitativo e reflexivo com seus alunos.

A “Série Apontamentos”, como o próprio nome já diz, aponta para o professor um dos caminhos para a compreensão do filme e sua relação com o fato histórico que se pretende estudar. A grande quantidade de títulos permite um verdadeiro mergulho na subjetividade e deleite peculiar da linguagem do cinema.

Nos últimos tempos, temos falado muito na autonomia do professor, na liberdade de cátedra que o Estatuto do Magistério lhe confere, no entanto, não creio em autonomia sem instrumentos que a torne exeqüível. A responsabilidade em concretizar uma educação efetiva não deve ser atribuída apenas ao professor. A educação para transformar precisa ser transformada.

Os professores reivindicam melhores condições de emprego e um estatuto que testemunhe o reconhecimento de seus esforços. É preciso dar-lhes os

instrumentos de que necessitam na construção permanente do seu trabalho pedagógico e no desenvolvimento do seu ofício de ensinar.

Com este estudo, não pretendo padronizar as possibilidades de construção criadora que o professor carrega consigo, mas convidá-lo a revitalizar, transgredir, desafiar, criticar; enfim, repensar de maneira permanente sua prática, soltar sua imaginação, sua paixão pelo seu trabalho e correr o risco de explorar novos caminhos.

Retomando os estudos realizados por Carbonell, a intensiva utilização dos meios tecnológicos é cada vez mais crescente e nos coloca diante de um grande desafio:

Integrar e dominar as novas tecnologias da informação exige uma relação mais interativa entre os professores e os alunos para poder trocar e compartilhar de maneira mais fluida e permanente o acesso, a seleção, a associação e a crítica do conhecimento. Por isso na função docente, a simples transmissão se torna cada vez mais ultrapassada e se requer mais orientação e acompanhamento do que nunca para otimizar as possibilidades que oferecem de motivação, descoberta, investigação e criatividade, entre outras; (...) (CARBONELL, 2002, p.57)

É notório que melhorar a qualidade dos professores, do processo pedagógico e dos conteúdos de ensino não deixa de levantar uma problemática cuja solução não é fácil, porém penso que nunca podemos nos acostumar em ver as possibilidades de formação do *meu* (sic) aluno se esvaír, como se eu nada tivesse a fazer, pensando *é assim mesmo*.

Enfim, como nos afirma Freire, “é preciso aprender com o povo a gritar e introduzir essa forma de gritar na educação sistemática. De qualquer forma, o ser humano sempre grita primeiro para depois falar. A gente nasce gritando.” (FREIRE, 1974, p.120)

Reivindicamos, assim, um papel decisivo da escola e dos seus professores na construção de uma consciência histórica e social a partir da utilização de recursos como esses que se encontram disponíveis, mas nem sempre são conhecidos pelos sujeitos do processo educacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Milton José de. *Cinema e televisão: histórias em imagens e som na moderna sociedade oral*. In: FALCÃO, Antonio Rebouças; BRUZZO, Cristina(Coords.). *Coletânea lições com Cinema*. São Paulo: FDE, 1993, p.87-107.

\_\_\_\_\_. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo, Editora Cortez. 2001, 110 p.

ARAÚJO, Inácio de. *O mundo em movimento*. São Paulo: Scipione, 1995).

ASSMANN, Hugo. *Metáforas novas para reencantar a Educação: epistemologia e didática*. Piracicaba: UNIMEP, 1996.

BAUER. Carlos e DABUL, Marie Rose. “O cinema como fonte documental em pesquisas educacionais: análise do filme ‘Anjos do arrabalde’, de Carlos Reichenbach”, In: *Dialogia*, São Paulo, v.7, n.1, p.96-101, 2008. Disponível em [www.uninove.br/revistadiialogia](http://www.uninove.br/revistadiialogia)

BERNADET, Jean-Claude. *Historiografia básica do cinema brasileiro*. São Paulo: Annablume, 2003.

\_\_\_\_\_. *O que é Cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BLOCH, Marc. *Introdução à História, tradução de M.M. Miguel e R. Grácio*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1965.

BORGES, Vavy Pacheco. *O que é História?* São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos)

BRUZZO, Cristina. *O cinema na escola: O professor, um espectador* (Tese de Doutorado.UNICAMP), 1995.

CANDAU, Vera Maria (org). *Reinventar a escola*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CARBONELL, Jaume. *A Aventura de inovar: a mudança na escola*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

CASPARP – KARYDIS, P. et aliii. *L apresse d’education et d’enseignemanet, XVIII Siécle -1940*. Paris: INRP/Cnrs, 1981.T.1,p.8)

CATANI, Denice e BASTOS, M<sup>a</sup>

. Helena.C - (Orgs).(2002). *Educação em revista – a imprensa periódica e a História da Educação* . São Paulo:Escrituras.

COELHO, Teixeira. *O que é indústria cultural?* São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos).

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Diferl, 1988.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. ( Coleção Primeiros Passos)

\_\_\_\_\_. "Ideologia e Educação". *Revista Educação e Sociedade*., São Paulo, ano II (5):24-40, jan.1980.

DUARTE, Rosália. *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.

EISENSTEIN, Sergei. *Reflexões de um cineasta*. Rio de Janeiro, Zahar Editores. 1969.

EWALD Fº, Rubens. *Dicionário de cineastas*. Porto Alegre, LP&M, 1988.

FALCÃO, Antoni. R. & Bruzzo, Cristina (orgs). *Lições com cinema*. São Paulo, FDE, 1993.

FALCÃO, Antoni. R. & Bruzzo, Cristina (orgs). *Cinema: uma introdução à produção cinematográfica*. São Paulo, FDE (lições com cinema 1), 1992, 135 p.

FERNANDES, Florestan. "A formação política e o trabalho do professor". In: CATANI, Denise B. et al.(orgs). *Universidade, escola e formação de professores*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FERRO, M. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p.86.

FERRÉS, Joan. *Vídeo e Educação*. Porto Alegre: Artmed, 1996.

FERRETTI, João. *O filme como elemento de socialização na escola*. São Paulo, FDE (lições com cinema 4), 1995, 44 p.

FRANCO, Marília da silva. E outros. *Coletânea, Lições com cinema vol I*. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE, 1993.

FRANCO, Marília da silva. *A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais*. In:\_\_\_\_\_. **Cinema:** uma introdução à produção cinematográfica. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1992,p.28.(*Lições com Cinema, 1*)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974

FONSECA, Selva Guimarães. *Caminhos da história ensinada*. São Paulo: Papyrus, 2005.

GARCIA, Regina Leite. *Cartas Londrinas e de outros lugares sobre o lugar da Educação*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

GENTILI, Pablo (org.). *A cidadania Negada*. 5. ed. São Paulo: Cortez: [Buenos Aires Argentina]: CLACSO, 2002.

HOBBSAWN, Eric. *“O sentido do passado”*. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003.

LE GOFF, Jacques. *A nova história*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* S. Paulo, Cortez, 1998.

LOPES, Nei. *Sambeabá – O Samba não se aprende na escola*. Editoras Casa da Palavra e Folha Seca, RJ:2003. In: [www. Abi.org.br/colunistas.asp](http://www.Abi.org.br/colunistas.asp)

MELLO, G.N. *Cidadania e competitividade: desafios educacionais do terceiro milênio*. São Paulo: Cortez, 1994.

MACEDO, Lino de. *Ensaio pedagógico: como construir uma escola para todos?* Porto Alegre: Artmed, 2005.

MARX, Karl. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1997. (3 vols.).

MORAN, José Manuel. *O Vídeo na Sala de Aula*. Comunicação e Educação, ECA-Ed. Moderna, São Paulo, n.2, p. 27 a 35, jan./abr. de 1995.

NAPOLITANO, Marcos. *“Fontes audiovisuais: a história depois do papel”* IN: PINSKY, Carla (org). *Fontes históricas*. São Paulo, Contexto, 2005.

RAMOS, Alcides. *Canibalismo dos fracos*. Cinema e História do Brasil. Bauru, EDUSC, 2002, 362 p.

RAMOS, Eduardo. *A linguagem cinematográfica*. (In: Caderno de cinema do professor 2. FDE/SEE, 2009,p.73)

PINSKY, J. e PINSKY, Carla B. *Por uma história prazerosa e conseqüente*. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003.

SALIBA, Elias Thomé. *A produção do conhecimento histórico e suas relações com a narrativa fílmica*. In: FALCÃO, Antonio Rebouças; BRUZZO, Cristina (Coords.). *Coletânea lições com Cinema*. São Paulo: FDE, 1993, p.87-108.

SEVERINO. Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2006.

## DISSERTAÇÕES

MARRONE, Maria Lúcia. *Cinema e Educação (1920-1945). A participação da “imagem em movimento” nas diretrizes da educação Nacional e nas práticas pedagógicas escolares – Dissertação Mestrado, USP, 1997.*

MELLO, Regina Santos de Oliveira. *A série Apontamentos: uma proposta para a utilização do cinema na sala de aula*. Dissertação de mestrado, Mackenzie, 2006.

NOGUEIRA, Elvio. *Ler e ver: uma dialogia necessária*. Dissertação de Mestrado, Uninove, São Paulo:2003.

SILVA, Ana Cristina Venâncio da. *Uma videoteca para a educação: o projeto CEDUC – vídeo, a videoteca pedagógica e as publicações sobre cinema produzidas na FDE de 1988-1997*. Dissertação de Mestrado, USP: 2009.

SOUZA. Bruno Jorge de. *O Cinema na Escola: Aspectos Pedagógicos do Texto Cinematográfico*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Goiás: 2005.

## PERIÓDICOS E REVISTAS

**Série Apontamentos** – nº (1), (26), (40), (57), (185), (377).

CRUZ, Alessandra M.da. et al. FALCÃO, Antonio R., BRUZZO, Cristina, coordenadores. Catálogo 93/94: Videoteca FDE.São Paulo: FDE. Diretoria Técnica, 1994. 364 p. (Apoio; n.3) 5ª edição revista e aumentada.

LOPES, Sonia de Castro. *Arquivos do Instituto de Educação Suporte de memória da educação nova no Distrito Federal (anos de 1930)* In: Revista Brasileira de Educação. Jan/jun.2005 nº 9, p.44)

MOGARRO, Maria João. *Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservar a informação, construir a memória*. Revista Pro-Posições, Campinas, v.16,nº 1(46),p.103-116, Jan/abr.,2005. In: Revista Brasileira de Educação. Jul/dez.2005 nº 10, p.83.

MARTINS, Maria do Carmo. *A Cenp e a criação do currículo de história: a descontinuidade de um projeto educacional*. Revista Brasileira de História,vol18, nº 36, São Paulo, 1998.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. *Cinema e Ensino de História: Realidade Escolar, Propostas e Práticas na Sala de Aula*. Abr/mai/junho de 2008, vol.5, Ano V nº 2 Endereço eletrônico: www. Revista fenix.pro.br.

NAVARRETE, Eduardo. *O Cinema como Fonte Histórica: diferentes perspectivas teórico-metodológicas*. Revista Urutaguá – Acadêmica multidisciplinar – DCS/UEM ago/set/out/nov.2008 – quadrimestral – Maringá (PR)

VESENTINI. José William. *Amazônia*. In:*Lições com Cinema* 6, 2ª edição. São Paulo,1993.

VIDAL, Diana G.; ZAIA, Iomar B. De *arquivo morto a permanente: ao arquivo escolar e a construção da cidadania*. In: MORAIS, Carmen S.V.; ALVES, Júlia F. (org.). *Inventário de fontes documentais*. Contribuição à pesquisa sobre o ensino técnico no Estado de São Paulo. São Paulo: Centro Paula Souza e Imprensa Oficial do Estado, 2002, p.33-42. In: Revista Brasileira de Educação. Jul/jdez.2005 nº 10, p. 71-73.

**BRASIL.** Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais e o Ensino Fundamental*. Apud: Revista Brasileira de Educação. Nº 2, Anped, Sp, 1996, P.4-17.

**BRASIL.** Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases, 9394/96*.

**SÃO PAULO.** Secretaria de Estado da Educação - *Proposta Curricular para o Ensino de História – 1º Grau*, São Paulo, 1992.

**SÃO PAULO.** Secretaria de Estado da Educação - *Proposta Curricular Para o Ensino de História –2º Grau*, São Paulo, 1993.

**Sites:**

[www.crmariocovas.com.br](http://www.crmariocovas.com.br)

## MEMORIAL

“Há pessoas que lutam um dia e são boas; há outros que lutam um ano e são melhores; há aqueles que lutam muitos anos e são muito melhores; porém, aqueles que lutam toda a vida, esses são imprescindíveis”. (Bertolt Brecht)

Essas palavras acima representam muito pra mim. Não que me considere imprescindível, mas me considero uma pessoa que lutou, luta, e continuará lutando sempre pelo que considero importante pra minha vida e de Ana Clara, razão de minhas lutas.

Quem sou eu? Talvez não saiba definir, mas sei de onde vim e por que vim.

Sou nascida em 16 de maio de 1968, em Rui Barbosa, Bahia. Eu era a filha mais nova de Deolino Pereira Lima e Alita de Araújo Santana Lima, ambos analfabetos, mas sabedores do valor do conhecimento e dos efeitos que a escola (pelo menos naquele tempo) tinha na vida de uma pessoa. Em 2002 minha mãe faleceu. Lembro-me de sua extraordinária força e capacidade de suportar qualquer desafio.

Tive treze irmãos, sobreviveram nove: Raimundo, Solange, Edivaldo, Margarida, Verailza, Francisca, Marcos e Lúcia Maria (desaparecida). São os sobreviventes que a seca e as condições precárias do sertão baiano, não conseguiram deter. Fui gêmea com Marilene por duas semanas, pois morreu com a doença chamada popularmente no nordeste de “mal de sete dias”.

Desde criança sei o que queria dizer a palavra seca. A coisa mais rara e alegre da minha vida, era ver a chuva.

Mesmo nessa idade, algo me inquietava: fazia dois anos que não chovia, e tudo na fazenda do Doutor Brasil, estava sempre verde! E nós só comíamos maracujá verde! Que vida!

Até os nove anos conheci tudo que a seca pode fazer com um sujeito: pode torná-lo rico, como pode torná-lo mais pobre do que o que já é. É neste último campo que me encontrava aos nove anos de idade, quando vim morar com toda a família em São Paulo, no quilômetro 28 da Rodovia Anhangüera era uma casinha de madeira. Na Bahia, morava numa casa de barro e coberta de capim. Lembro-me

de um mutirão para reconstruí-la, pois havia pegado fogo, e tudo tinha virado cinza. Parecia que nada dava certo!

Em 1977, viemos todos para São Paulo.

Estava na segunda série, por terem deixado minha transferência na Bahia, estudei um ano sem validade.

Sempre estudei em escola pública.

Sempre me interessei por assuntos ligados à escola. Brincava de ser professora, dava aula para meu irmãozinho, logo cedo me tornei catequista das criançinhas na Igreja. Desde os nove anos já sabia que queria ser professora.

Minha infância de pobreza e de dificuldades financeiras nunca me fizeram perder o gosto pela escola, mesmo sabendo da distância que eu tinha que percorrer todos os dias para poder chegar até ela. Na Bahia, eram quase dez quilômetros que um grupinho de amigos tinha que andar a pé para chegar até o grupo escolar.

Na segunda série primária eu já sabia ler escrever. Apanhei muito de palmatória, para tentar usar a mão direita, mas não teve jeito.

Minha primeira Professora chamava-se Sirlene, era muito brava, não admitia um mínimo erro no caderno. Apanhávamos quando não sabíamos a lição do dia, nem por isso tornei-me amarga com o que vivi, nem tampouco faço questão de reproduzir tamanha estupidez.

Nunca parei de estudar, sempre estive em contato com alguma forma de ensino, seja ele formal, seja informal.

Minha segunda professora foi Dona Lazineira, infelizmente hoje não vive mais. Além de saber o que fazer conosco, sabia também o que nos faltava para que aprendêssemos mais. Em 1978, só tinha uma escola na vila, não havia cozinheira para preparar a merenda. Então, ela deixava toda a tarefa na lousa e ia preparar nosso lanche. Suas atitudes me ligavam ainda mais ao meu sonho: ser professora. Talvez seja por isso que me sinto mais atraída por escola pequena. Aprendi que ser professor não se resume a uma tarefa exclusiva de sala de aula. Pra mim, educar é conviver com, é sentir pelo outro desconhecido a vontade de vê-lo grande e capaz de ver o mundo com clareza, apesar de saber que essa tarefa não é só minha.

Não dá pra esquecer da minha quarta série. Tive a professora Francisca e o professor Jair. Acredito que ambos ainda estejam vivos. A professora Francisca, tinha para conosco uma afeição e zelo que transbordava em gestos carinhosos de

amor materno. O professor Jair era muito sério, conduta em sala irrepreensível, nem por isso menos doce.

Em 1982 estava na quinta série. Fiz parte da primeira turma da escola estadual Tenente Joaquim Marques da Silva Sobrinho. Era uma das primeiras turmas que a escola recebia. Tenho boas lembranças dessa época. Lembro-me com saudades de algumas pessoas que foram meus mestres como o Professor Wilson e da professora Lucilene e da minha diretora Lúcia Carvalho. Minhas lembranças do período em que estive no Ensino Fundamental, estão mescladas de professores rígidos e extremamente dóceis, porém nunca apáticos aos problemas trazidos pelos seus alunos. Eles sempre tinham um tempo pra nos dizer aquilo de que precisávamos saber para viver melhor.

Em 1988, concluí o Ensino Médio, formei-me professora primária. Mas tão logo comecei minha primeira turma, tive que desistir, pois entrei para a casa de formação, no convento da ordem das Irmãs de Santo André, na Pompéia, São Paulo. Tornei-me freira. Entrei com dezoito anos em um convento como postulante, depois noviça. Fiz votos de pobreza, castidade e obediência.

Desde a década de 1990 que meus afazeres estão voltados para a educação, na função de professora, ora do ensino fundamental, ora para o ensino médio.

Em 1992 prestei vestibular para História, e passei na USP. Que sonho! Foi como se eu tivesse tirado a sorte grande. Foi orgulho mais pra mim do que para meus pais. Eles em sua ignorância, não conseguiam perceber o quanto significava ser aluno da Universidade São Paulo. Em 1997, concluí a graduação na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – FFLCH-USP e a Licenciatura Plena, na Faculdade de Educação - FE-USP.

Desde 1995, atuo na rede estadual como professora de História para o Ensino Fundamental e Médio. Quanta decepção! Talvez uma explicação para isso seja o fato de eu pertencer a um tempo em que “**professor era gente**” (grifo meu), tinha prestígio e não se envergonhava do que fazia. Nada parecido com hoje, pelo menos é o que tenho presenciado. O “sou professor”, vem seguido de um “infelizmente”. No começo eu tinha muito mais emoção ao lecionar, hoje, eu não consigo me identificar com esse modelo de educação preconizado pela Secretaria da Educação. O professor é tratado como um Zé ninguém, não ganha nem para o sal, e além do mais, é culpado por tudo que deu de errado na educação.

Em 1995 iniciei minha vida como docente como (OFA)<sup>32</sup>, na Escola Estadual Tenente Joaquim Marques da Silva Sobrinho no Bairro do Polvilho, (daquela cidade da Grande São Paulo).

Fui em 1995 supervisionar os monitores na Estação Ciência, na Lapa.

Juntamente a essa tarefa, em 1995 me efetivei como Professora de História na rede pública estadual de ensino atuando como docente na EE Antoine de Saint Exupéry no Bairro do Limão, onde permaneço até o momento.

Em 1998, fui trabalhar como Coordenadora da Escola Profissionalizante de Marcenaria na Prefeitura de Cajamar em parceria com o SENAI – Campo Limpo. Essas atividades sempre foram concomitantes ao de professora de história.

Dando continuidade ao meu trabalho docente em 1998 fui trabalhar na EE Prof. Elcio José Pereira como professora de história.<sup>33</sup>

Em 2000 prestei concurso para professora de História da rede pública Municipal de Barueri. Fui trabalhar na Escola Municipal Júlio Gomes Camisão, num dos bairros mais pobres da cidade. Fiz um trabalho muito bacana, que me rendeu o Prêmio “Professor Giz de Ouro”- 2003.

Em 2001 resolvi fazer uma Pós Graduação Latu Sensu em Psicopedagogia na Faculdade Osvaldo Cruz em São Paulo. Percebi que me tornei mais sensível às dificuldades dos alunos que não sabiam e não sabe ler. Em 2005 o curso de Pedagogia com ênfase em Administração Escolar me aproximou ainda mais das teorias dos psicólogos da aprendizagem.

Sempre tive o sonho de ser professora universitária. Então resolvi entrar no Mestrado. Que sonho! Encontrei pessoas tão sabidas e tão humildes que eu me sinto bem. Confesso que alguns ainda me assustam e intimidam. Tenho a impressão que tenho tanto a aprender que nem se quer consigo pensar que estou

---

<sup>32</sup> Ocupante de Função Atividade. Não possui cargo efetivo na rede pública de ensino.

<sup>33</sup> Na rede pública estadual de ensino, enquanto o professor não presta concurso e se torna efetivo, ele fica dependendo de sua classificação geral na Diretoria de Ensino para ter aulas atribuídas no início de cada ano, fato que faz com que ele mude sempre de escola a cada início de ano ou no meio do processo, se suas aulas forem de substituição.

fazendo um bom trabalho. Mas no meio do caminho tinha uma flor, tinha uma flor no meio do caminho: Ana Clara, minha filha.

Nesses anos de Mestrado, cursei as disciplinas exigidas pelo programa, mesmo com dificuldades, consegui perceber o quão grande era a minha responsabilidade perante a vida acadêmica e para com o programa de Pós - graduação da Universidade.

Fiz matrícula no primeiro semestre em História da Educação, dada por Ester e Bauer, Introdução à Filosofia com professor Lorieri e Metodologia com a Professora Maria da Glória Gohn. Depois no segundo semestre de 2006, cursei uma matéria de políticas educacionais com a Ivanize, Celso e o Professor Miguel.

As primeiras aulas que assisti na Universidade, maravilhada. Desde o início admirava a atuação dos meus mestres, e como tinham propriedade dos assuntos que se propunham a ensinar.

Em 2006, fiz o exame de proficiência em língua estrangeira. Meu bebê tinha apenas 37 dias de nascida. Sou muito grata a essas pessoas que muito me compreenderam e ajudaram nesse momento tão especial de minha vida.

Não posso deixar de citar minhas colegas de curso que muito me alegraram com suas preciosas colaborações para que Ana Clara nascesse com dignidade.

Mesmo diante desse novo desafio consegui arrumar forças para dar continuidade à concretização dos meus sonhos, assim as atividades complementares, parte das exigências para a conclusão do mestrado foram se concretizando mês a mês.

Assim iniciei com o Curso de “Capacitação em elaboração de Projetos Sociais – Secretaria de Ações Sociais e Cidadania – Barueri - SP – 2008; Encontro de Formação para aprimoramento das práticas sócio educativas – CENPEC<sup>34</sup> . São Paulo – SP – 2008; Curso de “Planejamento e Elaboração de Projetos Sociais – Monello e Associados – Terceiro Setor. São Paulo – SP – 2007. Participei dos seguintes congressos: XI Congresso Educação Saber - Setembro /2007; V Congresso Internacional de Educação – “Uma escola para cidadãos “ - abril /2007; Congresso Internacional de Educação – “Prática Pedagógica, Formação do Educador Reflexivo e Inclusão” –abril de 2007. Com relação aos eventos

---

<sup>34</sup> Centro de Estudo e Pesquisa em Educação Cultura e Ação Comunitária.

organizados no âmbito do Programa de Pós Graduação em Educação – PPGE – participei, entre 2006 e 2008, dos seguintes: III, IV e V Colóquio sobre Pesquisa de Instituições Escolares, inclusive, como coordenadora de mesa.

Também assisti algumas palestras como “Eficácia no Terceiro Setor” – Palestrante: Ana Maria Vilela Igel e Paulo Sérgio Bravo de Souza – 24/10/2008 Duração: 2h30; “Segurança no Transporte e Armazenagem de produtos” – Palestrante: Carlos Ferreira – 06/10/2008 Duração: 3h00; “Jovens Gerentes” – Palestrante Raul Higushi – 2008 –Duração: 3h00.

Além disso, proferi algumas palestras como: "Responsabilidade Social" – em curso de Pós - graduação em Psicopedagogia – Instituto Jean Piaget – novembro/2007; “Gestão empresarial” – em curso de Pós graduação em Psicopedagogia – Instituto Jean Paiget – outubro/2007. Publiquei Um artigo “O Terceiro Setor pode transformar sementes em belos frutos” – in: [HTTP://www.zedirceu.com.br](http://www.zedirceu.com.br) publicado em 04/04/2008.

Não menciono nesse memorial as dificuldades que tive para chegar até aqui, pois o meu grande aliado, o tempo, não me permite lamentações.

## ANEXO 1

### ORGANIZAÇÃO CATALOGRÁFICA DA SÉRIE APONTAMENTOS

Os filmes da série Apontamentos estão relacionados em ordem alfabética,

**Autores** - Estão relacionados em ordem alfabética por sobrenome.

**Diretor** - Estão relacionados em ordem alfabética por sobrenome, os diretores (realizadores) mais conhecidos, com o respectivo país de origem.

**Escritor** - Estão relacionados em ordem alfabética por sobrenome, os autores de obras da literatura nacional adaptados para o cinema.

**Índice por gênero** - Estão relacionados em ordem alfabética, os gêneros dos filmes, baseados no Guia Completo de Filmes para Tve Vídeo – 1990, da Nova Cultural.

**Índice por área** - Estão relacionados em ordem alfabética, as áreas estabelecidas segundo as disciplinas e atividades escolares.

**Índice por Assunto** - Estão relacionados em ordem alfabética, os assuntos predominantes tratados em cada filme.

**Índice por Título** – Os vídeos do Acervo Geral estão relacionados em ordem alfabética, desprezados os artigos definidos do título.

**Índice por grupo de atividades** – Os grupos de atividades estão relacionados em ordem alfabética.

## ANEXO 2

**TABELA - COORDENADORES DA COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS – CENP (1983-1993).**

<b>Governador</b>	<b>Secretário da Educação</b>	<b>Coordenador da CENP</b>
<b>André Franco Montoro (1983 – 1987)</b>	Paulo de Tarso Santos (1983-1984)	Clarilza do Prado (1983-1984)
	Paulo Renato Costa Souza (1984-1986)	João Cardoso Palma Filho ( 1984-1987)
	Luiz Carlos Bresser Pereira (1986)	
	José Aristodemo Pinotti (1986-1987)	
	Chopin Tavares de Lima (1987-1989)	Teresa Roserley Neubauer da Silva (1987-1988)
	Wagner Gonçalves Rossi (1989)	Maria Clara Paes Tobo (1988-1989)
<b>Orestes Quércia (1987-1991)</b>	José Goldemberg (1990)	Múcio Camargo de Assis (1989-1990)
	Antonio de Souza Teixeira Jr. (1990)	Maria Auxiliadora Albergaria ( 1990)
	Carlos Estevan Martins (1990-1991)	Eny Marisa Maia (1990-1993)

## ANEXO 3

## ANEXO 4

COLETÂNEA "LIÇÕES COM CINEMA" - Edição de 1993



Edição de 1993

NATUREZA PEDAGÓGICA DAS LINGUAGENS

AUDIOVISUAIS

Marília da Silva Franco

BREVE HISTÓRICO DOS MOVIMENTOS

CINEMATOGRAFICOS

José Geraldo Couto

CONSTANTE ABSTRAÇÃO NA PRODUÇÃO

CINEMATOGRAFICA

Ricardo Picchiarini

O FILME: UM RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DA  
HISTÓRIA?

Antônio Penalves Rocha

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO E

SUAS RELAÇÕES COM A NARRATIVA FÍLMICA

Elias Thomé Saliba

O FILME COMO ELEMENTO DE SOCIALIZAÇÃO NA  
ESCOLA

Celso João Ferretti

CINEMA E TELEVISÃO:

HISTÓRIAS EM IMAGENS E SOM NA MODERNA

SOCIEDADE ORAL

Milton José de Almeida

AMAZÔNIA

José William Vesentini

**COLETÂNEA “LIÇÕES COM CINEMA” - Edição de 1994**

O CINEMA DE ESTÚDIO:  
AS EXPERIÊNCIAS AMERICANA E BRASILEIRA  
José Geraldo Couto

A IMAGEM E O TEMPO: FLAGRANTES DE FILMES E TRENS - Cristina Bruzzo

HISTÓRIA E CINEMA:  
A NARRATIVA UTÓPICA NO MUNDO  
CONTEMPORÂNEO  
Elias Thomé Saliba Tomé

CRISES DA REPÚBLICA BRASILEIRA NO CINEMA  
(1930-1964)  
Antônio Penalves Rocha

A LINGUAGEM DA NOVA ORALIDADE — IMAGENS  
E SONS  
Milton José de Almeida

FILMES QUE COMPÕEM O ACERVO DA VIDEOTECA PEDAGÓGICA E DA SÉRIE APONTAMENTOS (SEGUNDA VERSÃO) DA FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE.

Titulo	código	apontamento
"E"	918	
"Visse" o Vício?	535	328
... E o vento levou	44	418
10 ANOS DE HISTÓRIA: 1989-1999	2102	
101 Dálmatas	991	
1932: A Guerra Civil	853	
20.000 Léguas Submarinas	685	260
20.000 Léguas Submarinas (animação)	451	
2001: Uma Odisséia no Espaço	448	184
500 ANOS DE HISTÓRIA E CULTURA: RETRATO DO BRASIL; ROTEIRO 4: DE JUAZEIRO DO NORTE (CE) AOS LENÇÓIS MARANHENSES	2284	
500 ANOS DE HISTÓRIA E CULTURA: RETRATO DO BRASIL; ROTEIRO 5: DOS LENÇÓIS MARANHENSES ÀS ANAVILHANAS (AM)	2285	
A América do Sul, por Ozualdo Candeias	847	
A animação de Marcos Magalhães	927	
A Arte no Auge do Império	344	
A autonomia da escola pública	109	
A Barca Do Sol: Carlos Pertuis	1054	
A batalha de Argel	120	45
A Bela Adormecida	887	105
A bela adormecida (animação)	150	
A Bela e a Fera	883	
A Bela Época do Cinema Brasileiro, por Jean-Claude Bernardet	842	
A Boa Idade	474	356
A BOLA MÁGICA	2264	
A Caixa de Pandora	893	
A Casa dos Espíritos	1140	
A Causa Secreta	1058	
A Cinemateca do MAM-RJ, por Cosme Alves Netto	840	
A classe operária vai ao paraíso	68	83
A construção do projeto de ensino e a avaliação	7	
A Conversação	710	35
A Cor Púrpura	453	130
A Coruja e o ganso	223	6

<b>A Costa do Mosquito</b>	<b>590</b>	<b>446</b>
<b>A dama de branco</b>	<b>42</b>	
<b>A dama e o vagabundo</b>	<b>58</b>	<b>108</b>
<b>A dança dos bonecos</b>	<b>69</b>	<b>133</b>
<b>A Década da Destruição: As Tempestades da Amazônia</b>	<b>447</b>	<b>358</b>
<b>A Década da Destruição: Chico Mendes "Eu Quero Viver"</b>	<b>446</b>	<b>359</b>
<b>A Década da Destruição: Financiando o Desastre</b>	<b>449</b>	<b>360</b>
<b>A Década da Destruição: Montanhas de Ouro</b>	<b>444</b>	<b>364</b>
<b>A década da destruição: na trilha dos uru-eu wau wau</b>	<b>94</b>	<b>361</b>
<b>A década da destruição: nas cinzas da floresta</b>	<b>148</b>	<b>362</b>
<b>A Década da Destruição: O Caminho do Fogo</b>	<b>445</b>	<b>363</b>
<b>A didática e a escola de 1. grau</b>	<b>26</b>	
<b>A DÍVIDA DA VIDA</b>	<b>830</b>	
<b>A doença de Chagas</b>	<b>111</b>	
<b>A Dupla Do Barulho</b>	<b>1027</b>	
<b>A Dupla Vida de Véronique</b>	<b>1116</b>	
<b>A educação básica no Brasil e na América Latina</b>	<b>37</b>	
<b>A era cubista</b>	<b>100</b>	<b>314</b>
<b>A Era Da Cadeira</b>	<b>512</b>	
<b>A Era do Rádio</b>	<b>452</b>	<b>113</b>
<b>A Era JK</b>	<b>353</b>	
<b>A Escola de Cara Nova: O Segredo da EEPG de Maracá</b>	<b>1147</b>	
<b>A Escola de Cara Nova: Vídeos de Capacitação</b>	<b>1148</b>	
<b>A escola e a educação diferenciada</b>	<b>36</b>	
<b>A ESCOLA QUE DÁ CERTO: CONSTRUINDO A MEMÓRIA</b>	<b>2307</b>	
<b>A ESCOLA QUE DÁ CERTO: PORTAS ABERTAS PARA A EDUCAÇÃO</b>	<b>2308</b>	
<b>A ESCOLA QUE DÁ CERTO: SPOTS DE 1 A 48</b>	<b>2335</b>	
<b>A Espera: Um Passatempo do Amor</b>	<b>622</b>	
<b>A Estratégia da Aranha</b>	<b>1089</b>	
<b>A Estrela Sobe</b>	<b>722</b>	<b>288</b>
<b>A fábula de Sufi</b>	<b>921</b>	
<b>A festa de Babette</b>	<b>93</b>	<b>84</b>
<b>A Gaiola de Ouro</b>	<b>759</b>	<b>292</b>
<b>A Garota das Telas</b>	<b>328</b>	<b>114</b>
<b>A General</b>	<b>659</b>	<b>389</b>
<b>A Grande Ilusão</b>	<b>973</b>	
<b>A Grande Ilusão</b>	<b>972</b>	
<b>A Guerra do Fogo</b>	<b>688</b>	<b>409</b>

<b>A Guerra dos Botões</b>	<b>900</b>	
<b>A Guerra dos Meninos</b>	<b>802</b>	
<b>A guerra dos pelados</b>	<b>167</b>	<b>179</b>
<b>A Guerra e as Crianças</b>	<b>273</b>	<b>294</b>
<b>A história de Qiu Ju</b>	<b>207</b>	<b>439</b>
<b>A História do Estômago</b>	<b>334</b>	
<b>A História Secreta da C.I.A</b>	<b>617</b>	
<b>A História Sem Fim</b>	<b>519</b>	<b>67</b>
<b>A hora da estrela</b>	<b>169</b>	<b>11</b>
<b>A Humilhação e a Dor</b>	<b>800</b>	
<b>A Ilha das flores</b>	<b>98</b>	<b>220</b>
<b>A incrível máquina humana</b>	<b>160</b>	<b>369</b>
<b>A Inglaterra Me Fez</b>	<b>291</b>	<b>227</b>
<b>Á mão livre: a linguagem do desenho</b>	<b>240</b>	
<b>À Margem da Vida</b>	<b>612</b>	
<b>A marvada carne</b>	<b>73</b>	<b>14</b>
<b>A Mesma Velha História</b>	<b>513</b>	
<b>A Missão</b>	<b>776</b>	<b>36</b>
<b>A Montagem em Glauber Rocha, por Eduardo Scorel</b>	<b>849</b>	
<b>A Montanha Dos Sete Abutres</b>	<b>1126</b>	
<b>A Moreninha</b>	<b>668</b>	
<b>A Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água</b>	<b>715</b>	<b>191</b>
<b>A Mulher Fatal Encontra o Homem Ideal</b>	<b>624</b>	
<b>A Mulher Prometida</b>	<b>1122</b>	
<b>A Noite Americana</b>	<b>691</b>	<b>406</b>
<b>A noite de São Lourenço</b>	<b>161</b>	<b>12</b>
<b>A Noite de Varennes</b>	<b>760</b>	<b>16</b>
<b>A Noite dos Desesperados</b>	<b>300</b>	<b>103</b>
<b>A parada</b>	<b>917</b>	
<b>A Poesia de Cada Dia</b>	<b>367</b>	
<b>A Primeira Noite de Um Homem</b>	<b>703</b>	<b>142</b>
<b>A Ratinha Valente</b>	<b>547</b>	<b>233</b>
<b>A Regra do Jogo</b>	<b>1123</b>	
<b>A Revolta dos Carnudos</b>	<b>793</b>	<b>415</b>
<b>A Rosa Púrpura do Cairo</b>	<b>712</b>	<b>26</b>
<b>A sangue frio</b>	<b>198</b>	<b>318</b>
<b>A Terra: Mudanças em sua Superfície</b>	<b>325</b>	
<b>A Terra: Recursos em sua Crosta</b>	<b>324</b>	
<b>A Terra: Seus Litorais</b>	<b>323</b>	
<b>A Testemunha</b>	<b>706</b>	<b>70</b>
<b>A trapaça</b>	<b>202</b>	<b>445</b>
<b>A turma da Mônica em O Bicho-Papão e outras histórias</b>	<b>229</b>	<b>146</b>
<b>A Última Gargalhada</b>	<b>1110</b>	
<b>A Última Sessão de Cinema</b>	<b>593</b>	<b>382</b>

<b>A viagem do capitão Tornado</b>	<b>54</b>	<b>423</b>
<b>A Vida de Brian</b>	<b>780</b>	
<b>A VIDA É PRA VIVER</b>	<b>2260</b>	
<b>A Viúva Valentina</b>	<b>769</b>	<b>232</b>
<b>ABC das Águas</b>	<b>483</b>	
<b>Aborígenes da Austrália</b>	<b>648</b>	
<b>Aborto legal</b>	<b>931</b>	
<b>Achados e perdidos</b>	<b>114</b>	<b>262</b>
<b>Acidente de Trabalho</b>	<b>752</b>	<b>49</b>
<b>Acidente Estranho</b>	<b>278</b>	<b>263</b>
<b>ACIDENTES DE TRABALHO</b>	<b>2228</b>	
<b>ACIDENTES DE TRÂNSITO</b>	<b>2210</b>	
<b>ACIDENTES DOMÉSTICOS</b>	<b>2240</b>	
<b>Ácidos, Bases e Sais</b>	<b>340</b>	
<b>Ações Integradas Junto às Escolas de 1. Grau Próximas ao Campus</b>	<b>563</b>	
<b>Ações Integradas Para Melhoria do Ensino de 1. Grau</b>	<b>559</b>	
<b>Adeus</b>	<b>1003</b>	
<b>Adeus Meninos</b>	<b>477</b>	<b>230</b>
<b>Adorável Vagabundo</b>	<b>1039</b>	
<b>África: a vida selvagem</b>	<b>147</b>	<b>367</b>
<b>AGROTÓXICOS</b>	<b>2236</b>	
<b>ÁGUA E ABASTECIMENTO</b>	<b>2244</b>	
<b>Aguilar</b>	<b>362</b>	
<b>Aguirre: a cólera dos deuses</b>	<b>139</b>	<b>30</b>
<b>AIDS Para Quê?</b>	<b>1102</b>	
<b>AIDS: Agora é Lei</b>	<b>410</b>	
<b>Akira</b>	<b>958</b>	
<b>Aladdin e a Lâmpada Maravilhosa</b>	<b>1098</b>	
<b>Aladdin e a lâmpada maravilhosa</b>	<b>48</b>	
<b>Álcool e drogas na escola: como implantar um programa global de prevenção</b>	<b>949</b>	
<b>Alcoolismo</b>	<b>413</b>	<b>352</b>
<b>ALEITAMENTO MATERNO</b>	<b>2213</b>	
<b>Aleluia Gretchen</b>	<b>267</b>	<b>229</b>
<b>Alfabetização CTE-UERJ 1990</b>	<b>609</b>	
<b>Alfabetização CTE-UERJ 1991</b>	<b>610</b>	
<b>Ali Babá</b>	<b>1007</b>	
<b>Alice no país das maravilhas</b>	<b>910</b>	<b>427</b>
<b>Amazônia: A Verdadeira História</b>	<b>828</b>	
<b>Amazônia: Uma Aventura Em Verde e Amarelo</b>	<b>788</b>	
<b>Amor em dois tempos</b>	<b>947</b>	
<b>Amor, Vida, Viva!</b>	<b>597</b>	
<b>Amos</b>	<b>277</b>	<b>238</b>
<b>Ana Karenina</b>	<b>221</b>	<b>168</b>
<b>Anchieta, o Abaré</b>	<b>1142</b>	

<b>Animação</b>	<b>1071</b>	
<b>Animação</b>	<b>450</b>	<b>98</b>
<b>Animais Vertebrados</b>	<b>335</b>	
<b>Anjos do Arrabalde: As Professoras</b>	<b>299</b>	<b>91</b>
<b>Anna dos 6 aos 18 anos</b>	<b>1119</b>	
<b>Anos 30: Entre Duas Guerras, Entre Duas Artes</b>	<b>350</b>	
<b>Antártida, a Última Fronteira</b>	<b>720</b>	<b>254</b>
<b>Antonio Ribeiro Santos, Cearense, RG: 674-230</b>	<b>327</b>	<b>264</b>
<b>Ao Mestre, Com Carinho</b>	<b>884</b>	
<b>Apocalipse Now</b>	<b>721</b>	<b>25</b>
<b>Aprendiz da terra</b>	<b>29</b>	
<b>Aqua</b>	<b>115</b>	
<b>Aqua; Escola; Espaço Escolar</b>	<b>577</b>	
<b>Ar</b>	<b>116</b>	
<b>Ar</b>	<b>515</b>	
<b>Araucária: Memória da Extinção</b>	<b>749</b>	<b>247</b>
<b>Argila</b>	<b>1125</b>	
<b>Arquitetura da Destruição</b>	<b>974</b>	
<b>Arquitetura Escolar e Política Educacional: Os Programas na atual Administração do Estado</b>	<b>1151</b>	
<b>Arquitetura Escolar Paulista: Restauro</b>	<b>1150</b>	
<b>ARTE E MATEMÁTICA - 1</b>	<b>2277</b>	
<b>ARTE E MATEMÁTICA - 2</b>	<b>2278</b>	
<b>ARTE E MATEMÁTICA - 3</b>	<b>2279</b>	
<b>ARTE E MATEMÁTICA - 4</b>	<b>2280</b>	
<b>Articulando a Avaliação, Gestão e Formação no SARESP</b>	<b>1153</b>	
<b>As Aventuras de Hortelino Troca Letras</b>	<b>992</b>	
<b>As aventuras de Peter Pan</b>	<b>911</b>	<b>422</b>
<b>As aventuras de Tintim: os charutos do faraó</b>	<b>906</b>	
<b>As Aventuras do Barão Munchausen</b>	<b>594</b>	<b>401</b>
<b>As Chaves do Teatro</b>	<b>1020</b>	
<b>As forças da terra</b>	<b>95</b>	<b>365</b>
<b>As grandes baleias</b>	<b>166</b>	<b>368</b>
<b>As Loucuras do Rei George</b>	<b>1114</b>	
<b>As Viagens de Gulliver</b>	<b>1084</b>	
<b>As Viagens de Gulliver</b>	<b>1085</b>	
<b>Asa Branca: Um Sonho Brasileiro</b>	<b>579</b>	
<b>Aspectos Geomorfológicos de Itaimbezinho</b>	<b>725</b>	<b>200</b>
<b>Assaltaram a Gramática</b>	<b>283</b>	<b>267</b>
<b>Assassinato em Primeiro Grau</b>	<b>293</b>	<b>134</b>
<b>Asterix e a Surpresa de César</b>	<b>761</b>	<b>151</b>
<b>Asterix Entre os Bretões</b>	<b>762</b>	<b>152</b>
<b>Atendimento Médico</b>	<b>297</b>	<b>265</b>
<b>ATIVIDADE FÍSICA E SAÚDE</b>	<b>2237</b>	

<b>Attila</b>	<b>772</b>	<b>268</b>
<b>Aurora</b>	<b>895</b>	
<b>AUTOMEDICAÇÃO</b>	<b>2224</b>	
<b>Avaeté, semente da vingança</b>	<b>117</b>	<b>79</b>
<b>Babe, o Porquinho Atrapalhado</b>	<b>970</b>	
<b>Babe, o Porquinho Atrapalhado</b>	<b>964</b>	
<b>Bagdad Café</b>	<b>551</b>	<b>259</b>
<b>Bambi</b>	<b>1016</b>	
<b>Bananas</b>	<b>539</b>	<b>258</b>
<b>Bang! Bang!</b>	<b>49</b>	<b>421</b>
<b>Bar Esperança</b>	<b>1059</b>	
<b>Baravelli</b>	<b>366</b>	
<b>Barragem: a ocupação</b>	<b>118</b>	<b>40</b>
<b>Beijo na boca</b>	<b>59</b>	<b>246</b>
<b>Beleza Pura</b>	<b>540</b>	<b>269</b>
<b>Bem-vindo à Casa de Bonecas</b>	<b>1130</b>	
<b>Benjamin</b>	<b>360</b>	
<b>Bernardo e Bianca</b>	<b>656</b>	<b>380</b>
<b>Betty Boop e Outras Histórias</b>	<b>965</b>	
<b>Biologia Ecológica</b>	<b>330</b>	
<b>Bit</b>	<b>121</b>	
<b>Blade Runner, o Caçador de Andróides</b>	<b>518</b>	<b>86</b>
<b>Bob Roberts</b>	<b>205</b>	<b>430</b>
<b>Bola de Sabão</b>	<b>533</b>	<b>270</b>
<b>Boleiros: Era Uma Vez O Futebol.</b>	<b>1157</b>	
<b>Bomba Relógio Submersa</b>	<b>480</b>	<b>285</b>
<b>Boneca na mochila</b>	<b>935</b>	
<b>Bota a Cara Na Rua</b>	<b>971</b>	
<b>BR/80: Pintura Brasil Década 80</b>	<b>372</b>	
<b>Braços Cruzados, Máquinas Paradas</b>	<b>753</b>	<b>175</b>
<b>Branca de Neve e os Sete Anões</b>	<b>891</b>	
<b>Brasil Pensa: Drogas</b>	<b>957</b>	
<b>Brasilianas, V. 1: Canções Populares</b>	<b>808</b>	
<b>Brasilianas, V. 4</b>	<b>809</b>	
<b>Brasilianas, v. 5: panorama do cinema brasileiro</b>	<b>945</b>	
<b>Brasilianas, v. 6: Precursores do Cinema Brasileiro</b>	<b>1090</b>	
<b>Brasilianas, v. 7: O Auto-retrato de Bakun / A Morte em Cena</b>	<b>1136</b>	
<b>Brasilianas, v. 8: O Cinema de Paulo Cezar Saraceni</b>	<b>1086</b>	
<b>Brasilianas, v. 9: Documentário Baiano</b>	<b>1087</b>	
<b>Braza Dormida</b>	<b>1120</b>	
<b>Brazil: o filme</b>	<b>3</b>	<b>118</b>
<b>Brevíssima História Das Gentes de Santos</b>	<b>988</b>	
<b>Buñuel no México, por Silvia Oroz</b>	<b>845</b>	

<b>Bye bye Brasil</b>	<b>122</b>	<b>29</b>
<b>Cabaret</b>	<b>47</b>	<b>132</b>
<b>Cabeça Feita: Cinema</b>	<b>421</b>	<b>372</b>
<b>Cabeça feita: doenças venéreas</b>	<b>76</b>	<b>339</b>
<b>Cabeça Feita: Educação</b>	<b>415</b>	
<b>Cabeça Feita: Escola</b>	<b>424</b>	
<b>Cabeça Feita: Grafite</b>	<b>426</b>	<b>353</b>
<b>Cabeça Feita: Homossexualismo</b>	<b>425</b>	<b>340</b>
<b>Cabeça Feita: Imprensa Jovem</b>	<b>422</b>	
<b>Cabeça Feita: Literatura</b>	<b>427</b>	<b>354</b>
<b>Cabeça Feita: Literatura na Escola</b>	<b>423</b>	<b>355</b>
<b>Cabeça feita: namoro, amor e casamento</b>	<b>75</b>	<b>341</b>
<b>Cabeça Feita: Pais Jovens</b>	<b>419</b>	
<b>Cabeça feita: prazer</b>	<b>78</b>	<b>342</b>
<b>Cabeça Feita: Rádio Jovem</b>	<b>417</b>	
<b>Cabeça feita: relações amorosas</b>	<b>77</b>	<b>343</b>
<b>Cabeça Feita: Relações Com os Pais</b>	<b>416</b>	
<b>Cabeça feita: sexo, gravidez e aborto</b>	<b>74</b>	<b>344</b>
<b>Cabeça Feita: Teatro</b>	<b>420</b>	
<b>Cabeça Feita: Televisão</b>	<b>418</b>	
<b>Cabra marcado para morrer</b>	<b>123</b>	<b>74</b>
<b>Caçador de morte</b>	<b>211</b>	<b>125</b>
<b>Cada Criança</b>	<b>514</b>	
<b>Calor, Temperatura e Propriedades da Matéria</b>	<b>337</b>	
<b>Camaleão</b>	<b>919</b>	
<b>Câmera Aberta: o Livro Didático</b>	<b>429</b>	
<b>Caminhos da Abstração</b>	<b>368</b>	
<b>CAMPANHA NACIONAL DE REABILITAÇÃO VISUAL: OLHO NO OLHO; ORIENTAÇÃO AO PROFESSOR</b>	<b>2289</b>	
<b>CÂNCER DE COLO DE ÚTERO</b>	<b>2214</b>	
<b>CÂNCER DE MAMA</b>	<b>2242</b>	
<b>CÂNCER DE PELE</b>	<b>2238</b>	
<b>CÂNCER DE PRÓSTATA</b>	<b>2196</b>	
<b>Canta Conto: Programa n. 1</b>	<b>381</b>	
<b>Canta Conto: Programa n. 27</b>	<b>329</b>	<b>373</b>
<b>Canta Conto: Programa n. 35</b>	<b>382</b>	
<b>Cantando na Chuva</b>	<b>589</b>	<b>377</b>
<b>Capacitação de Recursos Para o 1. Grau</b>	<b>561</b>	
<b>Capitães do Asfalto</b>	<b>575</b>	<b>304</b>
<b>Capitão Clip n. 102</b>	<b>650</b>	
<b>Capitão Clip n. 114</b>	<b>651</b>	
<b>Capitão Clip n. 115</b>	<b>576</b>	
<b>Capitão Clip n. 93</b>	<b>581</b>	
<b>Capitão Clip n. 94</b>	<b>582</b>	
<b>Capitão Clip n. 96</b>	<b>583</b>	

Capitão Clip n. 97	584	
Capitão Clip: Acidentes Fantásticos	580	
Capitu	292	195
Caravaggio	544	167
Caravana da Coragem: Uma Aventura Ewok	968	
Carlota Joaquina: Princesa do Brasil	901	
Carruagens De Pêlos	1035	
CARTE DE FRANCE	2190	
Casa Maluca	1072	
Casablanca	309	117
Cassiopéia: O Filme	1028	
Castelo Rá-Tim-Bum 1	695	
Cem Oswald anos: videovida de um poeta	124	
Cenas De Uma Família	1115	
César e Cleópatra	644	
CHANSON FRANÇAISES	2188	
Chapeleiros	755	78
Chapeuzinho Vermelho	886	
Charlie Parker: the bird	212	
Chico Fumaça	859	19
Chico Rei	733	208
China, o império do centro	242	273
Chinatown	701	28
Chove sobre Santiago	275	93
Chuvas de verão	125	38
Cidadão Cohn	941	
Cidadão Kane	50	433
Cidade Zero	618	
Cinema de Lágrimas	952	
Cinema para Todos	510	
Cinema Paradiso	792	414
CIPRIANO LUCKESI: AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM	2313	
Circo sem lona	738	244
Ciúme de Você, Ciúme de Tudo	534	228
Classes de Aceleração	1101	
Classes de Aceleração: Proposta Pedagógica Curricular; Questões Centrais	1042	
Cláudio Tozzi	361	
Cólera	797	
Coléra: uma doença que vem pelas águas	57	
Colors: as cores da violência	55	425
Com licença, eu vou à luta	61	75
Com os pés na cabeça	126	241
Combatendo as Drogas	1144	
Combatendo as Drogas II	1145	

Comício Diretas	574	274
Como Começou	298	168
Como Era Gostoso o Meu Francês	699	87
Como Nascem os Anjos	1139	
Como Se Faz O Livro	956	
Conduzindo Miss Daisy	602	411
Conexão Patriótica	1127	
Confissões de um Adolescente	259	137
CONHECENDO ÓPERA	2318	
CONHECENDO ORQUESTRA	2319	
CONSELHOS DE SAÚDE	2232	
Construção da escrita	127	
Conterrâneos velhos de guerra	913	
Continuar Vivendo	454	
Contrário ao Amor	758	248
CONVIVENDO COM A DIFERENÇA: RECURSOS PEDAGÓGICOS	2291	
Copacabana	899	
Cordel	284	141
Coronel Delmiro Gouveia	128	23
Correio Sentimental	783	
Cortina de Fumaça	1131	
Cotidiano & História	132	
CRER PARA VER: 2000	2107	
Cria cuervos	62	76
CRIANÇA QUE TRABALHA COMPROMETE SEU FUTURO	2261	
Crianças Criativas n. 2	1032	
Crianças Criativas n. 3	536	278
Crianças Criativas n. 4	2193	
Crianças Criativas n. 5	1031	
Crianças Criativas n. 7	1033	
Crianças Criativas n.1	796	
Cristiano Mascaro	357	
Cristovão Colombo	638	
Cromossomos e Genes (meiose)	314	
CUIDADOS COM O BEBÊ	2239	
Cuidados Posturais Para os Jovens	509	
Curso de Atualização em Metodologia de Ciências	566	
Curta Com Carlitos	635	
Curumim: para que servem as coisas	400	
Danton: o processo da revolução	145	39
Darwin e a teoria da seleção natural	316	
De olho no preconceito	572	
Dead Man	1129	
Debate: Arte e Educação	839	

<b>DEFICIÊNCIAS NUTRICIONAIS</b>	<b>2198</b>	
<b>DENGUE</b>	<b>2243</b>	
Dengue	798	
Dersu Uzala	144	97
Desaparecido: um Grande Mistério	268	88
Descubra-se	377	
Desenho favorito n. 1: Pernalonga e sua turma	91	55
Desenho favorito n. 2	90	156
Desenho favorito n. 3: a turma do Gaguinho	149	116
<b>DESENVOLVIMENTO MORAL: PRINCÍPIOS, SENTIMENTOS, VALORES</b>	<b>2315</b>	
Deserto Vermelho	619	
<b>DIABETES</b>	<b>2222</b>	
Diário de Um Adolescente	1152	
Diário de Uma Filmagem	458	202
<b>DIARRÉIA AGUDA</b>	<b>2215</b>	
Diga não: situações para dizer não	909	
Dina Sfat na União Soviética	294	223
Diretas Ontem	756	279
Dirija para a vida	1005	
Disque N Para Nascer	487	
Diva: Paixão Perigosa	632	
Diversões Solitárias	286	107
Do Outro Lado da Sua Casa	724	20
<b>DOAÇÃO DE SANGUE</b>	<b>2217</b>	
<b>DOENÇA DAS VIAS RESPIRATÓRIAS</b>	<b>2223</b>	
<b>DOENÇA DE CHAGAS</b>	<b>2245</b>	
<b>DOENÇAS DIARRÉICAS</b>	<b>2216</b>	
<b>DOENÇAS DO CORAÇÃO</b>	<b>2194</b>	
Doenças e Animais Transmissores	399	
Dois Heróis Bem Trapalhões	312	123
Dois perdidos numa noite suja	232	89
Dom Quixote e outras histórias	46	
Dot e Kito	210	145
Dot e o Koala	209	144
Doug: Superdoug	1083	
Dr. Fantástico ou como aprendi a parar de me preocupar e armar a bomba	1022	
Droga, Droga, Droga	739	242
Drogas Na Escola: Valorização De Uma Vida Saudável	1158	
Drugstore Cowboy	596	391
<b>DST</b>	<b>2219</b>	
<b>DST: Doenças Sexualmente Transmissíveis</b>	<b>455</b>	
Duas Águas	1068	
Dumbo	552	157
E La Nave Va	1117	

<b>É ou não é?</b>	<b>933</b>	
<b>E.T.: o extraterrestre</b>	<b>41</b>	<b>381</b>
<b>Ed Wood</b>	<b>985</b>	
<b>Educação Com Arte</b>	<b>1162</b>	
<b>Educação Mais Saúde: Não Existe Melhor Remédio</b>	<b>1163</b>	
<b>Educação no Meio Rural</b>	<b>565</b>	
<b>Egito: Em Busca da Eternidade</b>	<b>647</b>	
<b>Eisenstein no México, por Eduardo de La Vega Alfaro</b>	<b>848</b>	
<b>Eleni</b>	<b>304</b>	<b>158</b>
<b>Eles não usam black tie</b>	<b>246</b>	<b>96</b>
<b>Elis</b>	<b>257</b>	<b>207</b>
<b>Em Busca da Atlântida - Parte 1</b>	<b>530</b>	<b>280</b>
<b>Em Busca Do Espaço Cotidiano: Fernando Diniz</b>	<b>1055</b>	
<b>Em busca do ouro</b>	<b>112</b>	<b>60</b>
<b>Em Nome da Segurança Nacional</b>	<b>799</b>	
<b>Em Nome Do Papa Rei</b>	<b>629</b>	
<b>Emprego de Brinquedos Populares nas Escolas</b>	<b>562</b>	
<b>Encontro com Diretores, 3</b>	<b>1146</b>	
<b>ENCONTRO DAS DIRETORIAS ESTADUAIS DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE: SUSTENTABILIDADE E INTEGRAÇÃO DAS AÇÕES PREVENTIVAS</b>	<b>2343</b>	
<b>Encontro de Delegados do Ensino de Interior, 2</b>	<b>557</b>	
<b>Encontro de Delegados do Ensino do Interior, 1</b>	<b>556</b>	
<b>Encontro Nacional sobre Edificações e Equipamentos Escolares, 1</b>	<b>507</b>	
<b>Encurralado</b>	<b>707</b>	<b>138</b>
<b>Entre Dois Mundos</b>	<b>1029</b>	
<b>Entrevista</b>	<b>1051</b>	
<b>Entrevista com Lea Depresbiteris</b>	<b>570</b>	
<b>ENVELHECIMENTO</b>	<b>2234</b>	
<b>Era Uma Vez Na Floresta</b>	<b>967</b>	
<b>Era Uma Vez no Oeste</b>	<b>269</b>	<b>135</b>
<b>Era Uma Vez... o Trem!</b>	<b>428</b>	<b>333</b>
<b>Eram os Deuses Astronautas?</b>	<b>641</b>	
<b>Erguendo a Bandeira de São Paulo</b>	<b>1103</b>	
<b>Ernesto Varela em Serra Pelada</b>	<b>726</b>	<b>7</b>
<b>Ervas Que Curam</b>	<b>723</b>	<b>243</b>
<b>Escola + Comunidade = Vida</b>	<b>745</b>	<b>173</b>
<b>Escola Padrão: Compromisso e Qualidade</b>	<b>794</b>	
<b>Escola Viva n. 47</b>	<b>558</b>	

<b>Escola: Espaço de Construção da Cidadania</b>	<b>696</b>	
<b>Esconde-Esconde</b>	<b>623</b>	
<b>Escrita</b>	<b>133</b>	
<b>Esperança e glória</b>	<b>53</b>	<b>190</b>
<b>Esse Milhão É Meu</b>	<b>1057</b>	
<b>Esse Nosso Olhar</b>	<b>787</b>	
<b>Esse Obscuro Objeto do Desejo</b>	<b>634</b>	
<b>Esses Cães Maravilhosos</b>	<b>680</b>	
<b>Esta não é a sua vida</b>	<b>110</b>	
<b>Estação Doçura</b>	<b>781</b>	
<b>Estações</b>	<b>411</b>	<b>271</b>
<b>Estive no Rio e...</b>	<b>740</b>	<b>286</b>
<b>Estrada da vida</b>	<b>245</b>	<b>212</b>
<b>Estrela de Ouro</b>	<b>737</b>	<b>287</b>
<b>Estrutura e Composição da Célula</b>	<b>313</b>	
<b>Estúpido Brivaldo</b>	<b>134</b>	<b>289</b>
<b>Eternamente Pagú</b>	<b>855</b>	<b>211</b>
<b>Ética 1</b>	<b>239</b>	
<b>Ética 2</b>	<b>238</b>	
<b>Eu Christiane F., 13 Anos, Drogada e Prostituída</b>	<b>786</b>	
<b>Eu Sou o Senhor do Castelo</b>	<b>587</b>	<b>388</b>
<b>Eu, professor leigo</b>	<b>140</b>	
<b>Euclides Livro II: Áreas</b>	<b>664</b>	
<b>Europa</b>	<b>785</b>	<b>444</b>
<b>Eva, Vicente</b>	<b>28</b>	
<b>Evolução</b>	<b>903</b>	
<b>Evolução dos Algarismos</b>	<b>660</b>	
<b>Expedição Yandú</b>	<b>1124</b>	
<b>Faça a coisa certa</b>	<b>85</b>	<b>431</b>
<b>Falando de Creche</b>	<b>814</b>	
<b>Fama</b>	<b>669</b>	
<b>Família dá samba</b>	<b>930</b>	
<b>Fanny e Alexandre</b>	<b>6</b>	<b>201</b>
<b>Fantasia</b>	<b>40</b>	<b>410</b>
<b>Fargo</b>	<b>1063</b>	
<b>FAZENDO ESCOLA 1: VIOLÊNCIA</b>	<b>2328</b>	
<b>FAZENDO ESCOLA 10: A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE NA ESCOLA</b>	<b>2339</b>	
<b>FAZENDO ESCOLA 2: GRAVIDEZ E ADOLESCÊNCIA</b>	<b>2329</b>	
<b>FAZENDO ESCOLA 3: LAZER</b>	<b>2330</b>	
<b>FAZENDO ESCOLA 4: TRABALHAR E ESTUDAR</b>	<b>2331</b>	
<b>FAZENDO ESCOLA 5: LER OU LER</b>	<b>2333</b>	
<b>FAZENDO ESCOLA 6: POLÍTICA E CIDADANIA</b>	<b>2334</b>	
<b>FAZENDO ESCOLA 7: TRIBOS URBANAS:</b>	<b>2336</b>	

<b>COMO O JOVEM SE AGRUPA</b>		
<b>FAZENDO ESCOLA 8: O JOVEM E A TV</b>	<b>2338</b>	
<b>FAZENDO ESCOLA 9: INFORMÁTICA E INTERNET</b>	<b>2337</b>	
Fazendo troça	34	290
FDE Hoje: 10 Anos	1143	
<b>FEBRE REUMÁTICA</b>	<b>2241</b>	
Feitos Um Para O Outro	1065	
Felicidade É ... Bolo	977	
Felicidade É ... Cruz	978	
Felicidade É ... Estrada	979	
Felicidade É ... Sonho	976	
Feliz ano velho	230	85
Fernão Capelo Gaivota	708	291
Festim Diabólico	264	68
Festival Carlitos n. 1	773	59
Festival Carlitos n. 2	774	62
Festival Carlitos n. 3	775	63
Festival de Oscars Disney	657	404
Festival Gordo e Magro 2	603	408
Fiaminghi	355	
Filhos da guerra	51	424
Floresta Maldita	770	9
Floresta Tropical	645	
Folha conta 70 anos de Brasil	571	
Folha Conta a Conquista do Espaço	955	
Forro bodó	136	65
Forro bodó	135	
Fresh	1154	
Furyo: Em Nome da Honra	730	112
Fuzarca no Paraíso	295	250
Gabriel García Marquez	66	275
Gal Oppido	358	
Gallipoli	265	109
Gandhi	528	277
Ganga bruta	942	
Ganga Zumba	138	111
Garganta	621	
Garrincha, Alegria do Povo	732	41
Gato Félix e seus companheiros	151	54
Gauguin: um lobo atrás da porta	63	255
Gente do Paraíso: Preservando a Sócio-biodiversidade	1134	
Geografia do Lixo	747	324
<b>GESTAÇÃO DE ALTO RISCO</b>	<b>2230</b>	
Getúlio Vargas	249	56

<b>Ginástica Rítmica I e II</b>	<b>522</b>	
<b>Ginger e Fred</b>	<b>92</b>	<b>95</b>
<b>Giordano Bruno</b>	<b>143</b>	<b>34</b>
<b>Giro City: a verdade proibida</b>	<b>251</b>	<b>213</b>
<b>Glauber Rocha: quando o cinema virou samba</b>	<b>950</b>	
<b>Good News: Esportes</b>	<b>435</b>	<b>336</b>
<b>Good News: Movimento Estudantil</b>	<b>436</b>	<b>337</b>
<b>Good News: o Gordo e o Magro</b>	<b>437</b>	<b>338</b>
<b>Good News: Títulos Musicais</b>	<b>434</b>	<b>335</b>
<b>Good News: Western</b>	<b>438</b>	<b>334</b>
<b>Goya</b>	<b>102</b>	<b>327</b>
<b>GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA</b>	<b>2235</b>	
<b>Gregório Gruber</b>	<b>359</b>	
<b>Grêmio estudantil</b>	<b>25</b>	
<b>Gremlins</b>	<b>310</b>	<b>69</b>
<b>Gremlins</b>	<b>311</b>	<b>69</b>
<b>Guantanamera</b>	<b>1118</b>	
<b>Guerra do Brasil</b>	<b>168</b>	<b>178</b>
<b>Guerra e Paz</b>	<b>262</b>	<b>295</b>
<b>Há Lugar</b>	<b>296</b>	<b>266</b>
<b>Hamlet</b>	<b>170</b>	<b>221</b>
<b>HANSENÍASE</b>	<b>2231</b>	
<b>Harold Lloyd: o gênio da comédia</b>	<b>943</b>	
<b>Heidi</b>	<b>254</b>	
<b>Henrique V</b>	<b>803</b>	<b>395</b>
<b>Herói por acidente</b>	<b>83</b>	<b>434</b>
<b>Hidrovia Tietê Paraná</b>	<b>87</b>	
<b>HIGIENE E SAÚDE</b>	<b>2209</b>	
<b>HIPERTENSÃO ARTERIAL</b>	<b>2218</b>	
<b>Hiroshima: A História da Bomba</b>	<b>1088</b>	
<b>História Da Arte A Partir Do Acervo Do MASP</b>	<b>1094</b>	
<b>História do Cinema Paranaense, por Valêncio Xavier</b>	<b>850</b>	
<b>História e Civilização</b>	<b>1021</b>	
<b>Ianelli</b>	<b>364</b>	
<b>Ilha da Queimada Grande</b>	<b>538</b>	<b>257</b>
<b>Imagens do Brasil República</b>	<b>191</b>	<b>249</b>
<b>Império do Sol</b>	<b>795</b>	<b>394</b>
<b>INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO MÁRIO COVAS</b>	<b>2311</b>	
<b>INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO MÁRIO COVAS</b>	<b>2310</b>	
<b>Independência</b>	<b>345</b>	
<b>Independência ou ...</b>	<b>154</b>	<b>128</b>
<b>ÍNDIOS NO BRASIL</b>	<b>2293</b>	
<b>ÍNDIOS NO BRASIL - 1ª PARTE</b>	<b>2294</b>	
<b>Informática</b>	<b>190</b>	

<b>INFORMÁTICA: UMA INTRODUÇÃO AO UNIVERSO DAS POSSIBILIDADES DE USO DO COMPUTADOR</b>	<b>2106</b>	
Inocência	173	2
Inovações Metodológicas Nas Primeiras Séries do 1. Grau	560	
Inside Out	302	296
Interlúdio	628	
Intolerância	615	419
Intrépida trupe	172	330
Iracema: a virgem dos lábios de mel	38	
Iracema: uma transa amazônica	225	13
Isabel e seus negrinhos	199	127
Janela Indiscreta	705	31
Jango	829	417
Jânio a 24 Quadros	716	92
Japão: uma viagem no tempo	241	298
Jeito novo	27	
Jenipapo	1137	
Jesus Cristo Superstar	704	164
JK, a Voz da História	280	206
João e o Pé de Feijão	888	
João Sem Terra	488	169
Johnny Guitar	986	
Jorge Luiz Borges	64	276
Jornada única: a educação hoje	107	
Jubiabá	236	236
Juca Martins	354	
Juízo Final	734	131
Juké-bar	923	
Julietta e Romeu	929	
Juro Por Deus	1064	
Kabloonak, o Estrangeiro	1107	
Kansas City	1106	
Kids	1073	
Kids	1074	
Koyaanisqatsi	157	210
Kubota e sua música experimental	222	196
L.A. Bad	258	300
La Spirale, por Sílvio Tandler	844	
Laban movimento	184	
Labirinto	600	375
Ladrões de Bicicletas	892	
Lamarca	80	442
Lampião e Maria Bonita	717	185
Lanterna Mágica: Luz Fantástica	440	350

Lanterna Mágica: Norman McLaren	439	351
Laranja Mecânica	652	376
LE CINÉMA DE LA VIE 1	2186	
LE CINÉMA DE LA VIE 2	2191	
Leitura e aprendizagem	4	
Lembraí-vos de 37	764	256
Lembranças de Hollywood	1069	
Lendas do piano	771	
Leões da Noite Africana	679	
LEV VYGOTSKY	2316	
Levada Da Breca	1034	
Liberdade de Imprensa	285	299
Libertação 8 Maio 9:00h 1945	987	
Libertários	751	8
Lição de amor	192	21
Ligação Química e Estrutura Atômica	339	
Limite	858	37
LIXO	2207	
Lixo	188	
Lúcio Flávio: o passageiro da agonia	201	73
Lucky Luciano	152	215
Lumière: a invenção do cinema	944	
Luna, Luna, Luna	60	10
Luzes Da Cidade	1037	
Luzia-Homem	620	
M, o Vampiro de Düsseldorf	768	33
Macunaíma	2	15
Mãe Terra	272	170
Máfia Vermelha	631	
MALÁRIA	2211	
Mamíferos das Profundezas do Mar	553	281
Mancha de Batom	1004	
Mãos e Pés	331	
Marcelo Zona Sul	578	
Marco Polo: Vagens e Descobertas	476	302
Maré Braba	744	312
Mário... Um Homem Desinfeliz	374	
Massa e Peso	338	
Matar ou Correr	1138	
Maureen Bisilliat	365	
Mediterrâneo	1026	
Mediterrâneo: Berço ou Túmulo?	481	282
MEIO AMBIENTE	2301	
Memória & História	183	
Memória & História II	79	
Memória e História III	554	

<b>Memórias do Cárcere</b>	<b>1049</b>	
<b>Menino de Engenho</b>	<b>856</b>	<b>43</b>
<b>Menino Quem Foi Teu Mestre?</b>	<b>613</b>	
<b>Meninos Jesus</b>	<b>442</b>	<b>183</b>
<b>Meninos, a primeira vez</b>	<b>934</b>	
<b>Menores prostitutas</b>	<b>155</b>	<b>174</b>
<b>Mentiras</b>	<b>585</b>	
<b>Mephisto</b>	<b>456</b>	<b>163</b>
<b>Mergulho ao Encontro das Pilhagens Romanas</b>	<b>479</b>	<b>283</b>
<b>Merlin e a Espada</b>	<b>279</b>	<b>203</b>
<b>Metodologia de Ensino de Desportos</b>	<b>521</b>	
<b>MÉTODOS ANTICONCEPCIONAIS</b>	<b>2220</b>	
<b>Meu Amigo Donald</b>	<b>542</b>	<b>153</b>
<b>Meu Amigo Mickey</b>	<b>543</b>	<b>154</b>
<b>Meu Amigo Pateta</b>	<b>541</b>	<b>155</b>
<b>Meu Amigo Totoro</b>	<b>889</b>	
<b>Meu Cachorro, Meu Amigo</b>	<b>315</b>	
<b>Meu Filho, Meu Mundo</b>	<b>731</b>	<b>305</b>
<b>Meu Mestre, Minha Vida</b>	<b>689</b>	<b>379</b>
<b>Meu Nome É João</b>	<b>605</b>	
<b>Meu Paraguay Brasileiro, por Sylvio Back</b>	<b>852</b>	
<b>Meu Pé de Laranja Lima</b>	<b>736</b>	<b>306</b>
<b>Meu tio</b>	<b>72</b>	<b>48</b>
<b>Meus Tios Heróis</b>	<b>1036</b>	
<b>Minha carreira financeira</b>	<b>920</b>	
<b>Minha vida de cachorro</b>	<b>163</b>	<b>235</b>
<b>Mini-Milagre: O Chip Eletrônico</b>	<b>676</b>	
<b>Modernismo: O Anos 20</b>	<b>348</b>	
<b>Mogi-Guaçu</b>	<b>108</b>	
<b>Momento inesquecível</b>	<b>193</b>	<b>307</b>
<b>Montanhas da Lua</b>	<b>592</b>	<b>390</b>
<b>Monty Python's Flying Circus, 1</b>	<b>994</b>	
<b>MORTALIDADE INFANTIL</b>	<b>2205</b>	
<b>Morte e Vida Severina</b>	<b>714</b>	<b>44</b>
<b>Morte em Veneza</b>	<b>526</b>	<b>378</b>
<b>Mowgly, o Menino Lobo (animação)</b>	<b>969</b>	
<b>Mowgly, o Menino-lobo</b>	<b>604</b>	<b>397</b>
<b>Muito Além Do Jardim</b>	<b>982</b>	
<b>Muito barulho por nada</b>	<b>204</b>	<b>432</b>
<b>Mulher Índia</b>	<b>289</b>	<b>106</b>
<b>Mundo Alado</b>	<b>646</b>	
<b>Música, maestro!</b>	<b>197</b>	<b>115</b>
<b>Na ponta do fio</b>	<b>516</b>	
<b>Nadando em dinheiro</b>	<b>228</b>	<b>81</b>
<b>Nadia Comaneci</b>	<b>728</b>	

<b>Nanook do Norte - 1922</b>	<b>1014</b>	
<b>Não matará</b>	<b>203</b>	<b>437</b>
<b>Nas Montanhas dos Gorilas</b>	<b>683</b>	<b>398</b>
<b>Nasce a República</b>	<b>346</b>	
<b>Nascido em 4 de Julho</b>	<b>598</b>	
<b>Nascimento do Passo</b>	<b>200</b>	<b>309</b>
<b>Natureza a Preservar</b>	<b>746</b>	<b>303</b>
<b>Navalha na carne</b>	<b>231</b>	<b>310</b>
<b>Nelson Poeta</b>	<b>741</b>	<b>320</b>
<b>No Reino Das Mães: Adelina Gomes</b>	<b>1053</b>	
<b>No Tempo da II Guerra</b>	<b>351</b>	
<b>No Tempo Das Diligências</b>	<b>1010</b>	
<b>No tempo do onça</b>	<b>88</b>	<b>429</b>
<b>Nós Que Nos Amávamos Tanto</b>	<b>981</b>	
<b>Nosferatu</b>	<b>894</b>	
<b>Nossa hospitalidade</b>	<b>1112</b>	
<b>Novos Rumos: o Pós-Guerra</b>	<b>352</b>	
<b>Números Poligonais</b>	<b>665</b>	
<b>Números Triangulares</b>	<b>661</b>	
<b>Nunc et semper</b>	<b>104</b>	<b>443</b>
<b>Nunca Te Vi... Sempre Te Amei</b>	<b>459</b>	<b>120</b>
<b>Nuno Ramos</b>	<b>363</b>	
<b>O Abutre</b>	<b>306</b>	<b>261</b>
<b>O Aluno</b>	<b>1133</b>	
<b>O amuleto de Ogum</b>	<b>281</b>	<b>205</b>
<b>O Analfabeto</b>	<b>1001</b>	
<b>O Aniversário do Pato Donald</b>	<b>890</b>	
<b>O anjo azul</b>	<b>103</b>	<b>3</b>
<b>O Anjo Exterminador</b>	<b>658</b>	<b>400</b>
<b>O Apocalipse De Um Cineasta</b>	<b>897</b>	
<b>O Atalante</b>	<b>1109</b>	
<b>O Balão Branco</b>	<b>960</b>	
<b>O Bandido da Luz Vermelha</b>	<b>233</b>	<b>80</b>
<b>O Berçário do Atlântico</b>	<b>441</b>	<b>374</b>
<b>O Bom Burguês</b>	<b>653</b>	
<b>O BRINCAR E A MATEMÁTICA</b>	<b>2314</b>	
<b>O Caçula</b>	<b>896</b>	
<b>O Cangaceiro</b>	<b>248</b>	<b>129</b>
<b>O Canto da Terra</b>	<b>812</b>	
<b>O Caso dos Irmãos Naves</b>	<b>698</b>	<b>82</b>
<b>O Clima e o Mundo em que Vivemos</b>	<b>380</b>	
<b>O Construtivismo E A Prática Pedagógica</b>	<b>1030</b>	
<b>O Construtor de Sonhos</b>	<b>1067</b>	
<b>O Corcunda de Notre Dame</b>	<b>1096</b>	
<b>O Corcunda de Notre Dame</b>	<b>639</b>	
<b>O Corintiano</b>	<b>1050</b>	

O cotidiano da pré-escola	5	
O Cruzeiro	963	
O Cuko na Floresta Negra	777	188
O delito Matteotti	220	176
O Desafio	1141	
O desafio da leitura e a contribuição da literatura infantil	137	
O Desprezo	545	189
O Dia Do Pagamento	1008	
O diretor articulador do projeto da escola	105	
O Discreto Charme da Burguesia	586	399
O Documentário No Novo Cinema Latino-Americano, por Marília Franco	841	
O Dorminhoco	885	
O Encontro	694	
O Encouraçado Potemkin	142	52
O enigma de Kaspar Hauser	146	51
O Ensino da Matemática e o Desenvolvimento do Pensamento em Crianças de 1. Série do Currículo de Atividades	569	
O estranho mundo de Jack	928	
O Estranho Mundo de Jack	975	
O exército inútil	141	104
O Falcão Maltês: Relíquia Macabra	989	
O Fantasma Da Liberdade	630	
O fantasma de Canterville	43	
O Fio Da Memória	1056	
O Fio da Memória, por Eduardo Coutinho	843	
O Gabinete do Dr. Caligari	1105	
O Galante Mr. Deeds	1013	
O Garoto	790	413
O gosto da vitória	35	293
O Grande Momento	1128	
O Holandês Voador	1111	
O Homem da Capa Preta	700	184
O homem elefante	165	5
O homem mais engraçado do mundo	218	61
O Ilusionista	457	187
O incrível exército Brancaleone	178	193
O jogador	1	435
O Jogo Da Vida	1011	
O jogo e a construção do conhecimento na pré-escola	65	
O Judeu	1097	
O Livro Didático	430	370
O Livro Secreto Do Jovem Envenenador	1061	
O Mágico de Oz	670	387

O Mágico de Oz	671	387
O Mágico e o Delegado	263	301
O MAIOR TESOURO DO MUNDO	2257	
O Máskara	984	
O Máskara	983	
O mensageiro	194	102
O Mundo Invisível	791	
O Natal Inesquecível de Tom e Jerry	993	
O Nilo	478	284
O Noivo da Girafa	305	222
O nome da rosa	39	1
O Ódio	1040	
O olhar recortado	129	
O Pagador de Promessas	718	57
O País do Desperdício	608	
O país dos tenentes	235	47
O paisagista	907	
O Pão Nosso de Cada Dia	271	171
O papel do diretor e a escola de 1. grau	33	
O pessoal de apoio e as relações de trabalho na escola	24	
O Picolino	1082	
O Poder da Imagem	546	313
O Posto	256	216
O Povo Brasileiro: Darcy Ribeiro	1079	
O Professor Aloprado	998	
O Quatrilho	997	
O que eu faço com esse tesão?	156	245
O Que Terá Acontecido a Baby Jane?	482	225
O Rei dos Reis	1076	
O Rei Leão	1015	
O Retrato de Um Século	371	
O rio Amazonas	432	272
O roteiro de Pixote... por José Louzeiro	846	
O selvagem da motocicleta	84	440
O Sétimo Selo	951	
O Sol é Para Todos	260	143
O SONHO DE BETINHO: EDUCAÇÃO TRIBUTÁRIA PARA A CIDADANIA	2103	
O tamanho da Terra	663	
O Terceiro Homem	784	
O Tesouro de Sierra Madre	588	383
O Triunfo da Vontade	1099	
O Último Imperador	687	396
O Último Pistoleiro	307	99
O urso	904	

O Uso do Cinto de Segurança	854	
O uso do vídeo na escola	106	
O Vídeo do Bebê	729	
O vôo do condor	195	53
OFICINA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA	2302	
OLHARES QUE SE INTERCRUZAM: MEMÓRIA E CULTURA	2288	
Oliver Twist	643	
Onde Sonham as Formigas Verdes	719	119
Ópera do Malandro	857	77
OPERAÇÃO PRAIA LIMPA	2104	
Origem, Coleta e Alternativas do Lixo na Cidade de São Paulo	666	
Os 39 Degraus	1025	
Os Anos JK: Uma Trajetória Política	827	426
Os Azares da Sorte	475	308
Os bandidos do tempo	89	42
Os Boas-Vidas	633	
Os Caçadores da Arca Perdida	702	24
Os ccidentes de motocicleta e suas características	1009	
Os Clássicos Vadios	789	413
Os Europeus	531	226
Os exploradores: um século de descobertas	97	366
Os fuzis	224	72
Os Garotos Perdidos	684	
Os Gorilas da Montanha	678	
Os gritos do silêncio	96	214
Os Homens do Presidente	811	
Os Inconfidentes	995	
Os melhores anos de nossas vidas	1095	
Os miseráveis	219	186
Os mucker	244	177
Os Reinados	343	
Os Reis da Comédia	882	
Os reis do jazz	213	
OS RIOS NASCEM NO CÉU	2258	
Os Segredos do Titanic	677	
Os Sete Samurais	640	
Os Vivos e os Mortos	611	407
Outubro	216	58
Overdose	626	
Páginas da Revolução	1093	
Pai patrão	159	209
Palavra de leitor	187	
Palavra Viva	532	
Pantanal	243	253

Pão, Amor e Fantasia	616	
Papillon	924	
Para Lembrar um Grande Amor	276	311
Paralelo 49	255	199
PARCEIROS DO FUTURO: UM ANO DE CONQUISTAS	2108	
Parceiros do Futuro: uma aula de cidadania	2397	
Paris, Texas	778	32
PARTO NORMAL E CESÁRIA	2227	
Pas De Deux	517	
Pasolini: Um Delito Italiano	1113	
Pastoril	711	64
Pata nada	186	
Pateta nas Olimpíadas	990	
Paulicéia	486	
PAULO FREIRE	2317	
Paulo Pasta	356	
Paulo Setúbal: Romancista e Poeta	373	
Pavão misterioso	270	329
Pega ladrão!	915	
Pelle: o conquistador	162	217
Pensamento e Linguagem	288	
Pequena história da reforma agrária no Brasil	810	
Perfil: Affonso Romano de Sant'Anna	501	
Perfil: Alex Vianny	473	357
Perfil: Antonio Houaiss	462	346
Perfil: Arthur Moreira Lima	463	
Perfil: Barbara Eliodora	504	
Perfil: Barbosa Lima Sobrinho	496	
Perfil: Clovis Bornay	500	
Perfil: Dimarco Reis	493	
Perfil: Fernando Peixoto	494	
Perfil: Francisco Milani	464	
Perfil: Grande Otelo	466	
Perfil: Guilherme Figueiredo	497	
Perfil: Hélio Silva	471	347
Perfil: Jece Valadão	506	
Perfil: João das Neves	495	
Perfil: João Saldanha	468	
Perfil: Leila Gonzalez	461	
Perfil: Luis Carlos Barreto	502	
Perfil: Luis Carlos Prestes	182	224
Perfil: Maria Lucia Godoy	498	
Perfil: Milton Gonçalves	505	
Perfil: Moacir Felix	503	
Perfil: Nélida Piñon	467	

<b>Perfil: Nelson Pereira dos Santos</b>	<b>470</b>	<b>371</b>
<b>Perfil: Nelson Werneck Sodré</b>	<b>472</b>	<b>348</b>
<b>Perfil: Paulo Carvalho Netto</b>	<b>465</b>	
<b>Perfil: Raimundo Santa Helena</b>	<b>469</b>	<b>345</b>
<b>Perfil: Teotonio dos Santos</b>	<b>499</b>	
<b>Pernalonga e sua turma em homenagem a Chuck Jones</b>	<b>996</b>	
<b>Personagens do cinema brasileiro: Cangaceiros</b>	<b>1047</b>	
<b>Personagens do cinema brasileiro: Crianças</b>	<b>1043</b>	
<b>Personagens do cinema brasileiro: Místicos</b>	<b>1046</b>	
<b>Personagens do cinema brasileiro: os Marginais</b>	<b>1044</b>	
<b>Personagens do cinema brasileiro: os Políticos</b>	<b>1045</b>	
<b>Personagens do cinema brasileiro: Vedetes</b>	<b>1048</b>	
<b>Peter Rabbit e Seus Amigos, v. 1</b>	<b>1080</b>	
<b>Peter Rabbit E Seus Amigos, v. 2</b>	<b>1077</b>	
<b>Petróleo: do fóssil a chama</b>	<b>379</b>	
<b>Pica-Pau e Seus Amigos</b>	<b>709</b>	<b>147</b>
<b>Picasso: Guerra, Paz e Amor</b>	<b>550</b>	<b>349</b>
<b>Piccola Italia</b>	<b>1018</b>	
<b>Pinóquio</b>	<b>86</b>	<b>438</b>
<b>Pinturas Rupestres do Paraná</b>	<b>851</b>	
<b>Pixote: a lei do mais fraco</b>	<b>158</b>	<b>17</b>
<b>Planeja Quem Faz: Fórum Permanente do Magistério da Educação Básica</b>	<b>508</b>	
<b>Planejamento 1997: A Escola de Cara Nova</b>	<b>1104</b>	
<b>PLANTAS MEDICINAIS</b>	<b>2229</b>	
<b>Popeye</b>	<b>529</b>	<b>162</b>
<b>População brasileira: história e mitos</b>	<b>916</b>	
<b>Por Dúvida das Vias</b>	<b>625</b>	
<b>Por que as pessoas têm profissões específicas?</b>	<b>332</b>	
<b>Por que existem leis?</b>	<b>333</b>	
<b>Por que ler é importante?</b>	<b>321</b>	
<b>Por Que Precisamos Uns Dos Outros</b>	<b>326</b>	
<b>Por trás das letras</b>	<b>31</b>	
<b>Porco Rosso: o último herói romântico</b>	<b>926</b>	
<b>Pós-Modernidade</b>	<b>349</b>	
<b>PRÁTICAS EM INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS - PARTE 1</b>	<b>2296</b>	
<b>PRÁTICAS EM INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS - PARTE 2</b>	<b>2297</b>	
<b>PRÉ-NATAL</b>	<b>2233</b>	
<b>PREVENÇÃO DAS DEFICIÊNCIAS FÍSICAS E MENTAIS</b>	<b>2204</b>	

Prevenção também se ensina: um documentário	1155	
Primavera para Hitler	215	71
Primeiro de Maio Não é Primeiro de Abril	525	
<b>PRIMEIROS SOCORROS</b>	<b>2206</b>	
Procurando Encrenca	1062	
<b>PROFISSÃO CRIANÇA</b>	<b>2283</b>	
Profissão: Repórter (O Passageiro)	591	385
<b>PROGRAMA ACELERA BRASIL</b>	<b>2246</b>	
<b>PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES: MÓDULO 1</b>	<b>2355</b>	
<b>PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES: MÓDULO 2</b>	<b>2354</b>	
<b>PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES: MÓDULO 3</b>	<b>2356</b>	
Programa de Integração Universidade com o Ensino de 1. grau	568	
Programa Formação do Telespectador	782	
<b>PROGRAMA LEIA MAIS</b>	<b>2332</b>	
Programa Para Aperfeiçoamento de Professores da Rede Estadual de Ensino: História	804	
Programa Para o Aperfeiçoamento de Professores da Rede Estadual de Ensino: Biologia	805	
Programa Para o Aperfeiçoamento de Professores da Rede Estadual de Ensino: Ciências	818	
Programa Para o Aperfeiçoamento de Professores da Rede Estadual de Ensino: Educação - Magistério	806	
Programa Para o Aperfeiçoamento de Professores da Rede Estadual de Ensino: Educação Artística	817	
Programa Para o Aperfeiçoamento de Professores da Rede Estadual de Ensino: Educação Física	816	
Programa Para o Aperfeiçoamento de Professores da Rede Estadual de Ensino: Física	801	
Programa Para o Aperfeiçoamento de Professores da Rede Estadual de Ensino: Formação Geral I	824	
Programa Para o Aperfeiçoamento de Professores da Rede Estadual de Ensino: Formação Geral II	825	

<b>Programa Para o Aperfeiçoamento de Professores da Rede Estadual de Ensino: Formação Geral III</b>	<b>826</b>	
<b>Programa Para o Aperfeiçoamento de Professores da Rede Estadual de Ensino: Geografia</b>	<b>819</b>	
<b>Programa Para o Aperfeiçoamento de Professores da Rede Estadual de Ensino: Inglês</b>	<b>821</b>	
<b>Programa Para o Aperfeiçoamento de Professores da Rede Estadual de Ensino: Matemática</b>	<b>820</b>	
<b>Programa Para o Aperfeiçoamento de Professores da Rede Estadual de Ensino: Português</b>	<b>815</b>	
<b>Programa Para o Aperfeiçoamento de Professores da Rede Estadual de Ensino: Química</b>	<b>822</b>	
<b>Programa Vitrine: Bastidores do Castelo Rá-Tim-Bum</b>	<b>713</b>	
<b>PROGRESSÃO CONTINUADA: COMPROMISSO COM A APRENDIZAGEM; FÓRUM DE DEBATES</b>	<b>2256</b>	
<b>PROJETO CULTURAL</b>	<b>2362</b>	
<b>Projeto de Incentivo à Leitura</b>	<b>564</b>	
<b>Projeto escola é vida</b>	<b>823</b>	
<b>Projeto Ipê: a criança e o fracasso escolar</b>	<b>408</b>	
<b>Projeto Ipê: a fala e a escrita</b>	<b>409</b>	
<b>Projeto Ipê: alfabetização; uma nova didática</b>	<b>405</b>	
<b>Projeto Ipê: caminhos e descaminhos da fala e da escrita</b>	<b>402</b>	
<b>Projeto Ipê: como aprender a ler e escrever ou prontidão, um problema mal colocado</b>	<b>401</b>	
<b>Projeto Ipê: integrando as linguagens expressivas</b>	<b>404</b>	
<b>Projeto Ipê: o ensino da língua materna e estrangeira</b>	<b>407</b>	
<b>Projeto Ipê: ortografia</b>	<b>406</b>	
<b>Projeto Ipê: revendo algumas práticas de alfabetização</b>	<b>403</b>	
<b>Projeto Logo: O Computador no Ensino</b>	<b>524</b>	<b>159</b>
<b>Pumuckel</b>	<b>489</b>	
<b>Pumuckel 2</b>	<b>490</b>	
<b>Pumuckel 3</b>	<b>491</b>	
<b>Putifério Vai à Guerra</b>	<b>301</b>	<b>197</b>
<b>Qualificação Profissional: Comunicação e Expressão n. 17</b>	<b>392</b>	
<b>Qualificação Profissional: Comunicação e Expressão n. 19</b>	<b>394</b>	

Qualificação Profissional: Comunicação e Expressão n. 3	391	
Qualificação Profissional: Comunicação e Expressão n. 7	398	
Qualificação Profissional: Educação Física n. 1	386	
Qualificação Profissional: Educação Física n. 2	387	
Qualificação Profissional: Educação Física n. 4	388	
Qualificação Profissional: Educação Física n. 5	389	
Qualificação Profissional: Educação Física n. 7	390	
Qualificação Profissional: Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1. Grau, n. 1	376	
Qualificação Profissional: Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1. grau, n. 5	396	
Qualificação Profissional: Multimeios de Aprendizagem n. 1	383	
Qualificação profissional: multimeios de aprendizagem n. 2	397	
Qualificação Profissional: Multimeios de Aprendizagem n. 3	384	
Qualificação Profissional: Multimeios de Aprendizagem n. 4	393	
Qualificação Profissional: Multimeios de Aprendizagem n. 5	385	
Quando a Criança Começa a Frequentar a Creche	813	
Quando Papai Saiu em Viagem de Negócios	599	402
Que Bom Te Ver Viva	627	
QUEM OUVI BEM, APRENDE MELHOR: PRÉ - TRIAGEM AUDITIVA	2292	
Querem bater a minha carteira	914	
Querida, Encolhi as Crianças	655	
Quero Ser Grande	966	
Quilombo	177	90
Rastros de Ódio	692	412
Realidade: El Salvador	443	315
Recado aos gatos	940	
Recado aos pais	937	
Recado às gatas	939	
Recriando o olhar	131	
Recursos humanos para a alfabetização	185	
Reds	261	100
Reed royalty: mestres da palheta	214	
Rei Lear	727	316

Renovo	196	
Repórter Especial: Maio/1968	485	
REPRODUÇÃO HUMANA	2203	
República Guarani	176	180
Retrato de Teresa	484	
Revolução Constitucionalista de 32	431	237
Revolução de 30	175	181
Rindo com Max Linder	767	46
Rio 40 Graus	1052	
Rio Zona norte	282	124
Roberto	1135	
Robin Hood: o príncipe dos ladrões	45	420
Rocco e Seus Irmãos	595	393
Roda Vida: Ana Mae Barbosa	1149	
RODA VIVA: A QUESTÃO DO LIXO	2276	
RODA VIVA: ALFREDO BOSI	2352	
RODA VIVA: ARIANO SUASSUNA	2351	
Roda Viva: Darcy Ribeiro	1078	
RODA VIVA: DOMENICO DE MASI - 2	2266	
RODA VIVA: EDGAR MORIN	2271	
Roda viva: Emília Viotti	2398	
RODA VIVA: GABRIEL CHALITA	2267	
RODA VIVA: GERALDO ALCKMIN	2275	
RODA VIVA: IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO	2353	
RODA VIVA: JOÃO UBALDO RIBEIRO	2268	
RODA VIVA: MANUÊL CASTÊLLS	2370	
RODA VIVA: MARIO COVAS - 1	2273	
RODA VIVA: MARIO COVAS - 2	2274	
RODA VIVA: MARIO COVAS - HOMENAGEM	2272	
RODA VIVA: MÁRIO LAGO	2265	
RODA VIVA: ORLANDO VILLAS-BOAS	2369	
RODA VIVA: PAULO RENATO DE SOUZA	2298	
RODA VIVA: PHILLIPE PERRENOUD	2299	
RODA VIVA: PIERRE LÉVY	2270	
RODA VIVA: ROSE NEUBAUER	2101	
RODA VIVA: RUBEM ALVES	2357	
RODA VIVA: RUTH ROCHA	2269	
RODA VIVA: SEBASTIÃO SALGADO	2300	
RODA VIVA: ZIRALDO	2359	
Roma, Cidade Aberta	614	416
Romeu e Julieta	642	
Romeu e Julieta	697	140
Rosa Luxemburgo	303	136
RUI CANÁRIO: O EDUCADOR NO OLHO DO FURACÃO	2304	
Sábado	954	

<b>SAEB 99: RESULTADOS COMPARADOS; MATEMÁTICA E PORTUGUÊS</b>	<b>2105</b>	
Sala-ambiente: escola de sucesso	1100	
Saltimbancos	174	317
Salve o Ursinho Panda	681	
Sammy e Rosie	601	
Sangue de Herói	1081	
São Bernardo	164	18
<b>SARAMPO</b>	<b>2200</b>	
<b>SARNA E PIOLHO</b>	<b>2225</b>	
Saúde Brasil: Asma	1159	
<b>SAÚDE BRASIL: DENGUE</b>	<b>2253</b>	
Saúde Brasil: Esquizofrenia	1161	
Saúde Brasil: Hepatites	1160	
<b>SAÚDE BUCAL</b>	<b>2212</b>	
<b>SAÚDE OCULAR E PREVENÇÃO DA CEGUEIRA</b>	<b>2226</b>	
<b>SAÚDE VOCAL</b>	<b>2371</b>	
Século XVIII: a Colônia Dourada	342	
Século XX: Primeiros Tempos	347	
Sedução	1038	
Segredos de adolescente	948	
Segredos e Mentiras	1121	
<b>SEM CAMISINHA, NÃO DÁ!</b>	<b>2259</b>	
Sem Destino	527	219
Sem problemas: eu decido!	908	
Semente em solo fértil	22	
Ser Ou Não Ser	1024	
<b>SERVIÇOS DE SAÚDE</b>	<b>2195</b>	
Sete Quedas	67	252
Sexo na Classe	742	319
<b>SEXO SEM VERGONHA</b>	<b>2286</b>	
Shirley Valentine	667	
Sinfonia do Alto Ribeira	253	204
Sistema Circulatório	320	
Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo	1019	
Sistema Nervoso	318	
Sistema Respiratório	322	
Situação Mundial da Infância 1989	520	
Sob Fogo Cerrado	308	22
Sobre a Origem da Riqueza	757	251
<b>SOBRE NÓS: A DIGNIDADE DAS CRIANÇAS</b>	<b>2361</b>	
Sociedade dos poetas mortos	99	218
Solaris	252	161
Somos Nove Milhões	765	172
Sonhos	206	428

Soproforte	1091	
SOS Educação	555	
Spartacus	779	
Spartacus (balé)	208	165
Squich	961	
Stalker	250	101
Submarino Amarelo	548	321
Surdez Infantil	378	
SUS	2199	
Tá limpo!	52	
TABAGISMO	2221	
Talk rádio	101	322
Tangos: o exílio de Gardel	153	160
Tartufo	898	
Tarzan E Sua Companheira	1066	
Tati, a garota	227	323
Teatro Guaíra	32	231
Tela de alfinetes	902	
TELECONFERÊNCIA 10: PEC FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA: (IN) DISCIPLINA EM QUESTÃO	2366	
TELECONFERÊNCIA 11: PEC FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA: AVALIAÇÃO: PASSADO, PRESENTE E FUTURO	2367	
TELECONFERÊNCIA 12: PEC FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA: O PAPEL DO PROFESSOR NA CONSTRUÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO	2368	
TELECONFERÊNCIA 13: VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E PRECONCEITO LINGÜÍSTICO	2372	
TELECONFERÊNCIA 14: O ENSINO DA LÍGUA PORTUGUESA HOJE: OBJETOS, OBJETIVOS, CONTEÚDOS	2391	
TELECONFERÊNCIA 15: A OBRIGATORIEDADE ESCOLAR E O OFÍCIO DE ENSINO	2373	
TELECONFERÊNCIA 16: A PRÁTICA DA ANÁLISE LINGÜÍSTICA: REFLEXÃO SOBRE O USO E A PRÓPRIA LINGUAGEM	2374	
TELECONFERÊNCIA 17: A LITERATURA NA ESCOLA: OFICINA CULTURAL 5	2376	
TELECONFERÊNCIA 18: SÍNTESE DE TEMA 4 - LÍNGUA PORTUGUESA	2381	
TELECONFERÊNCIA 19: QUE MATEMÁTICA DEVE SER ENSINADA NA ESCOLA HOJE?	2382	
TELECONFERÊNCIA 20: TEMAS EMERGENTES EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA	2383	
TELECONFERÊNCIA 21: PRÁTICAS DO	2384	

<b>PROFESSOR NA SALA DE AULA DE MATEMÁTICA</b>		
<b>TELECONFERÊNCIA 22: CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E SOCIEDADE</b>	<b>2385</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA 23: ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E O ENSINO DE CIÊNCIAS</b>	<b>2387</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA 24: AS IMAGENS COMO FONTES NO ENSINO DE HISTÓRIA</b>	<b>2388</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA 25: PENSANDO O ENSINO DE GEOGRAFIA</b>	<b>2389</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA 26: DESAFIOS DO ENSINO DE ARTE NA ESCOLA PÚBLICA</b>	<b>2393</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA 27: SAÚDE NA ESCOLA</b>	<b>2394</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA 28: ESCOLA E ORGANIZAÇÃO CURRICULAR: PRINCÍPIOS E NÍVEIS DE CONCRETIZAÇÃO</b>	<b>2395</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA 29: MEMÓRIAS DO PEC FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA: UM BALANÇO FINAL</b>	<b>2396</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA 4: PEC FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA; TRABALHO DOCENTE: A FORMAÇÃO DO PROFESSOR FACE AS DEMANDAS DA ATUALIDADE</b>	<b>2340</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA 6: PEC FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA; ORGANIZAÇÃO CURRICULAR NA REFORMA EDUCACIONAL BRASILEIRA E PAULISTA</b>	<b>2327</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA 8: PEC FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA: AS CONDIÇÕES DE SELETIVIDADE NO COTIDIANO DA ESCOLA E AS POSSIBILIDADES DAS PRÁTICAS INCLUSIVAS, COMO FATOR DE SUPERAÇÃO DA EXCLUSÃO</b>	<b>2326</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA 9: PEC FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA: ANALISANDO O PROCESSO DE TRABALHO DA PRIMEIRA ETAPA</b>	<b>2365</b>	
<b>Teleconferência latino-americana sobre alfabetização, 1</b>	<b>287</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA, 1: PEC FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA: CALEIDOSCÓPIO</b>	<b>2321</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA, 2: PEC FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA; POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL</b>	<b>2322</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA, 3: PEC FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA; MEMÓRIA E FORMAÇÃO DO DOCENTE</b>	<b>2323</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA, 5: PEC FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA; DIVERSIDADE CULTURAL</b>	<b>2324</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA, 7: PEC FORMAÇÃO</b>	<b>2325</b>	

<b>UNIVERSITÁRIA; LIVRO DIDÁTICO</b>		
<b>TELECONFERÊNCIA: DESEJOS ANIMADOS: UMA REDE DE TALENTOS</b>	<b>2364</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA: DROGAS NA ESCOLA: UM PROBLEMA DE TODOS</b>	<b>2341</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA: EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS</b>	<b>2358</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA: EDUCAÇÃO E SOCIEDADE</b>	<b>2360</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA: EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: VAMOS DESVENDAR ESSE MISTÉRIO</b>	<b>2345</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA: JOVEM VOLUNTÁRIO, ESCOLA SOLIDÁRIA</b>	<b>2363</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA: PROFESSORES E ALUNOS, ENCONTROS, HISTÓRIAS E PERSPECTIVAS</b>	<b>2306</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA: VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS</b>	<b>2344</b>	
<b>TELECONFERÊNCIA: VULNERABILIDADE DO ADOLESCENTE</b>	<b>2305</b>	
<b>Tempos de Cinema</b>	<b>1070</b>	
<b>Tempos modernos</b>	<b>82</b>	<b>436</b>
<b>Teorema de Pitágoras</b>	<b>662</b>	
<b>Terceiro Milênio</b>	<b>247</b>	<b>4</b>
<b>Terra</b>	<b>189</b>	
<b>Terra dos índios</b>	<b>171</b>	<b>94</b>
<b>Terra e Liberdade</b>	<b>1023</b>	
<b>Terra em Transe</b>	<b>735</b>	<b>403</b>
<b>Terra Estrangeira</b>	<b>980</b>	
<b>Terra para Rose</b>	<b>492</b>	
<b>Tesouros do Passado</b>	<b>649</b>	
<b>The Masp Movie: o Filme do Masp</b>	<b>750</b>	<b>149</b>
<b>Tico-Tico No Fubá</b>	<b>1012</b>	
<b>Tipos de reações químicas</b>	<b>341</b>	
<b>Tocablanca</b>	<b>1075</b>	
<b>Toda criança é capaz de aprender?</b>	<b>30</b>	
<b>Todo Homem Tem Seu Preço</b>	<b>743</b>	<b>331</b>
<b>Tom e Jerry: O Filme</b>	<b>1002</b>	
<b>Totó e as Mulheres</b>	<b>395</b>	<b>148</b>
<b>Toy Story: Um Mundo de Aventuras</b>	<b>1000</b>	
<b>Toy Story: Um Mundo de Aventuras</b>	<b>999</b>	
<b>Tragédia SP</b>	<b>1006</b>	
<b>Trainspotting: Sem Limites</b>	<b>1108</b>	
<b>Transa legal</b>	<b>938</b>	
<b>Tron: Uma Odisséia Eletrônica</b>	<b>460</b>	<b>121</b>
<b>Trono Manchado de Sangue</b>	<b>636</b>	

<b>TUBERCULOSE</b>	<b>2192</b>	
TV Escola: programas 1, 2, 3 e 4	8	
TV Escola: programas 13, 14, 15 e 16	11	
TV Escola: programas 17, 18, 19 e 20	12	
TV Escola: programas 21, 22, 23 e 24	13	
TV Escola: programas 25, 26, 27 e 28	14	
TV Escola: programas 29, 30, 31 e 32	15	
TV Escola: programas 33, 34, 35 e 36	16	
TV Escola: Programas 37, 38, 39 e 40	807	
TV Escola: programas 41, 42, 43 e 44	17	
TV Escola: programas 45, 46, 47 e 48	18	
TV Escola: programas 49, 50, 51 e 52	113	
TV Escola: programas 5, 6, 7 e 8	9	
TV Escola: programas 53, 54, 55 e 56	19	
TV Escola: programas 57, 58, 59 e 60	20	
TV Escola: programas 61, 62, 63 e 64	21	
TV Escola: programas 9, 10, 11 e 12	10	
TV Papel	606	
TV Viva: Programa TV Comunitária	766	240
Tzuba Tzuma	962	
Ulysses	274	126
Um abraço	932	
Um assalto muito louco	925	
Um Estranho no Ninho	690	392
<b>UM FINAL DE SEMANA COM OS PARCEIROS DO FUTURO</b>	<b>2282</b>	
Um novo começo	922	
<b>UM NOVO OLHAR: ORIENTAÇÃO AOS PAIS E EDUCADORES</b>	<b>2290</b>	
Um Peixe Chamado Wanda	682	
Um salto para o futuro: Ciências I	831	
Um salto para o futuro: Ciências II	832	
Um salto para o futuro: Ciências III	833	
Um salto para o futuro: Ciências IV	834	
Um salto para o futuro: Linguagem I	835	
Um salto para o futuro: Linguagem II	836	
Um salto para o futuro: Linguagem III	837	
Um Salto Para o Futuro: Matemática	838	
Uma Cidade Sem Passado	693	405
Uma Cilada Para Roger Rabbit	573	239
Uma Cilada Para Roger Rabbit	549	
Uma Escola Para Todos: Em Busca Da Cidadania	881	
<b>UMA EXPERIÊNCIA DE SUCESSO: JOHN DEVINE</b>	<b>2281</b>	
Uma Janela Para O Mundo	1017	
Uma Rua Chamada Pecado	1132	

Uma saída política	905	
Uma Viagem na Adolescência	414	325
Uma Viagem Pessoal Através do Cinema Americano com Martin Scorsese	953	
Uso da Informática na Educação Especial	523	159
Uvas e Vinhos	412	332
VACINAÇÃO	2201	
Van Gogh	81	441
Ver Ou Não Ver	1092	
Vera	319	182
Verão de 42	537	234
Verminose	567	
VERMINOSES	2202	
Viaduto do Chá	370	
Viagem ao Fim de Uma Era	433	192
Viagem ao Mundo dos Sonhos	266	139
Viagem Insólita	654	386
Viajando pelo Modernismo	369	
Vida e Sangue de Polaco	748	326
Vidas secas	237	27
Vídeo do Instituto de Estudos Brasileiros	290	
Vídeo Institucional do Instituto Cultural Itaú	375	
VIDEOCONFERÊNCIA: NAVEGAR É PRECISO	2392	
Videoteca pedagógica	130	
VIGILÂNCIA SANITÁRIA	2197	
Villa-Lobos: o índio de casaca	71	198
VIOLÊNCIA CONTRA ADOLESCENTE	2208	
Violência: um retrato em branco e preto	23	
Vira volta	234	
Virgem idade	936	
VISAGES DE LA FRANCE	2187	
Viva México!	217	50
Viva o cachorro!	912	
Vozes Distantes	1060	
VULNERABILIDAIDS VULNERADOLESCENTES	1156	
Xica da Silva	226	122
Xingú	70	297
Yol	763	110
Zabumba	754	150
Zero a Três, Crescer e Desenvolver, Brincando na Creche	607	
Zero para repetência	1041	















# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)